



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DAIANE PEREIRA SOARES

**HOJE EU ME PARI: ESCRIVIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E
RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

**CAJAZEIRAS
2023**

DAIANE PEREIRA SOARES

**HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E
RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.

**CAJAZEIRAS
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S676h	<p>Soares, Daiane Pereira.</p> <p>Hoje eu me pari: escrituras como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica / Daiane Pereira Soares. – Cajazeiras, 2023. 186f. : il. Color.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.</p> <p>Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Escrita de mulheres. 2. Feminismo decolonial. 3. Interseccionalidade. 4. Gênero. 5. Formação acadêmica feminina. 6. Violência de gênero. 7. Mulheres na universidade - Desafios. 8. Educação e interseccionalidade. 9. Mães na universidade. 10. Vida acadêmica feminina. I. Sousa, Kássia Mota de. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 003 - 055.2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

DAIANE PEREIRA SOARES

**HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E
RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.

Aprovada em: 03/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
KASSIA MOTA DE SOUSA
Data: 11/11/2023 12:04:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Documento assinado digitalmente
JULIANA SILVA SANTANA
Data: 08/11/2023 11:45:10-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Juliana Silva Santana (Examinadora Titular)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Documento assinado digitalmente
LUIZETE VICENTE DA SILVA
Data: 11/11/2023 11:37:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Luizete Vicente da Silva (Examinadora Titular)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Belijane Marques Feitosa (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho às minhas *hermanas* de escrita, vivências e resistências. Em especial às mulheres da minha vida: minha mãe, Luziana e minha irmã, Daniele.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

AGRADECIMENTOS

Aos meus guias espirituais, que me fortalecem e me dão força para continuar. Minha eterna gratidão e pedido de proteção.

Às mulheres feministas e minhas ancestrais, que resistiram e que abriram o caminho para mim e para outras mulheres. Vocês estão presentes e vivas. Espero honra-las e abrir caminhos para as minhas *hermanas*.

À educação pública, que sem ela não estaria aqui. E que com ela continuarei lutando e buscando por melhorias.

Às *hermanas* da pesquisa, que assinam este trabalho junto comigo, que confiaram em mim enquanto pesquisadora e viram na pesquisa a possibilidade de mudança. Vocês são únicas. Seus escritos os mais belos. Continuem no exercício da escrita. Não parem. Fazem suas vozes ecoarem.

À minha família: minha mãe, Luziana, a mulher que me colocou nesse mundo e sempre quis torna-lo melhor para mim, também quero torna-lo melhor para você, essa pesquisa tem muito de você nela, obrigada por tudo o que a senhora representa. Meu pai, Damião, pelo seu carinho e amor sem medidas. Minha irmã, Daniele, que é uma segunda mãe para mim, que sempre foi colo, carinho e acalento. Aos meus irmãos Daniel e Danilo, que deixam o meu coração quentinho e enche a minha vida de amor. Vocês são as razões pelas quais eu tenho motivos para agradecer e resistir. São tudo para mim. Amo vocês imensamente.

Às minhas sobrinhas Ágatha e Eduarda, espero muito que quando vocês estiverem maiores esse mundo esteja melhor para vocês. Lutarei para que esteja. Vocês são alegria, felicidade e a esperança de um mundo melhor. Amo vocês.

Ao meu cunhado, Beto, que se tornou um irmão mais velho e que com sua chegada só trouxe mais alegria para a família.

Às minhas amigas e amigos: Anaiesley, Letícia, Viviane, Bruna, Luan, Messias e Samuel. Vocês são muito especiais. Deixam tudo mais alegre e cheio de energia. Obrigada por sempre estarem presentes.

Ao meu amigo e companheiro, Ticiano, por estar comigo compartilhando e desfrutando o melhor dessa vida. Obrigada por ter deixado todo esse processo mais leve.

À minha orientadora e amiga, Kássia, que me “puxou” e até então sigo na resistência e na construção de um mundo melhor. Te admiro.

À professora, Dena, que foi acalento no momento mais conturbado da minha vida acadêmica. Minha eterna gratidão.

Às mulheres do GIPE: Larissa, Jaqueline, Mariana Moreira, Kethley e Karla, por todas as partilhas, construções, apoio e irmandade. O meu encontro com vocês foi um marcador importantíssimo na minha trajetória acadêmica. Meu carinho por vocês é sem medidas.

À banca: Juliana e Luizete. Mulheres potentes. Que com os seus olhares sensíveis contribuíram para esta pesquisa. Gratidão.

Às/aos amigas/os que encontrei durante esta trajetória, em especial: Mariana Andreino, Natália e Nicoli. Mariana com o seu jeito de ser, sempre alegrou e trouxe positividade nos dias conturbados durante a graduação. Natália, que por um tempo foi a minha colega de apartamento, compartilhamos muitas coisas juntas. Obrigada pela amizade de vocês.

Às/aos servidoras/es do CFP/UFCG, em especial a dona Juci, dona Prima, dona Edilma e dona Nenê. Os dias de café, risadas, conversas e trocas de afetos estão guardados comigo.

Às professoras da Educação Básica com quem tive a feliz oportunidade de encontrar nesta trajetória: Anália, Vanizia, Franciene e Sandra. Obrigada pelas partilhas de conhecimentos, experiências e aprendizados.

Ao meu “jotinha”: Cineide, Vandinha, Raisa, Mozias, Carlos Henrique, Romenya e Cicinha. Vocês são pessoas especiais e de coração bom. Plantaram uma sementinha em mim que só floresce. Tenho muito carinho por vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de participar como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa Residência Pedagógica (PRP). A experiência nestes

programas foi riquíssima para a minha formação acadêmica e o apoio financeiro possibilitou a minha permanência na Universidade.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que por muito tempo foi casa. Pelos programas de monitoria e extensão, onde contei com aprendizagens únicas. Lugar no qual tive encontros com pessoas maravilhosas que levo para a vida. Neste espaço encontrei o conhecimento, amizades, afetos, o amor.

RESUMO

A presente monografia pretende investigar os desafios de ser mulher e ser universitária, considerando os contextos e as identidades que as estudantes estão inseridas. Mediante a isso, a pesquisa se originou a partir da seguinte problemática: como as identidades que atravessam a vida das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, podem influenciar na formação acadêmica destas mulheres? Objetivando evidenciar como as violências, sobretudo as de gênero, são capazes de afetar a trajetória acadêmica destas alunas. Como aportes teóricos, o estudo se ancora nas perspectivas do feminismo decolonial e interseccional, dialogando com Anzaldúa (2000), Davis (2018), Evaristo (2020), Gonzalez (2020), hooks (2019), Oyěwùmí (2004), Ribeiro (2017), Vergès (2020), entre outras autoras. Metodologicamente, foram realizadas análises e discussões com as cartas das voluntárias da pesquisa, nas quais revelam os desafios encontrados no espaço acadêmico e os caminhos que elas encontram para perpassá-los; como também, o preenchimento de um formulário com o objetivo de traçar o perfil das universitárias. O diálogo e a escrita dessas mulheres apontam que as universitárias mães, universitárias trabalhadoras remuneradas e universitárias que residem longe da universidade se encontram em desvantagens no espaço acadêmico, dado que o tempo de estudos concorre com as outras instâncias de suas vidas, e, que estas desvantagens se potencializam ao tempo que as universitárias estão circunscritas em mais de uma identidade. Foi salientado, também, sobre a importância da discussão de gênero nos espaços educacionais e do amparo institucional, a partir de políticas públicas efetivas, para o acesso e permanência das mulheres na Universidade.

Palavras-chaves: Gênero. Feminismo decolonial. Interseccionalidade. Escrita de mulheres. Formação acadêmica.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate the challenges of being a woman and being a university student, taking into account the contexts and identities of the students. With this in mind, the research originated from the following problem: how can the identities that permeate the lives of female students at the Teacher Training Center (CFP) of the Federal University of Campina Grande (UFCG), Cajazeiras campus, influence their academic training? The aim is to show how violence, especially gender-based violence, can affect the academic career of these students. As theoretical contributions, the study is anchored in the perspectives of decolonial and intersectional feminism, dialoguing with Anzaldúa (2000), Davis (2018), Evaristo (2020), Gonzalez (2020), hooks (2019), Oyěwùmí (2004), Ribeiro (2017), Vergès (2020), among other authors. Methodologically, we analyzed and discussed the letters from the research volunteers, in which they revealed the challenges they face in the academic space and the ways they find to overcome them; as well as filling out a form with the aim of profiling the university students. The dialogue and writings of these women point out that university mothers, university paid workers and university students who live far from the university are at a disadvantage in the academic world, given that their study time competes with other aspects of their lives, and that these disadvantages are exacerbated when university students are circumscribed in more than one identity. They also stressed the importance of discussing gender in educational spaces and of institutional support, based on effective public policies, for women's access to and permanence at university.

Keywords: Gender. Decolonial feminism. Intersectionality. Women's writing. Academic formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da UFCG	34
Figura 02 – Itinerário para análise	39
Figura 03 – Ilustração de Crenshaw (2004)	40
Figura 04 – Itinerário da pesquisa	41
Figura 05 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de M.M	46
Figura 06 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.P	47
Figura 07 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de A.P	48
Figura 08 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.J	49
Figura 09 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de L.L	50
Figura 10 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de V.R	51
Figura 11 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.G	52
Figura 12 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de D.V	53
Figura 13 – De(s)ingularidade dos atravessamentos de K.A	54
Figura 14 – Núcleos de sentido	57
Figura 15 – Escrivivência da <i>hermana</i> V.R	83
Figura 16 – Escrivivência da <i>hermana</i> J.P	84
Figura 17 – Escrivivência da <i>hermana</i> A.P	85
Figura 18 – Inter-relações dos núcleos de sentido das <i>hermanas</i> V.R, J.P e A.P	86
Figura 19 – Escrivivência da <i>hermana</i> D.V	86
Figura 20 – Escrivivência da <i>hermana</i> J.G	87
Figura 21 – Escrivivência da <i>hermana</i> M.M	87
Figura 22 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> D.V	89
Figura 23 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> J.G	89
Figura 24 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> M.M	89
Figura 25 – Escrivivência da <i>hermana</i> L.L	90
Figura 26 – Escrivivência da <i>hermana</i> J.J	91
Figura 27 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> L.L	92
Figura 28 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> J.J	92
Figura 29 – Escrivivência da <i>hermana</i> K.A	93
Figura 30 – Inter-relações dos núcleos de sentido da <i>hermana</i> K.A	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Taxa de realização de afazeres domésticos, por sexo, segundo a condição no domicílio	63
Gráfico 02 – Intersecções da parentalidade das <i>hermanas</i>	65
Gráfico 03 – Perfil das <i>hermanas</i> mães universitárias	67
Gráfico 04 – Taxa de realização de cuidados de pessoas, por sexo, segundo condição no domicílio	68
Gráfico 05 – Sobre as sobrecargas <i>versus</i> graduação	95
Gráfico 06 – Sobre as dificuldades <i>versus</i> desigualdades	96
Gráfico 07 – Sobre a participação nos programas acadêmicos	97
Gráfico 08 – Universidade <i>versus</i> permanência	98
Gráfico 09 – Universidade <i>versus</i> desistência	100
Gráfico 10 – Percentual de trancamento por motivo de licença maternidade	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Distribuição dos cursos do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) por Unidade Acadêmica (UA)	34
Quadro 02 – Identificação das <i>hermanas</i> da pesquisa	35
Quadro 03 – Leitura das setas de linha contínua	44
Quadro 04 – Leitura das setas de linha seccionada	45
Quadro 05 – Perfil das <i>hermanas</i> da pesquisa (UC)	55
Quadro 06 – Perfil das <i>hermanas</i> da pesquisa (UR)	55
Quadro 07 – Distância casa-universidade das <i>hermanas</i>	75

LISTA DE SIGLAS

AC – Auxílio Creche

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais do Ensino Superior

CAAE – Certificado de Apresentação em Apreciação Ética

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CFP – Centro de Formação de Professores

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MÃES – Mulheres Acadêmicas Ensinam

PBP – Programa Bolsa Permanência

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil

PRAC – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários

PROBEX – Programa de Bolsas de Extensão

RP – Residência Pedagógica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UA – Unidade Acadêmica

UACEN – Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e da Natureza

UACS – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

UACV – Unidade Acadêmica de Ciências da Vida

UAE – Unidade Acadêmica de Educação

UAENF – Unidade Acadêmica de Enfermagem

UAL – Unidade Acadêmica de Letras

UC – Unidade de Contexto

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UNAGEO – Unidade Acadêmica de Geografia

UR – Unidade de Registro

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	17
2 INTRODUÇÃO.....	20
3 <i>HERMANAS</i> INTELLECTUAIS QUE ANCORAM A DISCUSSÃO	25
3.1 Uma discussão feminista decolonial e interseccional	25
3.2 Educação e interseccionalidade: uma reflexão pedagógica decolonial.....	29
4 METODOLOGIA.....	32
4.1 Caráter ético e motivações	32
4.2 Lócus da pesquisa	33
4.3 <i>Hermanas</i> participantes da pesquisa	35
4.4 Percurso, técnicas e instrumentos de coleta de dados	36
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	42
5.1 Entre os atravessamentos e as demandas, aqui, mais uma universitária: apresentando minhas <i>hermanas</i>	43
5.2 Escrivências como ato revolucionário: “ <i>Se alcançamos o direito a universidade, porque o ambiente acadêmico não atende as nossas devidas necessidades?</i> ”	56
5.2.1 Universitárias e trabalhadoras remuneradas: “ <i>coloquei na cabeça que eu queria participar, mas como?</i> ”	57
5.2.2 Mães na universidade: “ <i>é como se nós não existíssemos, como se ser mãe não fosse um agravante para a queda do nosso rendimento</i> ”	64
5.2.3 Universitárias e os trajetos: “ <i>o medo perpassou o caminho</i> ”	75
5.2.4 As inter-relações dos núcleos de sentido: “ <i>não sei se compreendem como ato de coragem, para mim é resistência</i> ”	81
5.3 Políticas públicas no CFP/UFCG: o que dizem as <i>hermanas</i> ?	94
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: PONTO DE PARTIDA	106
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE	116

ANEXOS	179
--------------	-----

1 APRESENTAÇÃO

27/09/23

Queridas leitoras e queridos leitores comprometidos/os com a discussão deste trabalho. Queridos herman@s. Saudes todas/os.

Pensei nesta breve apresentação, como um espaço em que pudéssemos nos aproximar antes de iniciar a leitura deste trabalho. Escrevendo estas linhas lembrei Conceição Evaristo quando ela diz: "meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa". Quero que vocês se sintam em casa com a leitura desta pesquisa. Não quero que seja somente mais um texto acadêmico para vocês. Não que isso seja um ponto negativo. Mas, quero que seja além.

Estou trazendo a apresentação no formato de carta, porque na pesquisa eu analiso cartas de algumas universitárias. É oje neste exercício, de escrevermos a partir da enunciação de nosso lugar, como um ato político, revolucionário e de resistência. Além de ser um lugar de afeto, de nosso encontro umas com as outras e de encontro com nós mesmas. Aprendi muito disso com as leituras dos escritos teóricos das intelectuais feministas deceleradas.

O meu encontro com elas me marcou profundamente.

Desde então, parecino estar próxima de mim quando escrevo, para poder estar próxima daquelas com quem quero dialogar. Não me anularei para caber em espaço algum, não mais. No momento em que eu falo a partir do meu "eu", me vejo com um "nós". Justamente por me compreender como um corpo coletivo. Eu, mulher, mendicima, pobre, minoritária, latino-americana... Nós.

Por isso quero dizer que essa poética tem muito de mim, muito de "eu", muito de "nós". Ela não carregará de lutas, de resistências e de lugares diversos. Tem empatia com a escrita de mulheres, Mulheres consideradas "subalternas" que estão fazendo ciência junto comigo. Escritoras na primeira pessoa, em um pedaço de papel e uma caneta na mão. Mulheres que terminaram seus estudos no ensino universitário, mas trabalham com as línguas no campo, na estrada dentro de ônibus. Mulheres que se dedicaram a perseguir toda a sua trajetória acadêmica e a mesma vida mais daí. Mulheres que reivindicam por mudança. Mulheres potentes.

É assim que faço esta pesquisa: com eles. Não estou seguindo 'fagem' de este trabalho. É mais questionário que literatura. Não tinha sentido algum fugir de tudo o que eu preferisse para esta discussão. Não estamos sendo falados ou representados por outros, a partir de uma mentalidade que não existe. Estamos falando por mim e por aqueles que partem da emancipação de seus lugares. É assim, com a mesma coletividade, porém no limiar público e na justiça social.

Espero que a leitura deste trabalho seja para vocês tudo o que ele é para mim: afeto, ato político, potência e resistência.

Com carinho, Dora

2 INTRODUÇÃO

Ser mulher ainda está relacionado a uma sistemática sexista/machista/patriarcal/colonial na qual nos colocam em um patamar de grandes vulnerabilidades e de grandes discriminações. Pensar o ser mulher, especificamente no Brasil, implica questionar uma estrutura eurocêntrica que normatiza, silencia, naturaliza e padroniza sua epistemologia e sua cultura em todas as esferas sociais (Oyěwùmí, 2004).

Venho pensando sobre esta temática a partir das minhas vivências enquanto mulher e de partilhas, com colegas de infância, do bairro, da escola e da Universidade, de acontecimentos e de situações constrangedoras, discriminatórias e até mesmo violentas nas quais nós passamos. Aos poucos fui desnaturalizando o que culturalmente foi me colocado, ou melhor, imposto, sobre o que é ser mulher e pude perceber que, o que me foi ensinado não passa de um ocultamento e de um silenciamento sobre esta temática.

Deste modo, no decorrer da minha formação, busquei espaços que possibilitavam a discussão sobre gênero na Universidade, com isso participei como voluntária no projeto de pesquisa “Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19”, me integrei ao grupo de estudos sobre Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade na Educação (GIPE/GIEPELPS/CNPq) e atuei como bolsista extensionista do projeto Mulheres Acadêmicas Ensinam (MÃES), projetos coordenados pela Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.

Adentrando nesses espaços de formação política, identitária e acadêmica com outras mulheres atravessadas por diferentes questões, é que pude ampliar minhas reflexões, discussões e referenciais acerca do lugar da mulher na sociedade. É a partir das minhas inquietações e dessa formação coletiva, no diálogo com outras mulheres, que penso nessa proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A pesquisa em tela vem carregada das muitas de mim e de mulheres, que com suas partilhas, me fizeram questionar não apenas sobre gênero, mas, também, notar as várias identidades invisibilizadas, notar a imensidão e a complexidade de falar/pensar sobre o “ser mulher”. Hoje, posso me ver como muitas, sou mulher, sou nordestina, sou universitária, sou uma ainda não mãe, sou múltipla.

É a partir dessas reflexões e dos desabafos das colegas de graduação, compartilhando o desafio que é de se locomover para Universidade, de criar suas/seus filhas/os e estudar, de cuidar da casa e estudar, da falta de dinheiro, do medo de ir caminhando para Universidade e

dentre outros medos e anseios que se fez a seguinte questão-problema: como as identidades que atravessam a vida das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, podem influenciar na formação acadêmica destas mulheres?

No intuito de responder à questão-problema, estabeleci o seguinte objetivo geral: analisar como as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) influenciam na formação acadêmica destas mulheres. E foram levantados os seguintes objetivos específicos: a) identificar quais são as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida destas mulheres; b) investigar quais foram/são os desafios de conciliar as muitas de si para a formação acadêmica e; c) conhecer as políticas públicas e as redes de apoio que dão suporte as questões de gênero, dentro da instituição de ensino, a partir do olhar destas mulheres.

Lendo o texto teórico “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” de Gloria Anzaldúa (2000), percebo o quanto a escrita das mulheres pode ser revolucionária. A dinâmica de fazer ciência partindo da escrita de vivências rompe com os padrões coloniais, traz sentido para a escrita destas mulheres e possibilita descobertas significativas sobre questões pessoais e coletivas.

Foi nesse momento que o título dessa pesquisa veio à tona, quando Gloria Anzaldúa (2000, p. 234) diz que “escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”, me remeteu ao ato de parir. O parir de um novo olhar, de uma nova descoberta de si. Pensei nas tantas vezes que eu me pari e me descobri através da escrita e, como muitas vezes esse ato de confrontar e de entender o nosso lugar no mundo nos causa dor, como no parto, mas, também, nos proporciona o nascimento de um novo eu. É com essa construção revolucionária que pretendo levar essa experiência do ato de parir-se por meio da escrita. E a partir de uma perspectiva interseccional, encontrar as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida dessas mulheres tendo como suporte a escrita de cartas, das suas escrevivências¹.

A interseccionalidade, segundo Carla Akotirene (2020, p.43) é um campo teórico “[...] que impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos”, segundo a autora, a perspectiva interseccional nos possibilita uma análise sobre os cruzamentos das estruturas de opressão, permitindo observar as múltiplas redes de atravessamentos sem cometer o erro de

¹ Termo criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo. Fonseca (2020, p. 59), a respeito do termo, salienta que “[...] morfologicamente, decorre da associação entre ‘escrever’ e ‘viver’ e dos sentidos permitidos pela expressão ‘escrever vivências’ ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita”

negligenciar as violências que um só corpo possa vir a ter. Nesse sentido, não tem como falar sobre a mulher sem levar em consideração todas as questões que estão intrínsecas a ela, discutir apenas sobre as desigualdades de gênero não é suficiente para o rompimento dessas estruturas.

Portanto, a pesquisa se organiza em três seções: fundamentação teórica, metodologia e resultados e discussões. A primeira seção, intitulada: “*Hermanas* intelectuais que ancoram a discussão”, é dividida em dois capítulos. No primeiro, intitulado: “Uma discussão feminista decolonial e interseccional”, realizo uma discussão sobre as questões de gênero e do feminismo a partir de uma perspectiva contra hegemônica; já no segundo, intitulado: “Educação e interseccionalidade: uma reflexão pedagógica decolonial”, reflito sobre como a educação, com base em uma pedagogia feminista decolonial, pode contribuir para o combate à discriminação e as desigualdades de gênero.

Já na segunda seção, irei trazer como se deu a organização metodológica do trabalho. Estruturei esta seção em quatro tópicos, são eles: “Caráter ético e motivações”, no qual reafirmo o meu compromisso ético com a pesquisa e com as voluntárias, apontando que o trabalho foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos; “Locus da pesquisa”, apresentando de forma mais detalhada sobre o lugar que o estudo foi realizado; “*Hermanas* participantes da pesquisa”, apresentando como as *hermanas* serão identificadas no decorrer da pesquisa e justificando que as chamo de *hermanas* por compreender que somos irmãs de vivências, escritas e resistências, como, também, menciono como se deu o nosso contato e; por último, “Percurso, técnicas e instrumentos de coletas de dados”, neste tópico sistematizo como se deu todo o percurso metodológico da pesquisa. Utilizei como instrumento de coleta de dados dois formulários do Google Forms e as cartas das *hermanas* da pesquisa. Para as análises, foi realizada uma discussão metodológica com Laurence Bardin (1997), com a Análise do Conteúdo e uma discussão teórico-metodológica com Kimberlé Crenshaw (2004), com a teoria da Interseccionalidade.

Por fim, na terceira seção, revelo os resultados da pesquisa. Os resultados e discussões foram divididos em três capítulos, cada capítulo corresponde à resposta de um objetivo específico, por ordem. No primeiro capítulo, intitulado: “Entre os atravessamentos e as demandas, aqui, mais uma universitária”, apresento os perfis das *hermanas* da pesquisa, seguido de uma figura que apresenta visualmente, por meio do cruzamento de setas e linhas, os atravessamentos/identidades das *hermanas*. No segundo capítulo, intitulado: “Escrevivências como ato revolucionário: *’se alcançamos o direito a universidade porque o*

ambiente acadêmico não atende nossas devidas necessidades?”, realizo uma discussão teórica a partir das cartas das *hermanas*, fazendo um levantamento e posterior discussão, em tópicos, dos temas que aparecem com maior frequência em suas escrituras, os temas foram: universitárias e trabalhadoras remuneradas, mães na universidade, universitárias e os trajetos. Já no último capítulo, intitulado: “Políticas públicas no CFP/UFCG: o que dizem as *hermanas*?”, reflito, com base nas cartas, sobre políticas públicas de acesso e permanência voltadas para as questões de gênero na universidade.

A discussão exposta na monografia em tela é necessária e importante de ser pesquisada, pelo fato de ainda se está enraizado, conceitos atrasados sobre o ser mulher e que junto dessas raízes encontra-se outros mecanismos de poder que também devem ser considerados, tendo em vista que são instrumentos que afetam significativamente nós mulheres.

A exemplo, vivemos em um país em que a distribuição média das horas semanais aos cuidados de pessoas e/ou cuidados domésticos por pessoas de 14 anos ou mais são de 11,0 horas para os homens e de 21,4 horas para as mulheres, quando se considera a raça temos os seguintes dados: as mulheres brancas dedicam 20,7 horas semanais nos cuidados domésticos e/ou de pessoas enquanto as mulheres pretas ou pardas dedicam 22,0 horas semanais nesses mesmos cuidados; já os homens brancos dedicam 10,9 horas semanais e os homens pretos ou pardos dedicam 11,0 horas semanais (IBGE, 2021).

Esses dados apontam que as mulheres dedicam mais horas dos seus dias nesses cuidados. Tal informação já justifica o número menor de tempo para as atividades acadêmicas, por exemplo. Esses dados ficam mais preocupantes quando o IBGE (2021, p. 03) faz o desdobramento de raça na categoria mulher, evidenciando “que as mulheres pretas ou pardas estavam mais envolvidas com os cuidados de pessoas e os afazeres domésticos”, revelando mais um desdobramento que deve ser considerado. Em contra partida, “para os homens, contudo, o indicador pouco varia quando se considera a cor ou raça” (IBGE, 2021, p. 03).

É relevante ressaltar que apenas nesse desdobramento da pesquisa promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística observamos intersecções que precisam ser consideradas, reforçando a importância da perspectiva interseccional como uma base teórica que nos orienta a observar, analisar e denunciar as opressões, entendendo que uma só mulher pode estar envolvida, ao mesmo tempo, em outros tipos de discriminações além da de gênero.

Com isto, a partir dessa discussão e do diálogo com estas mulheres, vejo o caminho para o rompimento desta estrutura sexista/machista/patriarcal/colonial, é fazer com que todos e todas compreendam e passem a criticar toda essa sistemática, é fazer com que os silêncios sejam questionados, é fazer com que questionemos a falta de políticas públicas, é fazer com o que o diferente e o plural não sejam mais vistos como algo estranho. É escancarar. É questionar. É desnaturalizar. É inquietar. É incomodar.

3 HERMANAS INTELLECTUAIS QUE ANCORAM A DISCUSSÃO

Nesta seção, busco fazer uma discussão teórica acerca do tema da pesquisa. Ela está dividida em dois capítulos. O primeiro intitulado “Uma discussão feminista decolonial e interseccional”, nele irei discutir sobre as questões de gênero e; no segundo, intitulado “Educação e interseccionalidade: uma discussão pedagógica feminista decolonial”, nele irei debater como a educação pode colaborar significativamente para o combate à discriminação e às desigualdades de gênero.

3.1 Uma discussão feminista decolonial e interseccional

Para discutirmos sobre o “ser mulher” e suas implicações, se faz necessário partimos para além de um estudo que generaliza, que universaliza e que está dentro dos padrões normatizados. Deste modo, desde a escrita aos referenciais teóricos do estudo, irei de encontro à perspectiva feminista decolonial e interseccional. Carla Akotirene (2020, p. 21), fala da importância de aderirmos por uma escrita decolonial como um desafio “[...] as Ciências Sociais por autodefinição e autoavaliação intelectual negra [e marginalizada], avessa às ferramentas modernas de validação científica.”²

Ângela Davis (2018), conta que o feminismo tem que ser pensado muito além das discussões sobre gênero e suas desigualdades. A autora Françoise Vergès (2020), partindo dessa mesma discussão, salienta:

[...] Se o feminismo permanece fundado na divisão entre mulheres e homens (uma divisão que precede a escravidão), mas não analisa como a escravidão, o colonialismo e o imperialismo agem sobre essa divisão – nem como a Europa impõe a concentração da divisão mulheres/homens aos povos que ela coloniza ou como esses povos criam outras divisões –, ele é, então, um feminismo machista. (Vergès, 2020, p. 44).

Deste modo, a autora supracitada nos afirma que “ao torna-se feminista, é preciso, antes de mais nada, problematizar o feminismo.” (Vergès, 2020, p. 07). O feminismo quando universalizado sem analisar toda a estrutura epistemológica, cultural e social, que naturaliza

² Como justificativa dessa escolha de escrita, de falar na primeira pessoa, me apoio na seguinte citação de um artigo científico de Lélia Gonzalez (1984, p. 225): “E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”

as redes de opressões que estão constantemente ligadas, ele também será excludente. Vejo a necessidade de se romper com esses padrões universais, que legitimam e colocam como referência a cultura e a epistemologia eurocêntrica no centro da engrenagem do mundo e das relações humanas, inferiorizando, naturalizando e silenciando vozes, culturas e identidades (D'adesky, 2001; Lander, 2005).

A autora nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2004), dialoga sobre essa hegemonia cultural e sobre as consequências que ela trouxe/traz, uma delas é o epistemicídio das culturas e identidades:

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. (Oyèwùmí, 2004, p. 01).

Mediante o exposto, essa epistemologia dominante, marginaliza e vulnerabiliza aquelas e aqueles que não fazem parte do seu padrão, incluindo as mulheres. Ângela Davis (2016) e Lélia Gonzalez (2020), discutem sobre essas discriminações que as mulheres, principalmente as mulheres negras e marginalizadas, sofrem por conta dessa rede de opressões. As autoras dizem que isso se dá por toda essa estrutura colonial que se perpetua por meio da colonialidade, assim, as estruturas impostas no Brasil Colônia, perpassaram o pós-abolicionismo e se fazem presentes e influentes em nossa sociedade. Ângela Davis (2016) acrescenta que o:

[...] capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. (Davis, 2016, p. 25).

A partir disso, nota-se a perspectiva interseccional que a autora realizou. Enquanto as mulheres brancas da classe média/alta lutavam pelo o direito de ter, por exemplo, sua independência financeira, os corpos das mulheres negras e marginalizadas continuavam indo ao trabalho, confirmando a permanência da estrutura trabalhista colonial. Seguindo essa lógica, as mulheres negras e marginalizadas, além de ter que assumir a responsabilidade de ser mãe e

dona de casa, elas, também, teriam que ser trabalhadoras, ampliando ainda mais as desigualdades nas quais elas estão sujeitas (Gonzalez, 2020). Ao analisar essas duas realidades, Lélia Gonzalez (2020, p. 58), afirma que “ser negra e mulher no Brasil [...] é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam como no nível mais alto de opressão.”

Partindo desta concepção, faz necessário rompermos com a generalização da categoria mulher a qual propôs o feminismo branco. bell hooks (2019) afirma que quando esse pensamento feminista moderno nos diz que as mulheres passam pelo o mesmo nível de opressão ele está deixando de considerar as subjetividades e as individualidades de cada mulher, por isso, a importância de um olhar interseccional o qual vai nos permitir analisar os atravessamentos nos corpos e não mais a ter um único olhar e/ou uma única categoria a ser analisada. Nesse sentido, “a interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões.” (Akotirene, 2020, p. 47).

Considerando esse debate com as autoras é que confirmamos a importância de uma abordagem contra hegemônica, visto que, se generalizarmos não iremos considerar outras questões que colocam as mulheres em um nível maior de vulnerabilidade, dado que, uma só mulher pode estar atravessada em vários outros mecanismos de opressão (Crenshaw, 1991). Nessa perspectiva, devemos ir rumo a uma discussão não só de gênero, mas também de questões que englobam a raça, classe, parentalidade, religião, regionalidade, pessoas com deficiência, a comunidade LGBTQIA+ e dentre outras questões que devem ser consideradas.

Com esta compreensão, da sistemática eurocêntrica/colonial/patriarcal/machista que molda as estruturas sociais ao seu favor, trazendo à tona vários meios de discriminações que é de extrema relevância “[...] fazer o esforço de observar se existem conexões e quais são elas. [visto que] uma abordagem multidimensional permite evitar uma hierarquização das lutas fundada em uma escala de urgência cuja estrutura, via de regra, permanece ditada por preconceitos.” (Vergès, 2020, p. 47).

Quando se é mulher, esse peso ainda é maior. Esta sociedade patriarcal coloca a mulher como a principal responsável pelo o cuidar, pela parentalidade e pelos trabalhos domésticos, fazendo com que, mesmo que contraditório, esse trabalho não seja um trabalho (Vergès, 2020). Cabe aqui perguntar para você leitora ou leitor: em algum momento você já se questionou sobre isso? O silenciamento sobre essa responsabilidade imposta sobre a mulher é intrigante e desconfortável. Françoise Vergès (2020) salienta que:

Esse trabalho indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade deve permanecer invisível. Não devemos nos dar conta de que o mundo onde circulamos foi limpo por mulheres racializadas e superexploradas. Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. (Vergès, 2020, p. 24-25).

Sobre a invisibilidade a autora Djamila Ribeiro (2017) afirma que estes silenciamentos e estas invisibilidades fazem com que não se fale, não se discuta e não se pense sobre determinadas realidades, isolando-as, pensamos: como falar sobre uma realidade que não se tem nome? Como pensar sobre soluções de melhorias de uma realidade que se é invisível? Esta é a questão. Precisamos dar nome, precisamos visibilizar. Em contra partida:

[...] o estudo e a conceituação do termo gênero permitem entender como homens e mulheres assumem comportamentos e papéis normativos culturalmente estabelecidos e desiguais em termos de poder e importância. As mulheres internalizam a sua subordinação e desvalorização com base em discursos sociais institucionalizados (nas escolas, nas empresas e organizações, nas igrejas e demais templos religiosos e mesmo dentro de casa) que trazem implicações diretas na sua constituição de sujeito. (Andrade; Santos, 2013, p. 27).

Mediante as discussões das autoras, podemos perceber que os discursos institucionalizados colaboram significativamente para essa rede de opressão e de discriminação. As mulheres são silenciadas e tomam para si estas responsabilidades que não são só suas. Esta discussão pode ir tomando muitos desdobramentos, imaginemos: uma mulher que mora no Centro da cidade e é trabalhadora e; uma mulher que mora em zona periférica, é mãe, trabalhadora e estudante. Ambas são mulheres, porém, uma está inserida em um contexto maior de vulnerabilidade. Enquanto a primeira tem as questões de classe e de gênero para serem consideradas, a segunda tem as questões da regionalidade, da maternidade, de classe e ainda é estudante. Nesse sentido, reforço a importância da não generalização, pois é importante considerarmos as intersecções que cada sujeita/o pode estar inserida/o (Crenshaw, 1991; Akotirene, 2020).

Outros questionamentos merecem ser levantados: quantas mulheres nós já vimos tendo que se desdobrar para cuidar de seus/suas filhos/as, dos afazeres domésticos, ter que trabalhar e estudar (tudo ao mesmo tempo)? Quantas mulheres já desistiram dos estudos por não darem de conta? Quantas mulheres desistiram de ser mãe visando construir uma carreira? Ou quantas mulheres desistiram das suas carreias para ser mãe? São muitos os questionamentos, pois

parece que os espaços não são feitos para todas e tão pouco consideram estas questões que as vulnerabilizam.

Em razão destes questionamentos que busco uma pedagogia decolonial e feminista a qual faz com que as mulheres se questionem:

[...] acerca daquilo que não enxerga, tenta descobrir o cerco escolar que lhe ensinou a não mais ver, a não mais sentir, a abafar seus sentimentos, a não mais saber ler, a ser dividida no interior de si mesma e a ser separada do mundo. Ela deve reaprender a ouvir, ver, sentir para poder pensar. (Vergès, 2020, p. 46).

Dessa forma, faz-se necessário compreendermos o quanto essa estrutura eurocêntrica/patriarcal/colonial/capitalista está imbricada em todas as esferas sociais, impondo normas, padrões e silenciamentos que fazem com que todas/os aquelas/es que estão à margem da sociedade sejam atingidas/os por discriminações e desigualdades, principalmente as mulheres negras e marginalizadas. Entendendo essa sistemática, nós passamos a discutir e lutar, principalmente, por políticas públicas e redes de apoio, que deverão dar de conta dessas diversas demandas.

Adotando essa pedagogia decolonial/feminista/interseccional, espero que sejamos autofalantes para os silenciamentos, que sejamos barulho para incomodar e que sejamos esperança para esperar. Como dizem as autoras, mãe e filha, Santana e Santana (2020, p. 275): “ninguém é tão revolucionário na vida de uma mulher quanto outra”. Que sejamos revolucionárias/os.

3.2 Educação e interseccionalidade: uma reflexão pedagógica decolonial

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1998, em seu 3º artigo, aborda como objetivos fundamentais os seguintes incisos:

- I - Construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II - Garantir o desenvolvimento nacional;
- III - Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (Brasil, 1988, Art. 3).

Porém, quando tomamos nota da garantia desses direitos, percebemos que ainda há muito o que melhorar. Segundo Vera Maria F. Candau (2011, p. 241), a escola está envolvida

em uma cultura dominante na qual uniformiza a epistemologia europeia/moderna/colonial fazendo com que as diferenças sejam “ignoradas ou consideradas um ‘problema’ a se resolver”, silenciando culturas, identidades e vozes, naturalizando as violências simbólicas, que por consequência acarreta a exclusão. Notamos que isso vai contra a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, especificadamente no 3º artigo onde estabelece os princípios do ensino, nos seguintes incisos: “I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; “XII – consideração com a diversidade étnico-racial” e; “XIV – respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdas-cegas e com deficiência auditiva” (Brasil, 1996, Art. 3). Guacira Lopes Louro (1997) complementa afirmando que:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (Louro, 1997, p. 58).

Esses símbolos e códigos os quais criam uma rede opressão só fortalecem a “arapuca social” que foi construída a fim de manter as estruturas coloniais intactas, nos prendendo a elas e nos silenciando (Oliveira, 2020). Lélia Gonzalez (2020), quando vai refletir sobre a escola, também denuncia a forma como as crianças são induzidas a se encaixarem e a serem pegadas pela arapuca social, a autora diz que se inicia:

[...] por essas articulações adotadas pelas escolas, nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado. Em contraste, elas são também induzidas a considerar que ser uma mulher negra e pobre é um dos piores males. Deve-se levar em conta os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais nossas crianças são submetidas, especialmente as meninas negras. [...] Um dos fatores que contribuem para as altas taxas de evasão escolar é justamente esse tipo de ideologia promovida nas escolas [...] O outro fator é econômico e se relaciona com o trabalho de menores de idade. (Gonzalez, 2020, p. 160).

Guacira Lopes Louro (1997) nos afirma que a instituição escolar também tem mecanismos de reprodução sobre as questões de gênero, na medida em que se ensina e sobretudo se naturaliza, o lugar da menina e do menino. É posto uma norma e/ou padrão que

estabelece o que pode ser aceito para meninos e o que pode ser aceito para meninas, tais como jogos, brincadeiras, cores, comportamentos, vestimentas e a divisão de gênero que existe na escola. A autora também diz sobre como o silenciamento e a linguagem contribuem para se manter a dita “norma” que foi estabelecida a tempos atrás, nesse sentido, quando se coloca o masculino para representar todas as pessoas é uma forma de reprodução e quando isso é considerado normal, é uma forma de silenciamento, pois não se discute. Com isso, alunas e alunos internalizam as mensagens que são lançadas pela escola, naturalizam e reproduzem, “a partir de tudo isso, a criança está aprendendo ‘algo’ e esse ‘algo’ deve ser descoberto pelo o adulto com urgência” (Oliveira, 2020, p. 16).

Você leitora ou leitor deve estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com a discussão de gênero e, digo, tem tudo a ver. Quando adotamos uma concepção interseccional não temos como dividir nossas discussões ou categoriza-las, pois, “a interseccionalidade nos instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos” (Akotirene, 2020, p. 44), nesse sentido, não devemos e nem podemos discutir sobre gênero e suas desigualdades, sem antes, fazer uma compreensão historiográfica, como também, compreender como essas redes de opressões podem se interligar com outra ou outras.

Precisamos de uma pedagogia feminista que faça “uma análise multidimensional da opressão e se recusa a enquadrar raça, sexualidade e classe em categorias que se excluem mutuamente.” (Vergès, 2020, p. 47). A partir dessa análise multidimensional e interseccional na educação é que podemos trabalhar com o objetivo de romper com o sistema de opressões e com os atravessamentos que vulnerabilizam alunas e alunos.

A partir dessa perspectiva, Guacira Lopes Louro (1997) nos diz que ao adotar a pedagogia feminista estamos estimulando as falas daquelas/es que se encontram silenciadas, que acreditam que os seus saberes e suas experiências não são válidos, que, com essa pedagogia, nós podemos fazer a junção dos saberes acadêmicos e dos saberes pessoais, permitindo, assim, uma partilha dos diversos saberes e viabilizando as falas de todas e todos que fazem parte da sala de aula. Que conseqüentemente, “[...] há a expectativa de que a competição ceda lugar à cooperação, levando a uma produção de conhecimento coletiva, colaborativa, apoiada na experiência de todos/as.” (Louro, 1997, p. 114).

Com essa abordagem coletiva, aprendendo e compreendendo a diversidade é que podemos nos mover “[...] constantemente para fora das formações cristalizadas” como relata a autora Gloria Anzaldúa (2005, p. 706), ainda dialogando com a autora, esse movimento faz

com que saíamos do caminho único que nos foi colocado para trilhar, a/o docente que trabalha a partir da perspectiva colaborativa e coletiva, irá abrir novos caminhos a serem trilhados e explorados, com leveza e de mãos dadas, indo de encontro “a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir.”

4 METODOLOGIA

Nesta seção, busco compartilhar os percursos traçados para o desenvolvimento e organização da pesquisa. Apresento a sistematização metodológica que possibilitou os achados dos objetivos propostos e da resposta da questão-problema. Desta forma, será estruturada em quatro tópicos, os quais são: caráter ético e motivações, irei relatar como se deu as estratégias éticas e as minhas motivações; locus da pesquisa, desmiuçando o campo que foi realizada a investigação; *hermanas* participantes da pesquisa, trazendo informações de quem são as mulheres que possibilitaram as análises e como elas estão organizadas nesta estrutura; e, por último, percurso, técnicas e instrumentos de coletas de dados, neste tópico falo sobre as etapas metodológicas realizadas, as técnicas e instrumentos realizados.

4.1 Caráter ético e motivações

Antes de adentrar mais especificamente sobre o percurso metodológico é de extrema importância para mim enquanto pesquisadora evidenciar a minha postura ética e compartilhar meu compromisso e respeito com as mulheres participantes. Todos os processos da pesquisa se deram com base nos princípios éticos, no qual, Prodanov (2013, p. 45-46) diz que “[...] o estudo em questão deve ser feito de modo a procurar sistematicamente o conhecimento, por observação, identificação, descrição, investigação experimental, produzindo resultados reprodutíveis, realizado de forma moralmente correta”. Respeitando e atendendo todas as condições expressas na Resolução nº 510/2016, reconhecendo os direitos humanos, garantindo o sigilo e a socialização do material da pesquisa com as envolvidas, assegurando que o material coletado será para fins acadêmicos e científicos (Brasil, 2016).

Diante disso, dialogando com Severino (2013), foi importante, para esta pesquisa, atender e pautar-se nas normas dessa resolução, como também, a submissão e aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP), tendo a aprovação no parecer nº 6.234.459, com o Certificado de Apresentação em Apreciação Ética

(CAAE) nº 71051923.6.0000.5575, via Plataforma Brasil (Anexo A). Somente realizando a partir da aprovação do comitê, cumprindo com a responsabilidade intelectual e ética que me propus para o desenvolvimento integro e pleno da proposta, com base no respeito, no compromisso, no empenho e no reconhecimento da relevância dessa pesquisa.

A intenção com esta pesquisa é produzir um conhecimento científico, o qual segundo Barros (1990, p. 13) “[...] é o aperfeiçoamento do conhecimento comum e ordinário, sendo obtido através de um procedimento metódico, o qual mobiliza explicações rigorosas e/ou plausíveis sobre o que se afirma a respeito de um objeto ou realidade”. O autor ainda diz que esse conhecimento surge a partir do interesse de respondermos questões as quais nos inquietam com base na investigação sistemática e metódica.

A começar por esse conhecimento e por minhas inquietações iniciais é que almejo alcançar meus objetivos tendo como base a pesquisa científica que “[...] é o produto de uma investigação, cujo o objetivo é resolver problemas e solucionar dúvidas, mediante a utilização de procedimentos científicos.” (Barros, 1990, p. 30). Pesquisa essa, que carrega na sua essência uma abordagem qualitativa. Em conformidade com Chizzotti (2000), as pesquisadoras e os pesquisadores que trabalham com esse modelo de abordagem:

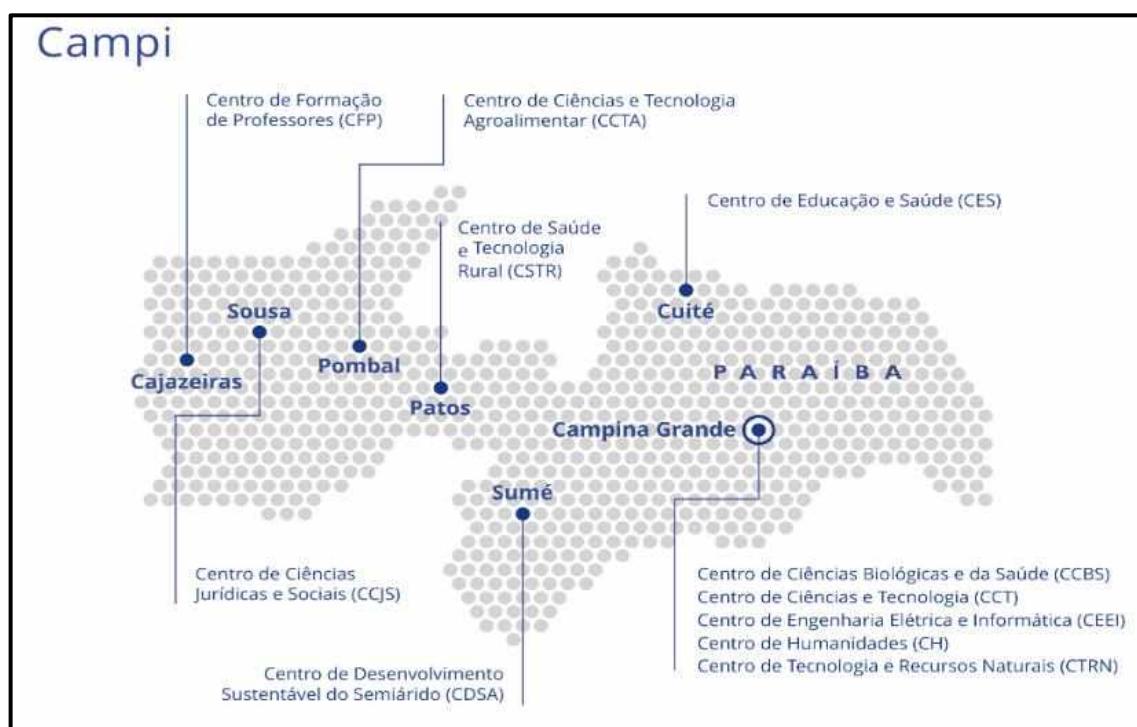
[...] se subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou, então, dos veículos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão. (Chizzotti, 2000, p. 78).

Como a minha intenção é responder a inquietação que me surgiu enquanto mulher e aluna universitária, vi na pesquisa científica e qualitativa uma possibilidade de encontrar respostas, soluções e sugestões a partir do contato com as autoras feministas decoloniais, com as *hermanas* da universidade e do meu encontro enquanto uma pesquisadora feminista decolonial, assumindo a minha postura política e ética, a partir da enunciação do meu lugar.

4.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Localizado na cidade de Cajazeiras, no alto sertão paraibano, Brasil. A UFCG conta com sete (07) campi e com onze (11) centros de ensino. Conforme a figura a seguir:

FIGURA 01 – MAPA UFCG³



Fonte: UFCG (2021).

O Centro de Formação de Professores, um dos onze centros da UFCG, que é o lócus da pesquisa, disponibiliza onze (11) cursos de graduação, sendo divididos em sete (07) Unidades Acadêmicas. No quadro a seguir, dispõem a distribuição dos cursos por Unidade Acadêmica:

QUADRO 01 - DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP/UFCG) POR UNIDADE ACADÊMICA (UA)⁴

UA	Curso
Unidade Acadêmica de Educação (UAE)	Licenciatura Plena em Pedagogia
Unidade Acadêmica de Letras (UAL)	Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa
	Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa
Unidade Acadêmica das Ciências da Vida (UACV)	Bacharelado em Medicina

³ Informações retiradas no site Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/>. Acesso em: 03/08/2023.

⁴ Informações retiradas no site do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG). Disponível em: <http://cfp.ufcg.edu.br/portal/>. Acesso em: 06/10/2023.

Unidade Acadêmica de Ciência Exatas e da Natureza (UACEN)	Licenciatura Plena em Ciências Biológicas
	Licenciatura Plena em Física
	Licenciatura Plena em Química
	Licenciatura Plena em Matemática
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS)	Licenciatura Plena em História
Unidade Acadêmica de Enfermagem (UAENF)	Bacharelado em Enfermagem
Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO)	Licenciatura Plena em Geografia

Fonte: produzido pela autora (2023).

O CFP tem o seu funcionamento nos horários matutino, vespertino e noturno.

4.3 *Hermanas* participantes da pesquisa

As participantes voluntárias desse estudo são as universitárias do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade de Campina Grande (UFCG). Como postura minha enquanto pesquisadora feminista decolonial, considerando que a proposta foi a escrita de cartas – me aprofundarei mais sobre isso no próximo tópico – e compreendendo que estas mulheres são atravessadas por diversas questões e que falam a partir dos seus lugares de fala, que as chamarei, no decorrer desta pesquisa, de *hermanas*. Nós, feministas decolonias nos enunciamos assim, nesse lugar de afeto, de proximidade. Irmãs de resistência, de vivências e de escrita.

São nove (09) *hermanas* participantes desta pesquisa. As quais tem suas identidades preservadas de acordo com a Resolução 510/2016 (Brasil, 2016) e com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP/UFCG/CFP). No intuito de conservar seus anonimatos, elas serão identificadas de acordo com o quadro a seguir:

QUADRO 02 – IDENTIFICAÇÃO DAS *HERMANAS* DA PESQUISA

	Identificação
--	----------------------

Voluntária 01	M.M
Voluntária 02	J.P
Voluntária 03	A.P
Voluntária 04	J.J
Voluntária 05	L.L
Voluntária 06	V.R
Voluntária 07	J.G
Voluntária 08	D.V
Voluntária 09	K.A

Fonte: produzido pela autora (2023).

Essa escolha de identificação, que são as iniciais dos primeiros nomes das voluntárias, se deu com o objetivo de deixar suas “assinaturas” na pesquisa, mesmo com o anonimato, por compreender que elas escrevem esta pesquisa junto comigo, a partir de suas escrevivências. Entre as *hermanas*, seis (06) são do curso de Licenciatura em Pedagogia, uma (01) do curso de Licenciatura em História, uma (01) do curso de Licenciatura em Química e uma (01) do curso de Licenciatura em Letras Português. Totalizando nove participantes. O contato com elas se deu tanto online, via WhatsApp e e-mail, para combinarmos dias e horários para a entrega/coleta dos materiais e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLE); quanto presencialmente na universidade, para a entrega/coleta dos materiais e assinaturas. Como também, confirmei a minha disponibilidade e meios de contato para qualquer dúvida e questionamento acerca de suas participações na pesquisa.

4.4 Percurso, técnicas e instrumentos de coleta de dados

Neste tópico proponho sistematizar o percurso metodológico utilizado para a investigação, coleta e análise dos dados. A proposta da pesquisa se deu a partir do meu desejo de compreender e buscar soluções para a realidade que as minhas *hermanas* da graduação se encontram. Que é uma realidade que eu também faço parte. Nós, alunas universitárias, quando nos encontramos pelo campus, dividimos angustias, exaustão, falamos do dia difícil e das lutas traçadas para no final do dia poder estar ali. Umas vindo de outras cidades ou de outros Estados. Outras saindo do trabalho e indo direto para aula. Aquelas que depois de um dia extremamente cansativo, tinha que levar a sua(s) filha(s) ou seu(s) filho(s), para a

universidade, para minimamente conseguir assistir aula. E tem aquelas que são todas estas, em uma só.

Foi a partir dessas partilhas, das resistências e do incomodo que estas questões me acometiam que surgiu essa proposta de pesquisa. Como estas mulheres, com todos estes atravessamentos, conseguem um processo formativo pleno? E conseguem? Como estas identidades influenciam no processo formativo delas? Enfim, foi em meio aos questionamentos, revoltas e inquietações que a pesquisa em tela surgiu.

Depois de estipular a questão problematizadora e objetivos, me surgiu uma nova questão: em qual instrumento de coleta de dados essa pesquisa deveria ser realizada? Um instrumento fora dos padrões coloniais, sem ser “fechado”, frio, distante. Quero um instrumento que seja de acordo com o que nós feministas decolonias defendemos. Nesse momento a *hermana* escritora Glória Anzaldúa (2000, p. 229) conversou comigo através do seu escrito “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Lembrei que ela se encontrava nesse mesmo conflito que eu. Como dar início? Como começar? Como estar próxima daquelas com quem eu dialogarei? Glória pensa, então: “uma carta, claro”. E logo em seguida outra *hermana* dialoga comigo, Conceição Evaristo (2020) diz para mim, no meu pensamento, por que não a escrevivência? Nesse momento, foi definido o instrumento de coleta de dados. A escrita de cartas. A escrevivência. A escrita de si. Privilegiando as memórias e experiências das minhas *hermanas* participantes.

Autoras como Frotscher (2018), Carvalho (2017) e entre outras/os, utilizaram as cartas como objeto de análise em seus estudos. Frotscher (2018), por exemplo, analisa cartas escritas entre os anos de 1947 e 1950 por mulheres e homens que desejavam emigrar da Alemanha para o Brasil, utilizando questões como guias de análise; já Carvalho (2017) analisou cartas escritas entre os anos de 2014 e 2015 por mulheres encarceradas, com o objetivo de compreender os conhecimentos das encarceradas a respeito ao acesso à justiça.

Partindo dessa proposta, trabalhei com a pesquisa documental, que de acordo com Tozoni-Reis (2009), como o próprio nome já diz, é uma pesquisa na qual sua coleta de dados será realizada em documentos. Gonsalves (2001, p. 32), nos diz que “a noção de documento corresponde a uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável”, como, por exemplo, as cartas. Considerando a ponderação, as cartas das *hermanas* do estudo em tela foram os documentos de análise da pesquisa.

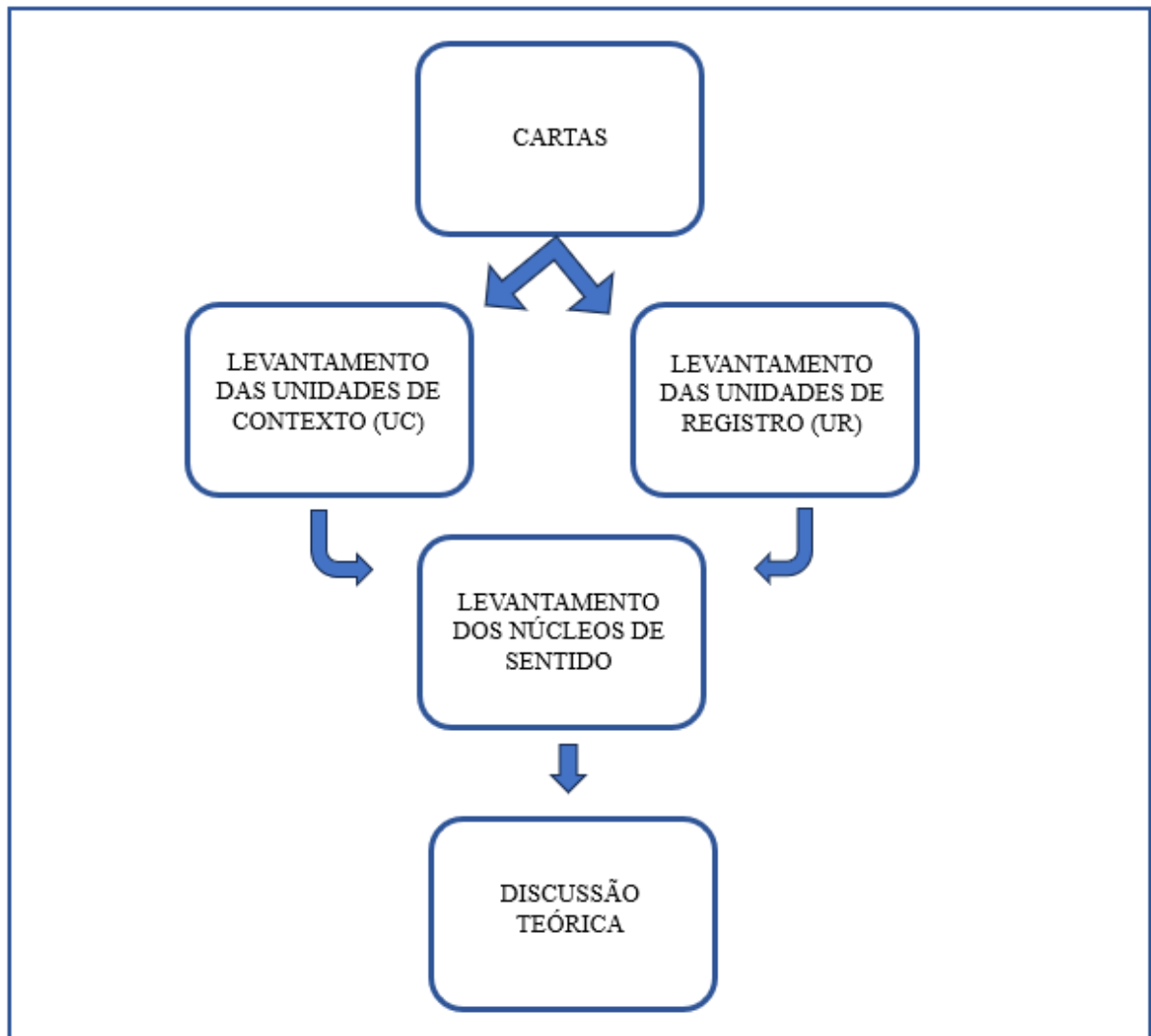
Nessas cartas, as universitárias se expressaram sobre os desafios de ser mulher e ser estudante e compartilharam os caminhos que elas encontram para perpassar por esses desafios. Na escrita pessoal da carta elas puderam evidenciar sua fala, seus sentimentos e suas experiências confortavelmente e com maior tranquilidade de expor tudo o que sentem e que por algum motivo não diziam ou se quer refletiam. Além disso, conseguiram expor quais os possíveis atravessamentos que os seus corpos estão sujeitos a passar.

Esse método da escrita de cartas, possibilitou para as *hermanas* da pesquisa a construção de suas escrevivências, que segundo Fonseca (2020) é a escrita sobre as vivências daquela/e que escreve. Conceição Evaristo (2020, p. 39), criadora do referido termo, dialoga que esse processo de escrita está distante de ser uma escrita narcisista, pois ela “[...] nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos”, nós não somos seres isolados. A escrita das vivências, não só as individuais como as coletivas, pode trazer revelações para aquelas/es que estão nessa dinâmica, é um ato de se descobrir, de refletir sobre si e também, de resistência (Anzaldúa, 2000).

À vista disso, a “escrita de si” exterioriza não só questões individuais daquela que escreve, mas, sinaliza por meio da escrita, como esse “eu” se constituiu no meio em que vive, trazendo à tona sua realidade sócio-histórica (Malatian, 2012). Desse modo, a escrita das cartas se estruturou a partir de 05 pontos de reflexão, são: 1. Como se identifica; 2. Demandas e desafios que dificultam de ter uma formação acadêmica plena; 3. Desigualdades que passa e realidade que se encontra; 4. Caminhos encontrados para perpassar os desafios e; 5. Qual o suporte da Instituição de Ensino.

A partir destes pontos, investiguei e fiz uma procura minuciosa a fim de responder os meus objetivos me apoiando na Análise do Conteúdo, a qual o seu principal objetivo “[...] é desvendar os sentidos aparentes ou ocultos de um texto, um documento, um discurso ou qualquer outro tipo de comunicação” (Tozoni-reis, 2009, p. 45). Nas cartas, que foram os documentos de investigação da pesquisa, foi onde consegui realizar a análise do conteúdo a partir da técnica de análise temática, a qual permite que as/os pesquisadoras/es compreendam os significados do objeto do estudo para além do “significado normal”, do que já está expresso evidentemente, mas, que permite a partir desse significado, encontrar variações no objeto pesquisado (Bardin, 1997). A Análise do Conteúdo, a partir técnica de análise temática e com base na autora Laurence Bardin (1997), foi realizada da seguinte forma:

FIGURA 02 – ITINERÁRIO PARA ANÁLISE



Fonte: produzido pela autora (2023).

Após fazer a pré-análise, que implica em sistematizar os dados brutos, definir e referenciar os corpus/materiais e, efetuar a leitura flutuante, que é uma breve leitura sobre todo o material que será utilizado na pesquisa; iniciei a unitarização com uma leitura e releitura das cartas com mais profundidade, elencando as unidades de registro (UR) e as unidades de contexto (UC). A partir dessa iniciativa pude lapidar os meus dados brutos. As UR me permitiram fazer o levantamento dos significados principais e/ou pontos de intersecções das comunicações; já as UC me permitiram contextualizar as UR, ela é a continuidade dos pontos principais levantados. Apoiada nestes dados, dei continuidade à análise por meio da técnica de análise temática, com essa técnica pude fazer o levantamento dos núcleos de sentido das comunicações: observei as unidades de registro elencadas e a partir

delas especifiquei os temas com maior frequência nas cartas e que poderiam “[...] significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1997, p. 105). É importante ressaltar que todo esse processo compartilhado nesse parágrafo foi baseado no método de Análise do Conteúdo, de Laurence Bardin (1997).

Confesso, que a procura de uma análise metodológica que dialogasse dentro da perspectiva proposta pela pesquisa foi uma procura desafiadora. E a Análise do Conteúdo foi o caminho metodológico possível para o desenvolvimento da pesquisa, dado que ela possibilita o achado de significados para além do que está visível. Porém, nestas análises eu faço um diálogo fundamentado na proposta teórica das intersecções de Kimberle Crenshaw (2004), no intuito de ser capaz de estar em diálogo com as *hermanas* feministas, como também considerar os contextos que as *hermanas* da pesquisa estão situadas. Dessarte, nas análises haverá o diálogo metodológico com Bardin (1997) e o diálogo teórico-metodológico com Crenshaw (2004). Compreendendo que são autoras situadas em diferentes lugares e contextos, mas que as duas têm suas contribuições no processo da análise. Uma não anula a outra.

Sendo assim, vale salientar que a ideia das figuras nomeadas “de(s)ingularidade dos atravessamentos” presentes no subtópico 5.1 e das figuras “inter-realizações dos núcleos de sentido” presentes no tópico 5.2.4, se deu através do artigo *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*, de Crenshaw (2004), tomando como referência a seguinte figura:

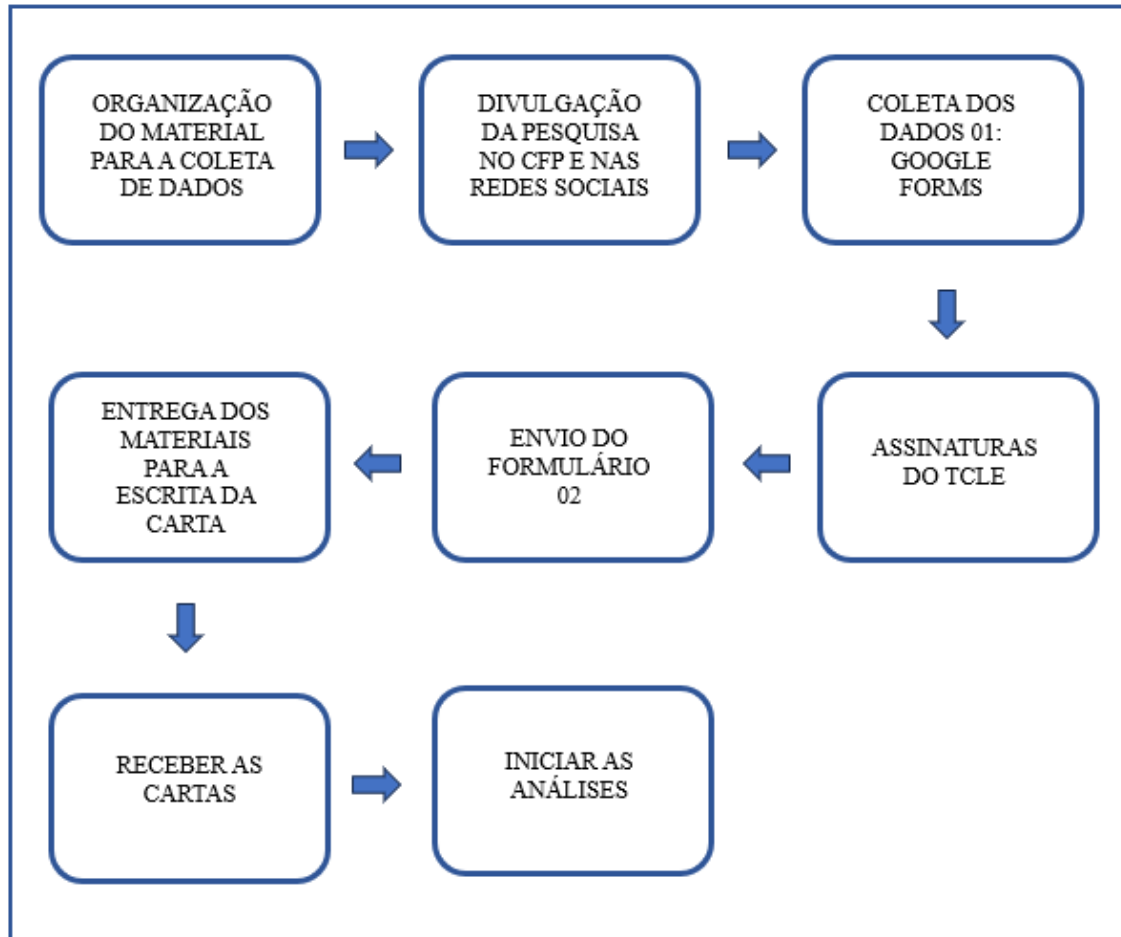
FIGURA 03 – ILUSTRAÇÃO DE CRENSHAW (2004)



Fonte: Crenshaw (2004, p. 11).

Para finalizar esse tópico, considero importante partilhar como se deu o processo de coleta dos dados. Para a coleta, utilizei o seguinte itinerário:

FIGURA 04 – ITINERÁRIO DA PESQUISA



Fonte: produzido pela autora (2023).

Se faz importante ressaltar que esse percurso só foi iniciado com a aprovação do CEP. A proposta da divulgação da pesquisa se deu pelo fato de não querer categorizar as participantes voluntárias da pesquisa. Como saída, foi pensado o convite para as universitárias se voluntariarem. Aquelas que se interessaram, preencheram um formulário via Google Forms expressando seu interesse. Como requisito de seleção teriam que atender os seguintes requisitos: 1. Ser graduanda do Centro de Formação de Professores e 2. Se voluntariar no período estipulado na divulgação da pesquisa.

Após quatro dias de divulgação, iniciou a “coleta de dados 01”. Que diz respeito ao levantamento das interessadas e meios de contato, para dar continuidade aos seguintes passos:

entrega e assinatura do TCLE, que se deram de forma presencial no CFP/UFCG, por compreender a importância de explicar todo processo da pesquisa, assegurar a confidencialidade e esclarecer possíveis dúvidas; envio do “formulário 02”, que foi enviado via e-mail e WhatsApp, esse formulário teve como objetivo traçar o perfil das *hermanas*; entrega dos materiais para a escrita da carta e recebimento da carta, ambos processos se deram no formato presencial.

Ao total se voluntariaram dez (10) universitárias, mas nove (09) entregaram os materiais necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Materiais estes: resposta do formulário 02 e escrita da carta. Uma delas, por falta de tempo, não entregou a carta, o que fez com que ela não continuasse como participante voluntária da pesquisa. Porém, evidenciou o quanto o tempo se torna curto para as mulheres universitárias, mães e trabalhadoras remuneradas, dados esses que tive acesso com sua resposta ao formulário 02, que diz respeito ao perfil das interessadas. Mesmo com o interesse de participar, suas demandas não permitiram.

Foram elencados também, os possíveis riscos com a realização da pesquisa e as propostas de estratégias para evitá-los. É importante destacar esse feito para explicitar que todo processo realizado durante o percurso foi pensado em todos os detalhes para evitar riscos que afetem os direitos humanos. Os possíveis riscos elencados foram: de constrangimento, pela pesquisa ter interesse acerca das memórias e experiências sobre a vida das voluntárias; desconforto, devido ao tempo investido na produção de dados e/ou; preocupação, com a quebra de sigilo/confidencialidade. Considerando estes riscos, propus como estratégias, para a diminuição destes, os seguintes pontos: 01. Garantia do anonimato, as voluntárias da pesquisa serão identificadas apenas com as iniciais dos seus dois primeiros nomes; 02. Assegurar o posicionamento ético e o rigor metódico nas análises, buscando fugir de interferências e/ou julgamentos; 03. Estar em prontidão com quaisquer dúvidas e questionamentos das voluntárias e; 04. Fornecer o retorno da pesquisa para as voluntárias, mostrando suas contribuições com a pesquisa e evidenciando o cumprimento com a garantia do anonimato e do posicionamento ético certificado pela pesquisadora.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção pretendo apresentar os achados da pesquisa subdividido-o em três capítulos para uma melhor organização dos dados. Cada capítulo corresponde à resposta de um objetivo

específico. O primeiro será a apresentação do perfil das *hermanas* da pesquisa já evidenciando as identidades e os atravessamentos de cada uma, serão as primeiras impressões retiradas do material coletado. O segundo será uma investigação mais aprofundada a partir da análise das cartas. O terceiro e último será a investigação se as participantes conhecem alguma política voltada para as questões de gênero na universidade.

5.1 Entre os atravessamentos e as demandas, aqui, mais uma universitária: apresentando minhas *hermanas*

Neste capítulo proponho fazer uma breve apresentação das *hermanas* da minha pesquisa. Pretendendo traçar os perfis e os atravessamentos/identidades pertencentes a cada uma, seguindo de uma imagem que nos mostra visualmente os vários fatores que as atravessam, além do de gênero. Esta apresentação se deu pela a escrita da carta e pelas respostas ao formulário 02, via Google Forms.









A apresentação das figuras foi desenvolvida com base na teoria da interseccionalidade, uma teoria que nasceu a partir dos estudos de mulheres negras. Antes mesmo de se ter um nome para este estudo, pesquisadoras e escritoras negras já se debruçavam a respeito da inter-relação de temas como gênero, classe e raça (Collins, 2017). A interseccionalidade, segundo Akotirene (2020), Berth (2020) e Crenshaw (2004), nos permite ter uma visão mais ampla e mais respeitosa com o que se está sendo pesquisado. Mais ampla, porque ela instrumentaliza as/os pesquisadoras/es a não negligenciar fatores importantes para sua pesquisa e; respeitosa, porque ela nos orienta a olhar para os corpos em diversos ângulos, respeitando a integralidade.

Akotirene (2020) e Berth (2020) dizem, ainda, que a interseccionalidade não hierarquiza as opressões, pelo contrário, analisa os atravessamentos dos corpos. Salientando que ao ponto em que eles se cruzam, potencializam o efeito discriminatório nos corpos e consequentemente no grupo em que eles estão inseridos. Como a pesquisa se apoia na promoção da justiça social, esta teoria, feminista decolonial e interseccional, é a que mais dá suporte teórico-metodológico “[...] para examinar o que poderia se perder na tradução” (Collins, 2017, p. 01). Compreendendo melhor, segundo Crenshaw (2004), como esses cruzamentos operam juntos. Por isso, a escolha de realizar um diálogo entre Bardin (1997), com base na sua metodologia e; entre Crenshaw (2004), com base na sua teoria.

Considerando o que foi posto, as figuras a seguir representam, por meio do cruzamento de setas e linhas, os atravessamentos/identidades das *hermanas* da pesquisa. A ideia das figuras se deu a partir de Kimberle Crenshaw (2004). Chamarei as figuras de “de(s)ingularidade dos atravessamentos”, esse nome surgiu a partir da construção prática dos atravessamentos das *hermanas*. O termo “de(s)ingularidade” é a junção do prefixo “des” com a palavra “singularidade”. O prefixo *des* segundo o dicionário Priberam (online) indica negação, separação ou cessação; já a palavra *singularidade*, segundo o dicionário Dicio (online), significa algo único. Isso indica que ao tempo que esses atravessamentos se cruzam eles formam a identidade das *hermanas*, sua singularidade. Mas, ao mesmo tempo, os mesmos atravessamentos as posicionam em diversos lugares, trazendo à tona “as muitas de si”, por isso o prefixo *des*. Deste modo, trabalhando a singularidade a partir de uma perspectiva de coletividade.

Observem que as linhas centrais, na cor violeta e amarelo, não possuem setas, essa escolha se deu pelo fato de o fator “gênero” e o fator “estudante” ser comum a todas participantes da pesquisa. Por este motivo, elas simbolizam as avenidas⁵ principais. As setas de linha contínua são as intersecções destas avenidas e as setas de linha seccionada são as intersecções das setas de linha contínua. Visualizem o centro de cada figura, vejam que neste centro todas as intersecções se cruzam ao mesmo tempo, esse centro diz respeito a identidade de cada participante. Que são muitas. Que vem de diversos lugares. Evidenciando, apoiada em Akotirene (2020), em quais condições estruturais os seus corpos estão inseridos, seja em termos de discriminação, vulnerabilidade e/ou identidade. Seguem quadros para a leitura das figuras:








QUADRO 03 – LEITURA DAS SETAS DE LINHA CONTÍNUA

Cores	Nome das cores	Identificação das cores
	Violeta	Gênero
	Amarelo	Estudante
	Verde	Raça
	Laranja	Classe social baixa
	Vermelho	Trabalhadora
	Rosa	Parentalidade
	Azul	Trajeto
	Marrom	TDAH

Fonte: produzido pela autora (2023).

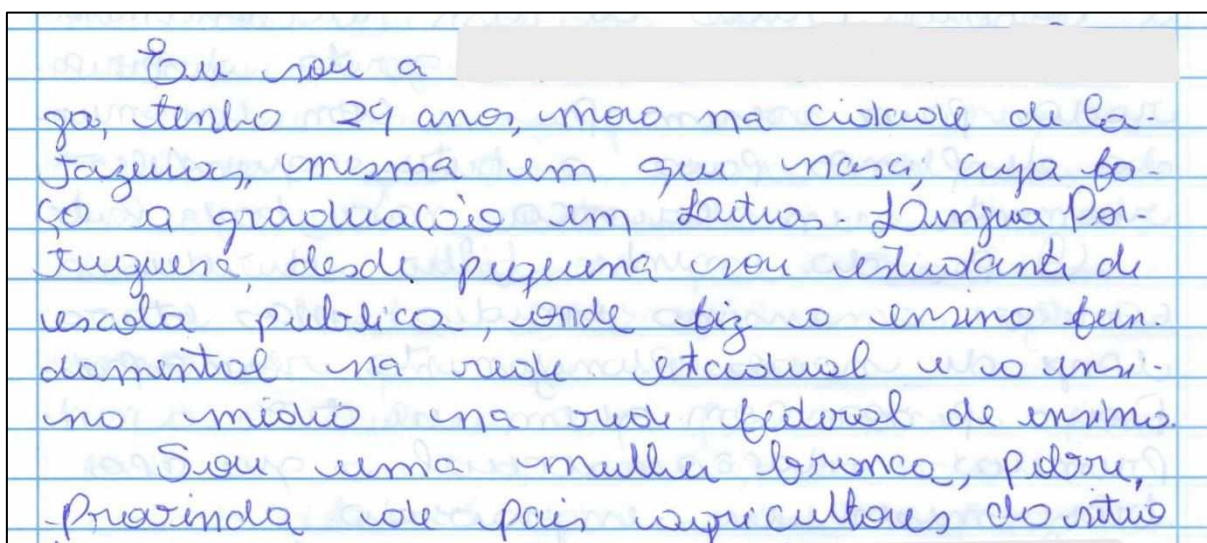
⁵ Kimberle Crenshaw (2004), ao falar sobre as intersecções, faz uma analogia ao tráfego em ruas e avenidas.

QUADRO 04 – LEITURA DAS SETAS DE LINHA SECCIONADA

Cores	Nome das cores	Identificação das cores
	Rosa (mesma cor de parentalidade)	Mãe de mais de um/a filho/a
	Rosa claro	Mãe solo
	Rosa escuro	Mãe solo de pessoa com deficiência
	Azul (mesma cor de trajeto)	Mora longe da universidade
	Azul claro	Mora em outra cidade
	Azul escuro	Mora em outro Estado
	Amarelo	Estuda a noite

Fonte: produzido pela autora (2023).

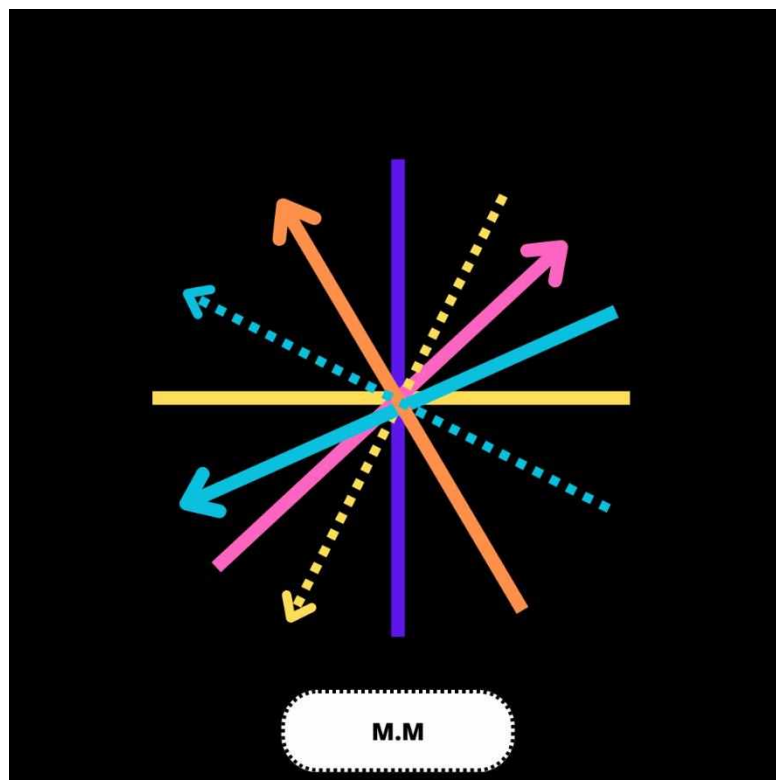
M.M se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 24 anos, branca, nordestina do interior da Paraíba, casada, mãe de uma menina de 05 anos, dona de casa, pobre, filha de pai e mãe agricultores e estudou em escolas públicas. É estudante do sétimo período do curso noturno de Licenciatura em Letras Português. Sobre sua locomoção até a universidade, por morar longe, mesmo residindo em Cajazeiras – PB, depende de carona de transportes universitários:



Eu sou a [redacted]
 ga, tenho 24 anos, moro na cidade de Ca-
 jazeiras, mesma em que nasci, cuja fo-
 ço a graduação em Letras - Língua Por-
 tuguesa, desde pequena sou estudante de
 escola pública, onde fiz o ensino fun-
 damental na rede estadual e o ensi-
 no médio na rede federal de ensino.
 Sou uma mulher branca, pobre,
 filha de pais agricultores do interior

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 05 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE M.M

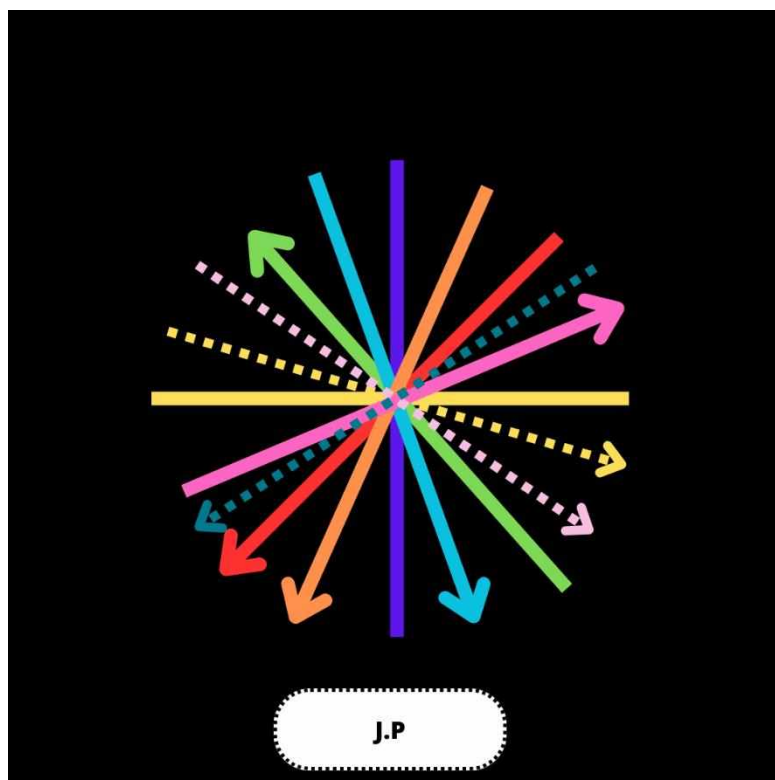


Fonte: produzido pela autora (2023).

J.P se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 25 anos, parda, nordestina do interior do Ceará, mãe solo de um menino de 06 anos, pobre, trabalhadora remunerada e estudou somente em instituições públicas. É estudante no curso noturno de Licenciatura em História, está no seu décimo terceiro período. Engravidou no seu segundo período do curso, devido à falta de políticas efetivas na instituição reprovou em algumas disciplinas e precisou trancar o curso. Fato que justifica a quantidade de períodos a mais integralizados. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público. Se desloca do Estado do Ceará para o Estado da Paraíba:

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 06 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE J.P



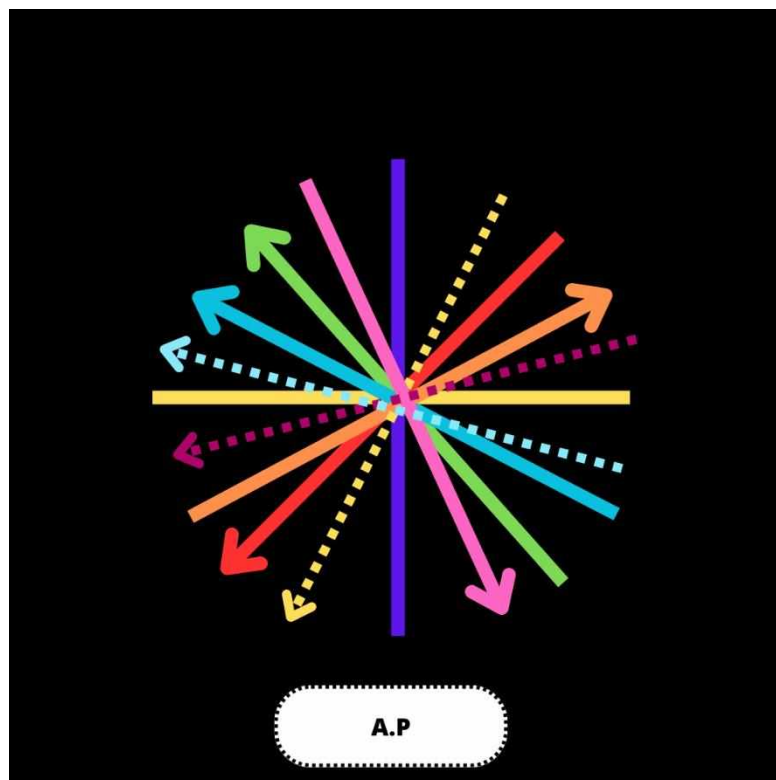
Fonte: produzido pela autora (2023).

A.P se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 28 anos, parda, nordestina do interior da Paraíba, mãe de um menino com Síndrome de Down de 07 anos, viúva, pobre, trabalhadora remunerada, estudou somente em escolas públicas e se autodenomina “fora dos padrões”. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no seu nono período. Seu filho foi o motivo da escolha do curso, pois ao observar que ele não era incluído na escola, ela buscou entender melhor o processo formativo dentro da perspectiva inclusiva. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público, se deslocando de uma cidade para outra:

Mulher, parda, mãe solo, mora em [redacted] interior da Paraíba, paraibana e pobre, funcionária de um supermercado, mãe católica, presentada por Deus por ter meu filho, pedagoga em formação, viúva, fora dos padrões

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 07 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE A.P



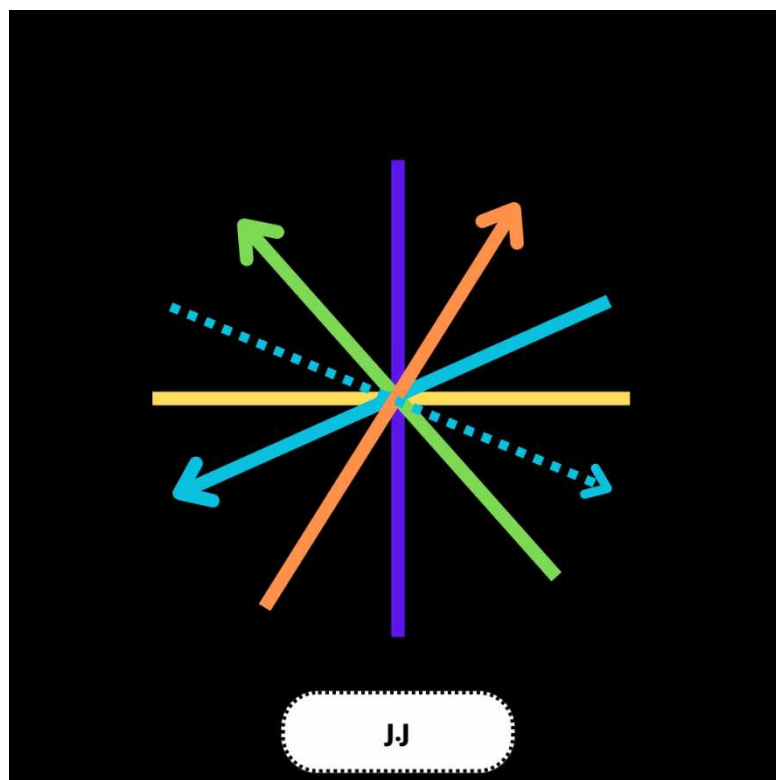
Fonte: produzido pela autora (2023).

J.J se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 24 anos, preta, quilombola, nordestina do interior da Paraíba, da comunidade rural, pobre, a primeira da família a ingressar no Ensino Superior. É estudante do curso matutino de Licenciatura em Pedagogia, está no nono período. Atualmente reside na cidade da instituição que estuda em Cajazeiras – PB, dividindo apartamento com uma colega. Sobre sua locomoção para a universidade quando não vai a pé, vai pagando o transporte:

Seu uma mulher negra, quilombola, pobre, moradora de uma comunidade rural localizada no alto sertão paraibano, ainda não sou mãe, mas quero ser, um dia. Sou a primeira da minha família a entrar em uma universidade, filha de uma mulher branca e pai negro, mito, bis-mito e aqui, também lembro mães ancestrais, as que vieram antes de nós e abriram espaço para que chegássemos aqui.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 08 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE J.J



Fonte: produzido pela autora (2023).

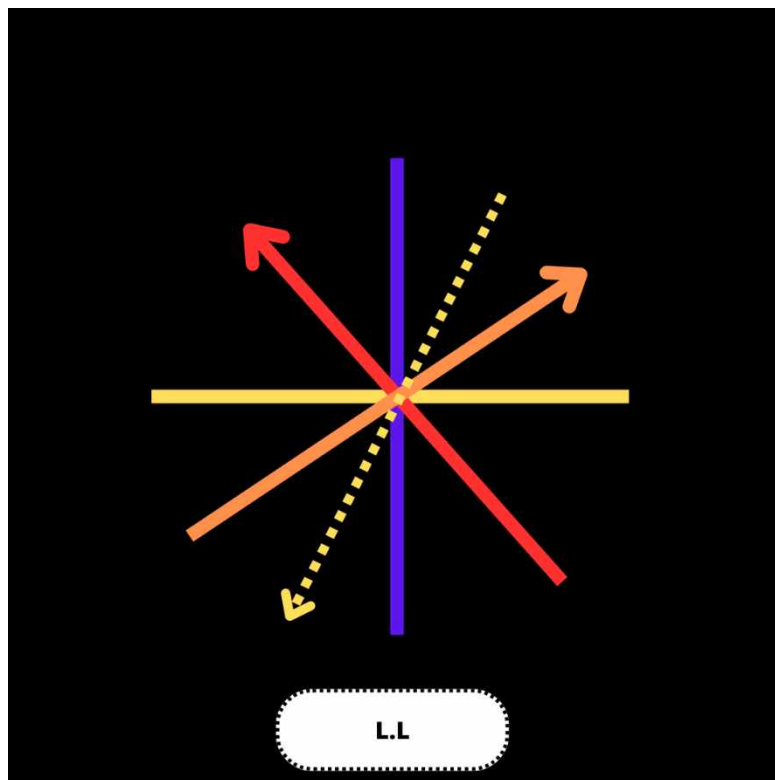
L.L se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 24 anos, branca, nordestina do interior da Paraíba, pobre, trabalhadora do comércio e estudou somente em escolas públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no seu décimo período. Reside na mesma cidade da instituição em que estuda, em Cajazeiras – PB. Ela enxerga na educação a esperança de melhores condições de vida. Sobre a sua locomoção para a universidade, ela não depende de transporte público:

A imagem mostra uma página de um caderno com uma escrita manuscrita em azul. O texto descreve a identidade e as aspirações de uma pessoa. Há um espaço em branco retangular no início da frase, onde o nome foi redigido.

Me chamo [redigido], tenho 24 anos, sou trabalhadora do comércio e estudante de licenciatura. Sou branca, de origem humilde e que vejo na educação além de um sonho, a esperança de melhores condições de vida.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 09 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE L.L



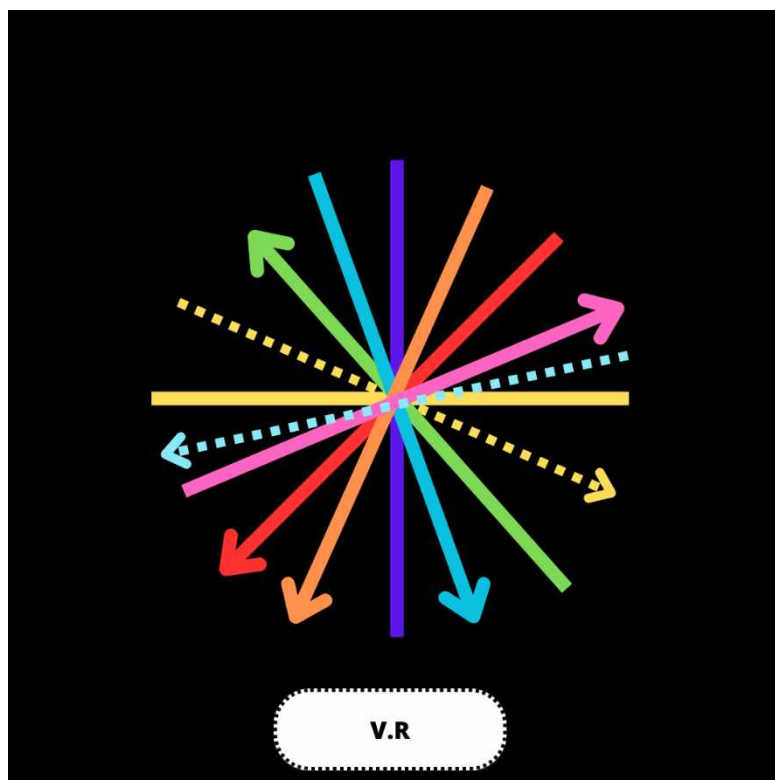
Fonte: produzido pela autora (2023).

V.R se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 23 anos, preta, pobre, mãe de um menino de 03 anos, casada, trabalhadora remunerada, nordestina do interior da Paraíba. Foi a primeira da família a ingressar no Ensino Superior. Já estudou tanto em instituições particulares quanto em públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no nono período. Sobre sua locomoção até a universidade, ela vai de transporte público, se deslocando de uma cidade para outra:

Olá! Me chamo [nome], tenho 23 anos e estou cursando o 9º período do curso de Pedagogia da UFCG. Sou uma mulher preta, de família humilde e também sou mãe. Dos meus irmãos fui a primeira a entrar em uma universidade, o que nos remete às dificuldades que enfrentamos enquanto classe social pobre e de poucas oportunidades.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 10 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE V.R



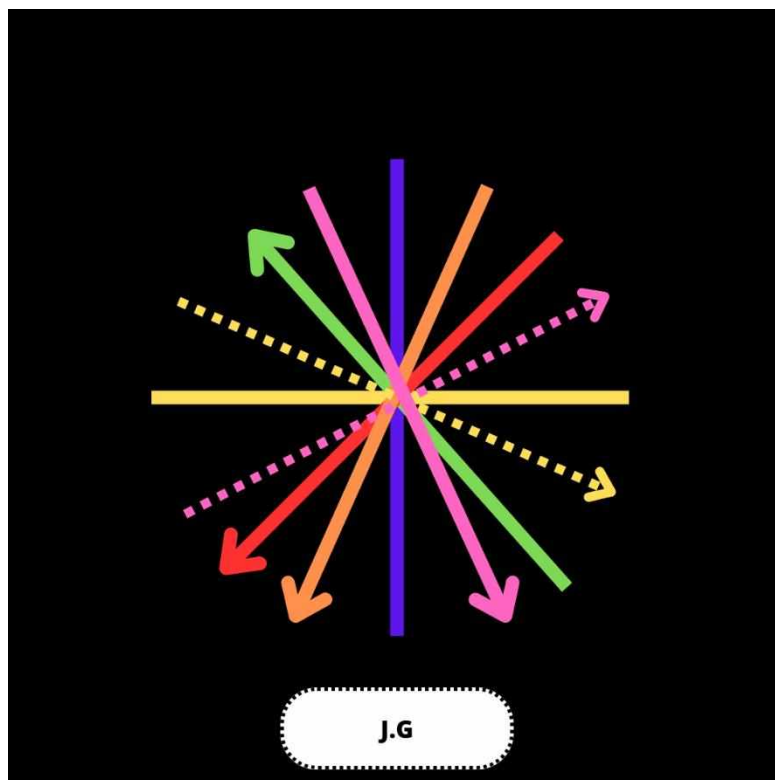
Fonte: produzido pela autora (2023).

J.G se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 37 anos, preta, pobre, mãe de duas meninas de 09 e 05 anos e de um menino de 02 anos, casada, trabalhadora remunerada, dona de casa, nordestina do interior da Paraíba. Estudou somente em escolas públicas. É aluna do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, estando no nono período. Reside na mesma cidade da instituição em que estuda, em Cajazeiras – PB. Sobre a sua locomoção para a universidade, ela não depende de transporte público:

A imagem mostra uma página de caderno com linhas azuis. O texto manuscrito em azul escuro descreve a identidade da participante J.G. Algumas partes do texto foram substituídas por retângulos cinza para preservar a identidade. O texto completo é: "Sou [redatado], sou filha de Deus, mulher, casada, mãe de três filhos, sou professora, dona de casa e estudante de pedagogia. Sou natural da cidade de Cajazeiras - PB. Sou uma mulher preta e pobre, [redatado]".

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 11 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE J.G



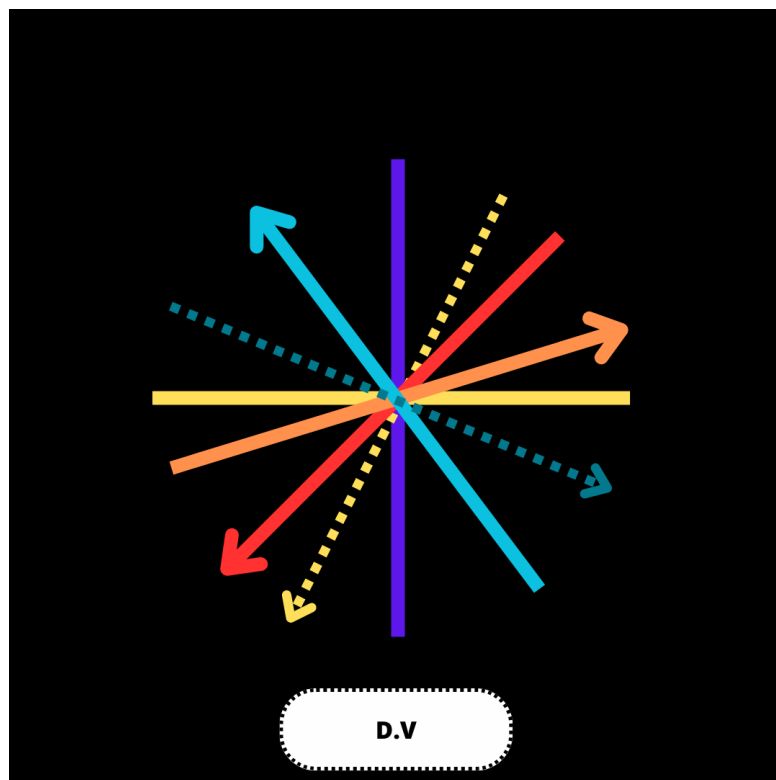
Fonte: produzido pela autora (2023).

D.V se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de 23 anos, branca, pobre, trabalhadora remunerada, nordestina do interior do Ceará e solteira. Estudou somente em escolas públicas. É aluna do curso noturno em Licenciatura em Química, estando no nono período. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público. Se desloca do Estado do Ceará para o Estado da Paraíba:

A imagem mostra uma frase escrita à mão em um papel quadriculado. O texto é: "Sou mulher, residente no Ceará, solteira e com 23 anos. Minhas ocupações são o trabalho e a faculdade." A escrita é em uma cor azulada ou roxa.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 12 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE D.V



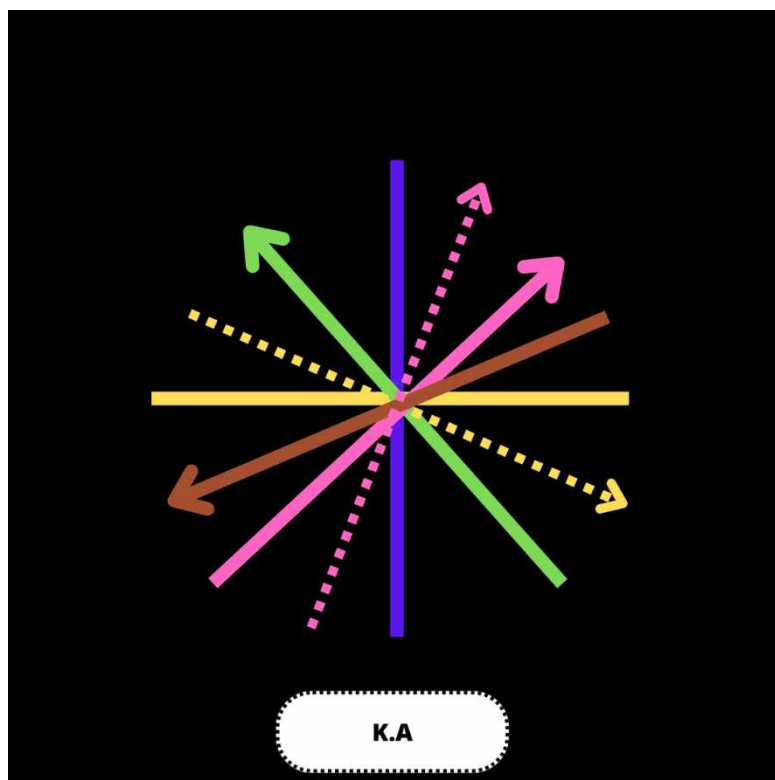
Fonte: produzido pela autora (2023).

K.A se descreve/autodeclara da seguinte forma: é mulher de 36 anos, tem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), parda, de classe média, dona de casa, mãe de uma menina de 07 anos e de um menino de 06 meses, casada e nordestina do interior da Paraíba. Estudou somente em escolas públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, estando no seu décimo primeiro período. Reside na cidade da instituição em que estuda e utiliza do seu próprio transporte para se deslocar para a universidade:

me identifico, sou uma mulher alta, parda, com traços indígenas, moro atualmente na cidade de Cajazeiras - PB, porém vim morar nesta cidade porque casei, sou de classe média, tenho dois filhos um menino e uma menina, atualmente sou estudante profissional no curso de licenciatura em pedagogia no período noturno

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 13 – DE(S)INGULARIDADE DOS ATRAVESSAMENTOS DE K.A



Fonte: produzido pela autora (2023).

Apresento individualmente o perfil de cada participante da pesquisa por acreditar na importância de trata-las respeitando suas especificidades. Por mais que todas tenham o gênero como aspecto comum, podemos perceber que cada uma possui seus atravessamentos e realidades. Reafirmando a importância da perspectiva interseccional e da prática da construção das figuras “de(s)ingularidade dos atravessamentos”, nos possibilitando a ter uma noção visual do lugar onde as *hermanas* da pesquisa estão situadas. Se eu apenas analisasse o fator “gênero”, os outros fatores não seriam levados em consideração na pesquisa. O que não me daria resultados mais aprofundados e coerentes com a proposta.

A seguir, dois quadros com todas as informações das *hermanas* organizadas para uma melhor visualização dos perfis. No quadro 05, elenquei os temas principais de cada perfil e em seguida selecionei o núcleo geral de cada tema a partir da Unidade de Contexto (UC). Após fazer essa síntese, observei as UC e retirei as intersecções existentes destas unidades e formulei as Unidades de Registro (UR), presentes no quadro 06:

QUADRO 05 – PERFIL DAS HERMANAS DA PESQUISA**(UC)**

Tema	UC	Quantidade
Gênero	Feminino	09
	Masculino	00
Estudante	Estudante	09
	Não-estudante	00
Raça	Negra (preta ou parda)	06
	Branca	03
Classe	Baixa	08
	Média	01
Trajetos	Reside na cidade da instituição	05
	Não reside na cidade da instituição	04
Parentalidade	Mãe	06
	Não-mãe	03
Neurodiversidade	TDAH	01

Fonte: produzido pela autora (2023).

QUADRO 06 – PERFIL DAS HERMANAS DA PESQUISA**(UR)**

Tema	UR	Quantidade
Turno em que estuda	Manhã	01
	Noite	08
Trabalho remunerado	Trabalhadora remunerada	06
	Trabalhadora não remunerada	03
Trajetos	Reside na cidade da instituição	05
	Reside em outra cidade	02
	Reside em outro Estado	02
Parentalidade	Mãe casada com um/a filho/a	02
	Mãe casada com mais de um/a filho/a	02
	Mãe solo com um/a filho/a	01
	Mãe solo de um/a filho/a com deficiência	01

Fonte: produzido pela autora (2023).

Com essa análise dos dados realizada de forma individual para depois de forma coletiva, pude compreender melhor, quem são minhas *hermanas*, os seus contextos e realidades. Conhecendo-as, nos tornamos mais próximas a elas. Foi nesse exercício, de apresentação, que encontrei para que vocês, leitora ou leitor, possam de fato entender que quando falamos sobre gênero em uma perspectiva interseccional e decolonial nós consideramos a pessoa, a partir do seu contexto social e cultural, da sua autodefinição. Com base nessa procura de conhece-las pude entender seus atravessamentos e como eles se inter-relacionam, não com o objetivo de compará-los ou hierarquizar-los; mas, de compreender que quando somados, o nível de opressão sobrecarrega esse grupo, essa mulher. (Berth, 2020). Nesse sentido, não pude analisar seus escritos sem antes conhecê-las.

5.2 Escrevivências como ato revolucionário: “*Se alcançamos o direito a universidade, porque o ambiente acadêmico não atende as nossas devidas necessidades?*”

Neste capítulo busco fazer uma discussão a partir das cartas das *hermanas* da pesquisa e por este motivo, a começar por seu título, nos próximos tópicos haverá em seus títulos trechos das escrevivências das *hermanas*. Como pudemos observar no capítulo anterior, elas são mulheres atravessadas por diversas questões que devem ser levadas em consideração para uma melhor análise e para uma melhor discussão no que se diz respeito à promoção de justiça social e do bem público. Como a pesquisa foi feita a partir da perspectiva interseccional, foram levantadas diversas questões para serem debatidas. Conseguimos notar que todas estas questões acontecem na vida destas mulheres de forma simultânea e não separadamente. Afirmando-nos, já de início, que elas estão posicionadas em um lugar de múltiplas demandas e de uma larga escala de vulnerabilidade. Considerando a potencialização do choque de quando esses cruzamentos se encontram, como observamos nas figuras do capítulo anterior.

Foram levantados nas cartas os temas que apareceram com maior frequência nas comunicações das *hermanas* participantes, que Bardin (1997) chama de núcleos de sentido. Esses temas foram levantados para uma melhor organização da discussão deste capítulo, que objetiva compreender os desafios de conciliar as diversas demandas para a formação e permanência na academia. A seguir, uma nuvem de palavras com os temas que mais apareceram nas cartas:

FIGURA 14 – NÚCLEOS DE SENTIDO



Fonte: produzido pela autora (2023).

Observando os núcleos de sentido levantados, foram elencados quatro tópicos para discuti-los. Como os núcleos “gênero” e “estudante” são comuns a todas as *hermanas* participantes, eles estarão presentes durante as discussões dos tópicos. Como também, estará presente o núcleo “classe social”, pois levarei em consideração as questões socioeconômicas das participantes. No primeiro tópico, estão as discussões sobre o núcleo “trabalho”; no segundo, as discussões sobre o núcleo “parentalidade”; no terceiro, as discussões sobre o núcleo “trajetos” e; no último, é uma discussão sobre como esses núcleos se inter-relacionam na construção identitária das *hermanas* da pesquisa e como estes, quando somados, potencializam suas vulnerabilidades a respeito do processo de formação acadêmica.

É importante destacar que no capítulo anterior, encontramos diversos temas que poderiam ser discutidos por tópicos. Mas, esse levantamento proposto por Bardin (1997) fez com que eu encontrasse os temas que mais sensibilizam e inquietam suas experiências enquanto mulheres e universitárias. Por isso a escolha da sondagem dos núcleos. Contudo, vale reforçar, que a teoria da interseccionalidade acompanha todo o processo de análise.

5.2.1 Universitárias e trabalhadoras remuneradas: “coloquei na cabeça que eu queria participar, mas como?”

Como observamos no perfil das *hermanas* da pesquisa, entre nove (09) participantes, seis (06) afirmaram que são trabalhadoras remuneradas e universitárias. Dessas seis (06) trabalhadoras remuneradas e estudantes, todas são de cursos do turno noturno. Esses dados comprovam o estudo realizado em 2018, pela Associação Nacional dos Dirigentes das

Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), estudo este que tem como objetivo traçar o perfil socioeconômico e cultural das/os alunas/os graduandas/os. Nele, tem a afirmativa que quase metade das/os estudantes de cursos noturnos são estudantes ocupadas/os, totalizando o percentual de 49,4% (Andifes, 2019). Esse percentual se dá pelo fato de que por serem estudantes ocupadas/os, elas/es são condicionadas/os, muitas vezes, a terem somente o período noturno como tempo livre para os estudos, por isso a maior concentração de trabalhadoras/es remuneradas/os e estudantes neste turno (Vargas; Paula, 2013; Tombolato, 2005; Trópia; Souza, 2023). A *hermana* L.L confirma este fato quando diz:

[...] me formei no médio em setembro de 2016, e no início de 2017 comecei a trabalhar no comércio, como jovem aprendiz, passei em vários cursos no período da manhã e da noite, mas como estava trabalhando, esperei abrir para Pedagogia à noite. (L.L, 2023).

Outro fator que levam as/os alunas/os mesmo em uma instituição pública a entrar no mercado de trabalho são suas situações socioeconômicas. Das seis (06) *hermanas* trabalhadoras remuneradas e estudantes, todas se declararam como classe baixa. É importante fazer esse desdobramento, pois segundo as autoras Vargas e Paula (2013), estudantes que tem esse perfil precisam muito mais do que a gratuidade do ensino para serem incluídas/os de fato na educação superior; precisam de bolsas acadêmicas, auxílios estudantis e de trabalho, que é o caso das participantes da pesquisa. Algumas delas, em suas escriturinhas sinalizam a influência do fator econômico como o principal motivo de estarem trabalhando:

E podem surgir algumas perguntas sobre porque não larguei o emprego e a resposta é uma só “necessidade”. (L.L, 2023).

[...] a opção de desistir de fazer alguma coisa não tenho, precisava trabalhar [...]. (A.P, 2023).

Infelizmente não posso escolher entre trabalhar e estudar, pois os dois são fundamentais. (D.V, 2023).

Como podemos observar nas escritas das *hermanas*, o trabalho constitui como peça fundamental para suas necessidades, não havendo possibilidades de escolhas, fazendo com que o tempo de trabalho concorra com o tempo de estudos (Tombolato, 2005; Trópia; Souza, 2023;). O tempo é um grande agravante para ser discutido quando falamos da conciliação de trabalho e estudos. Trópia e Souza (2023) e Andifes (2019), dizem que as/os estudantes ocupadas/os com o trabalho remunerado ao dividirem seus horários entre trabalho e estudo,

têm menos horas de estudos fora da sala de aula, visto que, geralmente, elas/es somente irão ter disponibilidade no horário da noite e, este, já está completo com os horários das aulas. A *hermana* A.P confirma esse fato quando escreve:

A minha maior dificuldade para continuar os estudos é a falta de tempo, pois a vida acadêmica exige tempo para ler, produção de artigos e apresentações de seminários, tudo tem que ser preparado e levar já pronto para a universidade e o único tempo que tenho para estudar era o que estava na universidade. (A.P, 2023).

Quase metade (44,1%) das/os estudantes ocupadas/os dedicam “menos de cinco horas aos estudos fora da sala de aula” (Trópia; Souza, 2023, p. 15 *apud* Andifes, 2019). Notamos, deste modo, que elas/es têm o tempo limitado para se dedicarem aos estudos. As *hermanas* afirmam estes dados quando dizem:

[...] o tempo para se dedicar aos estudos e realizar as atividades do curso são curtos. [...] Com essa rotina, às vezes me sinto atrasada no curso em relação aos outros colegas, que possuem maior disponibilidade. (D.V, 2023).

Como o tempo era muito corrido, o único tempo que sobrava para estudar era o domingo, pois trabalhava de segunda a sábado, e a madrugada onde deixava de dormir para poder estudar e fazer as atividades do curso. (A.P, 2023).

O tempo tem sido o maior indicador de dificuldades entre as *hermanas* trabalhadoras remuneradas e estudantes. A *hermana* D.V, traz uma discussão interessante no que diz respeito da importância de discutirmos sobre as/os alunas/os que trabalham. Dado que o rendimento formativo das/os que trabalham não pode ser comparado com o rendimento formativo das/os estudantes que tem carga horária disponível para dedicação aos estudos. Enquanto apenas 21,2% das/os estudantes ocupadas/os dedicam mais de dez horas nos estudos para além da sala de aula; 41,9% das/os estudantes não-trabalhadoras/es remuneradas/os dedicam mais de dez horas nos estudos para além da sala de aula, quase o dobro (Trópia; Souza, 2023 *apud* Andifes, 2019). Já a *hermana* A.P, por não ter muita disponibilidade de tempo, trabalhando de segunda a sábado, separa os domingos (que deveriam ser para descanso) e as madrugadas para tarefas de estudos. Ampliando sua jornada.

Outra questão importante de ser levantada é a participação desse público nos programas acadêmicos. Considerando a pouca disponibilidade de tempo para estudos fora da sala de aula, como elas irão se inserir no “[...] eixo fundamental da universidade brasileira”

que se constitui no tripé entre ensino, pesquisa e extensão? (Moita; Andrade, 2009, p. 269). As *hermanas*, ao falarem sobre suas relações com os programas acadêmicos dizem:

Eu queria muito participar de eventos, de monitoria e de diversos outros programas, mas eu necessitava do emprego, me doía tanto não ir para os eventos, ver a maioria indo e eu não, mas se eu sáísse do trabalho eu teria tempo, mas não dinheiro. (L.L, 2023).

O fato de trabalhar o dia inteiro de segunda à sexta, impossibilita a minha participação em projetos e pesquisas de extensão [...] (D.V, 2023).

A universidade disponibiliza muitos programas e projetos, mas, não participo de quase nada, justamente pela existência de todas as demandas já citadas aqui. (V.R, 2023).

Verifica-se que para elas, os programas acadêmicos estão distantes de suas realidades e, por serem trabalhadoras remuneradas e universitárias, elas não conseguem vivenciar de maneira plena a universidade. Há muitos programas e projetos como afirma V.R, mas cabe perguntar: para quem? As autoras Vargas e Paula (2013, p. 475), a partir da perspectiva de um ensino superior de massas, compreendem a necessidade de novos padrões de avaliação de qualidade do ensino superior, dado que as instituições estão “[...] historicamente construídas para atender as elites”. A *hermana* L.L (2023), confirma esta citação quando escreve:

A partir do conhecimento que fui adquirindo sobre a universidade e sobre os projetos, eu me encantei e coloquei na cabeça que eu queria participar, mas como? Se os programas não são pensados para pessoas como eu, que trabalho o dia todo. Chorei vários dias, porque eu queria fazer parte, queria aprender, mas era impossível. (L.L, 2023).

Fica evidente nessa citação de L.L (2023) a frustração de não conseguir fazer parte da universidade, de não se sentir parte dela, mesmo estando nela. Evidenciando que as pessoas da classe popular – que estão neste espaço por meio das políticas públicas de reparação histórica – não conseguem vivenciar o tripé da universidade, mesmo querendo (indicando que ainda é preciso pensar em soluções efetivas de políticas de permanência). Acarretando desvantagens em suas formações acadêmicas e construção curricular, pois sabemos que participações em programas e em projetos acadêmicos implicam em vantagens futuras, desde a inserção nos próprios programas acadêmicos à programas de pós-graduação e processos seletivos. Foi o que aconteceu com a *hermana* L.L (2023), que aproveitou o ensino remoto para tentar participar de algum programa acadêmico da universidade:

Até que no período do ensino remoto, eu vi a minha chance, porque eu não precisaria estar basicamente na universidade e eu encaixaria as ações no meu tempo livre ou até mesmo escondida no trabalho, isso foi o caso da entrevista do RP, que fiz escondida dentro do banheiro do meu trabalho, vendo a hora ser descoberta, mas eu fiz, novamente eu precisei ser forte. Infelizmente eu não consegui o RP, eu não tinha currículo, eu não tinha participado de nada, e aí... Novamente chorei por dias. (L.L, 2023).

Ora, pelos dados, diálogos teóricos e diálogos com as *hermanas* realizados até aqui, pudemos observar que a situação socioeconômica implica no perfil dessas alunas trabalhadoras remuneradas, acarretando poucas horas do seu dia para estudos e, que conseqüentemente, leva a não participação nos programas e projetos acadêmicos; por outro lado, quando surge uma oportunidade de participação, o programa na sua regra de pontuação de notas de classificação, pontua aquelas/es com participações em projetos e/ou programas acadêmicos, que por sinal, em muitas vezes, não são as alunas trabalhadoras remuneradas, visto que ao longo da trajetória acadêmica não conseguiram fazer o currículo por falta de tempo.

É importante enfatizar que compreendo a relevância desses programas acadêmicos para a formação discente, eles são de extrema importância na graduação e se constitui um abridor de portas. O que pretendo levar para discussão, a partir dessa reflexão de L.L (2023), é que os requisitos dos editais – seja de programas acadêmicos, de pós-graduação e/ou processos seletivos – precisam ser reavaliados levando em conta os perfis das/os inscritas/os. Podendo abrir, por exemplo, critérios para um determinado número de vagas reservadas que possam atender alunas/os que por conta da herança histórica/cultural/econômica possuem desvantagens construídas socialmente, considerando questões de gênero, raça, economia, parentalidade, trabalho, etc. Comprometendo-se com a justiça social.

Outra questão que precisa ser discutida na escrivência da *hermana* L.L, é o seu desejo de participar dos projetos da universidade. Mesmo que isso multiplique sua jornada de trabalho. Foi o que aconteceu em mais uma tentativa, desta vez positiva, de ingressar em outro programa, no qual ela compartilha que teve que fazer o mesmo processo que tinha feito na outra tentativa:

No PIBID foi da mesma forma, passei como bolsista e realizava as ações no meu horário de almoço e no trajeto trabalho-casa, a minha sorte foi contar com a compreensão da coordenadora do programa. (L.L, 2023).

Observamos que ao aproveitar o ensino remoto, ela utilizou o seu horário de almoço e o tempo que levaria para se deslocar do trabalho-casa para conseguir realizar as atividades do programa. Deixando-a sem tempo livre, sequer para o almoço, e multiplicando sua jornada. Nas escritórias das nossas *hermanas* trabalhadoras remuneradas e estudantes pude notar o cansaço e a exaustão acumulados presentes em seus cotidianos:

Como continuar me sentindo tão exausta e muitas vezes desanimada? Precisava trabalhar para ter dinheiro [...]. (J.P, 2023).

Eu estava feliz, porém cansada... Depois de um longo dia de trabalho eu só queria desistir da faculdade e ir dormir, mas me conhecendo e sabendo da minha teimosia, persisti. E pra ser bem sincera, se fosse para começar hoje, o curso, eu não conseguiria! Eu estou exausta. (L.L, 2023).

Com todos esses conflitos interiores fui acumulando ao longo dos anos uma enorme exaustão, desânimo e para ser sincera esse tem sido os meus maiores desafios. (J.G, 2023).

Devido a semana corrida, o final de semana é o que sobra para descanso, porém com as atividades acadêmicas, acaba se tornando cansativo. (D.V, 2023).

Vejamos que cada uma, a partir da sua realidade, se desdobram como podem e como consequência o sentimento e a sensação de cansaço, exaustão e desânimo as acompanham. Segundo a Andifes (2019) em 2018, 45,6 das/os estudantes de instituições do ensino superior apresentam dificuldades como desânimo ou desmotivação; dentre as/os estudantes que pensaram em abandonar o curso por motivo para abandonar (listados dez motivos), em terceiro lugar está a “dificuldade de conciliar trabalho e estudos” com o percentual de 23,6%, ficando atrás do segundo colocado que é o motivo “nível de exigência” com o percentual de 29,7% e, do primeiro colocado que é o motivo de “dificuldades financeiras” com o percentual de 32,7%, que também está dentro da realidade das *hermanas* da pesquisa; já dentre as/os estudantes que fizeram trancamentos gerais de matrículas por motivo de trancamento (listados oito motivos), em segundo lugar está o motivo “por motivo de trabalho” com o percentual de 22,1%, ficando atrás do motivo “por outro motivo” com o percentual de 24,3% (Andifes 2019).

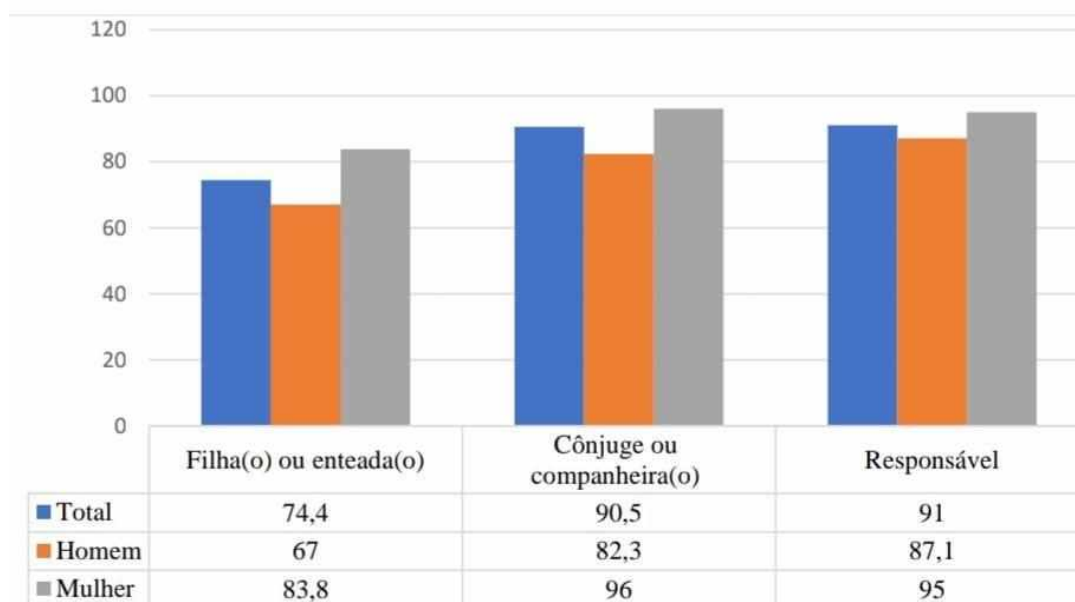
As autoras Vargas e Paula (2013) e Tombolato (2005) falam que estudantes que trabalham e estudam tentam exercer atividades praticamente inconciliáveis, tornando-as/os, deste modo, estudantes esgotadas/os e cansadas/os. E que por configurar esse perfil, de trabalhadoras/es remuneradas/os e estudantes, “[...] desencadeia irritabilidade, excitabilidade e

alteração significativa na qualidade do sono dos trabalhadores provocando o cansaço crônico e, conseqüentemente, alteração no equilíbrio emocional dos mesmos.” (Tombolato, 2005, p. 34).

Você, leitora ou leitor, pode notar que até aqui foi discutido sem fazer reflexões sobre as questões de gênero. Com as informações e discussões realizadas, podemos perceber que estudantes que trabalham de forma remunerada se dispõem de menor tempo para dedicação aos estudos, acarretando vulnerabilidade na formação acadêmica. Mas, quando consideramos as questões de gênero, como fica? Ora, se estamos falando do trabalho em uma perspectiva interseccional, devemos também falar do trabalho não remunerado (neste tópico falarei em específico do trabalho doméstico), do trabalho que é invisível aos olhos de uma sociedade eurocentrada, como diz Françoise Vergès (2020). Daí que se inicia a discussão de gênero.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), em um estudo que investiga outras formas de trabalho, realizado em 2022, mostra que as mulheres tem um maior percentual em realização de afazeres domésticos em comparação aos homens:

GRÁFICO 01 – TAXA DE REALIZAÇÃO DE AFAZERES DOMÉSTICOS, POR SEXO, SEGUNDO A CONDIÇÃO NO DOMICÍLIO⁶



Fonte: IBGE (2023).

⁶ “Na pesquisa, as atividades consideradas como afazeres domésticos são agrupadas em oito conjuntos, assim identificados: preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça; cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos; fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou outros equipamentos; limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim; cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados); fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio; cuidar dos animais domésticos; e outras tarefas domésticas.” (IBGE, 2023, p. 02).

Podemos observar nos dados, que independente da condição do domicílio, as mulheres são as que mais realizam trabalhos domésticos em seus lares. Implicando em mais uma tarefa que ficam sob sua responsabilidade por conta das construções de gênero e de sociedade. Com esse dado, podemos considerar que as *hermanas* trabalhadoras remuneradas e universitárias acumulam sobrecarga de trabalho, ficando entre o trabalho remunerado, o trabalho não remunerado e os estudos, como por exemplo, A.P:

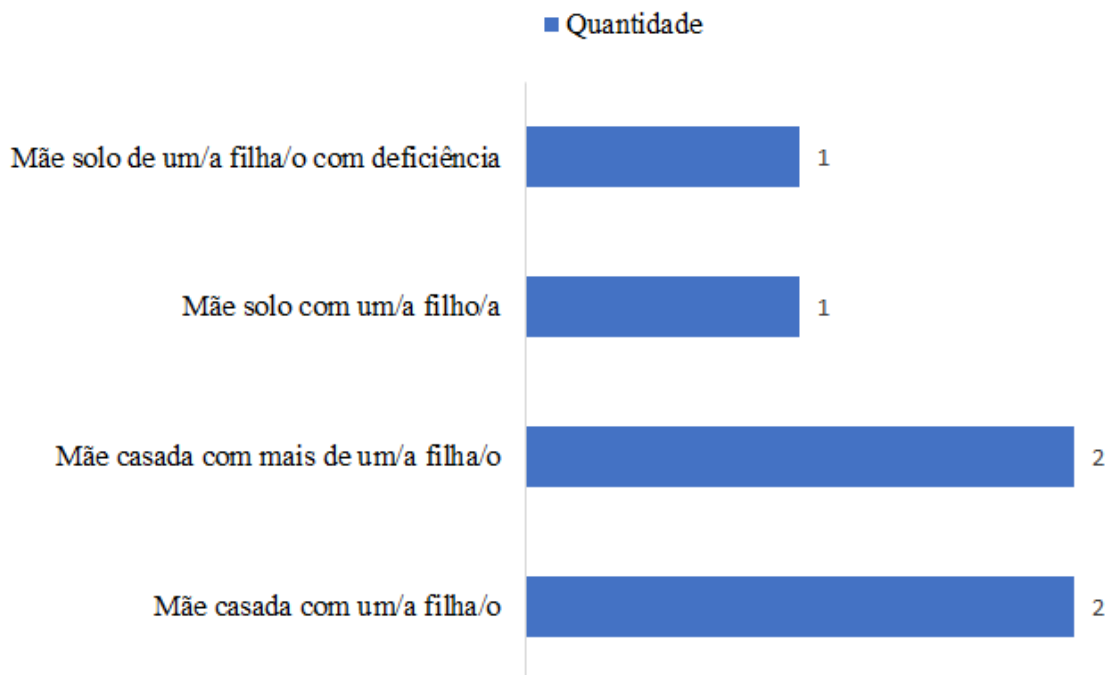
[...] então tive que reorganizar a minha rotina e o meu tempo para poder conseguir conciliar o trabalho... o estudo... e a organização da casa. (A.P, 2023).

Nesse sentido, se antes da perspectiva de gênero, a discussão sobre estudantes que trabalham no formato remunerado evidenciava a pouca disponibilidade de tempo e que com as demandas do trabalho e estudos elas não conseguiam vivenciar a universidade de maneira plena e que, também, acarretava o cansaço e a exaustão. Com a somatória das reflexões considerando o gênero podemos evidenciar que as demandas aumentam consideravelmente para as mulheres, visto que elas são posicionadas em um lugar de tripla demanda, tornando o processo de formação acadêmica ainda mais distante delas.

5.2.2 Mães na universidade: “é como se nós não existíssemos, como se ser mãe não fosse um agravante para a queda do nosso rendimento”

Das nove (09) *hermanas* da pesquisa, seis (06) são mães. Dessas seis mães universitárias todas são de cursos do turno noturno. O que comprova, novamente, o estudo da Andifes (2019), que quase metade (49,4%) das/os estudantes de cursos noturnos são estudantes ocupadas/os. As idades de seus filhos e filhas variam entre seis (06) meses e nove (09) anos de idade. Entre as mães universitárias participantes da pesquisa há intersecções sobre a parentalidade:

GRÁFICO 02 – INTERSECÇÕES DA PARENTALIDADE DAS *HERMANAS*



Fonte: produzido pela autora (2023).

É relevante trazer essas intersecções para uma melhor compreensão e análise dos contextos que as mães universitárias da pesquisa estão situadas. Mesmo estando em um mesmo grupo “mães e universitárias”, quando fazemos um desdobramento interseccional na parentalidade observamos quatro modelos de parentalidade: mãe casada com um/a filha/o, mãe casada com mais de um/a filha/o, mãe solo com um/a filha/o e mãe solo de um/a filha/o com deficiência. Segundo a literatura, mulheres mães por conta das desigualdades de gênero tem sobrecarga de trabalhos. Quando levamos em consideração o contexto de parentalidade, idade e quantidade de filhas/os, essa sobrecarga pode ser ainda maior. É o que será discutido no decorrer deste tópico.

Para Mesquita *et al.* (2019), as mulheres mães estudantes carregam desvantagens no meio acadêmico, dado que ao tempo que se evidencia a separação de atividades por sexo dentro de uma perspectiva machista e patriarcal nesta distribuição, estas mulheres são levadas a assumirem multitarefas, que se dá entre a conciliação das atividades parentais e atividades acadêmicas. É o que se confirma nas escrituras das *hermanas*:

Após o nascimento de N o cansaço veio um pouco mais intenso sobre mim. As noites são mais curtas, o tempo corrido mas as necessidades ainda estão aqui. Com relação a horários de estudo, geralmente me concentro melhor a noite, então sempre que ele dorme tento ser produtiva ao máximo (mesmo sabendo que no dia seguinte estarei morta) e as vezes isso me deixa acordada até altas horas. Antes de ser mãe eu conseguia me dedicar mais às*

atividades acadêmicas, contudo, de uns anos para cá isso tem sido difícil e eu sinto muito por mim mesma. Me perdi um pouco nessa caminhada entre os ofícios da maternidade-universidade. (V.R, 2023).

O curso de pedagogia é um desafio! Quando eu iniciei eu tinha uma filha de 2 anos, que é uma idade desafiadora, eu como mãe de primeira não conseguia fazer as leituras longas e uma filha pequena querendo atenção (...). (K.A, 2023).

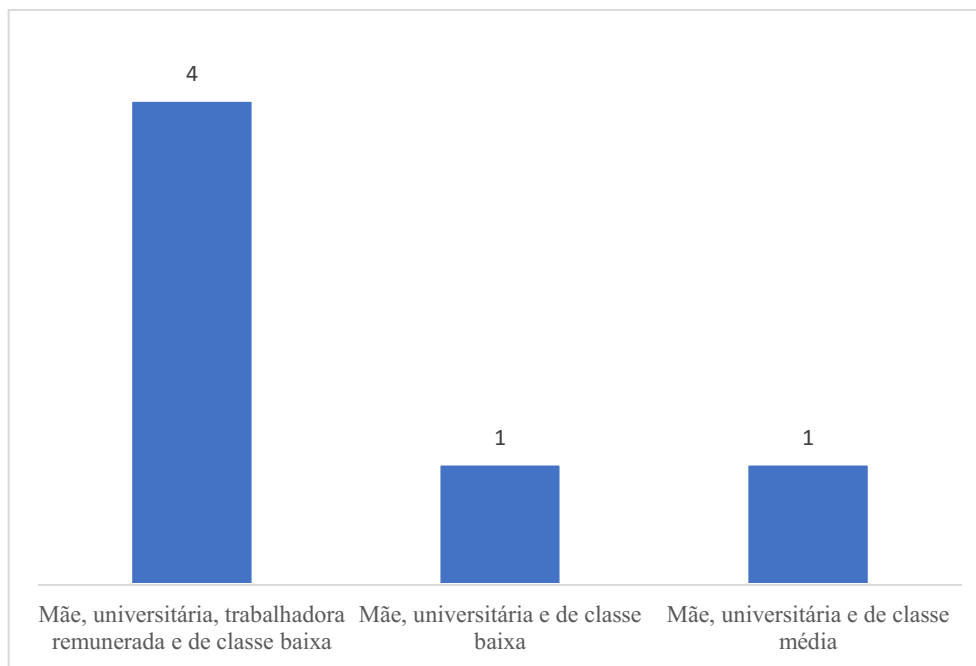
Muitos foram os desafios, e quando chegou o retorno das aulas presenciais, sofri em ter que deixar o meu bebê e pegar a estrada todos os dias de segunda a sexta, enfrentando o cansaço de todo um dia e noites mal dormidas. (J.P, 2023).

Ser mãe e estudante é um grande desafio e por muito tempo me senti culpada por não ser mais presente na vida dos meus filhos ou por estar ocupando o meu tempo com outras questões que não fossem dar de conta das demandas acadêmicas. (J.G, 2023).

É evidente em seus escritos a tentativa de conciliação das atividades parentais e atividades acadêmicas. Podemos perceber que elas tentam se desdobrar como podem. V.R e J.P demonstram o cansaço e as noites mal dormidas na intenção combinar as duas atividades. A *hermana* K.A, traz a afirmativa da impossibilidade de estar totalmente focada em uma atividade acadêmica quando se tem uma criança pequena, a qual exige cuidados e atenção. Já a *hermana* J.G, traz uma questão que precisa ser discutida: o sentimento da culpa. Se por um lado ela se sente culpada por não estar presente na vida de suas/seus filhas/os, por outro lado ela também sente culpa por estar ocupando o seu tempo com questões que não sejam sobre as atividades acadêmicas. Ou seja, ela se encontra no meio de “um fogo cruzado” e por consequência, não consegue colocar tudo de si em nenhuma das duas atividades.

A autora Fernandes (2022 p. 29), fala que o sentimento de culpa por não estar presente na vida das/os filhas/os é constante na vida das mulheres das classes menos favorecidas, visto que elas precisam se desdobrar em multitarefas, vivendo no “[...] dilema de ficar longe do filho para manter a casa e a despesas”, nos mostrando que a questão socioeconômica também se torna um agravante. Fato que não está distante das *hermanas* mães e universitárias da pesquisa:

GRÁFICO 03 – PERFIL DAS HERMANAS MÃES UNIVERSITÁRIAS



Fonte: produzido pela autora (2023).

Mais da metade das *hermanas* mães universitárias da pesquisa vivem nesse dilema citado pela autora, tentando se desdobrar entre as tarefas domésticas, parentais, acadêmicas e do trabalho remunerado:

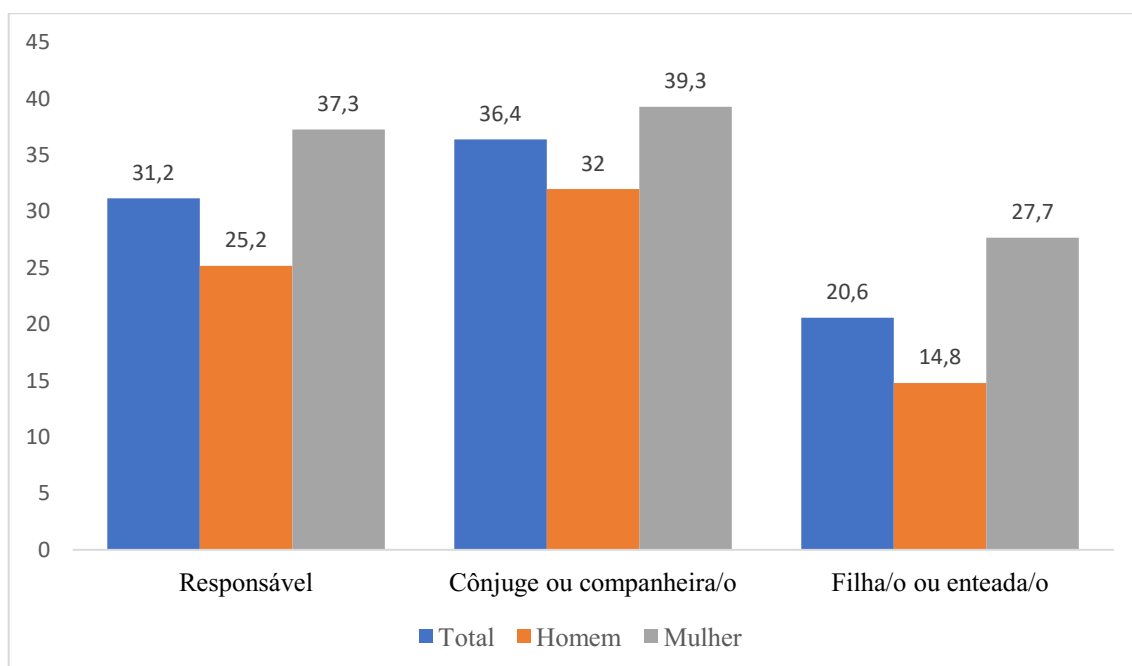
Precisava trabalhar para ter dinheiro, para tentar me manter com o meu filho agora, mas só terei melhores condições quando tiver esse diploma, então como terei tempo e dedicação para essas multitarefas? Sempre era: e os cuidados com o meu filho? Com o trabalho? Com a faculdade? E minha personalidade e intimidade? São tantas coisas, e muitas delas são deixadas as vezes de lado em prol de outras, e no fim o equilíbrio de todos seria importante, mas no caso em questão é sempre o desistir de uma para tentar manter a outra. (J.P, 2023).

Obter uma formação acadêmica plena é muito difícil, afinal existem demandas e desafios que por muitas vezes tornam essa caminhada um tanto dolorosa. Como sou mãe, estudante [e trabalhadora] e dona de casa, nem sempre é fácil conciliar esses afazeres ou distribuir horários de acordo com tais necessidades. O meu filho consome a maior parte do meu tempo e da minha energia. Tudo o que faço é em prol dele. (V.R, 2023).

Em suas escrituras fica evidente o conflito interno em que essas mulheres vivem em seus dia-a-dia, com as muitas de si. As *hermanas* J.P e V.R reafirmam o que já foi discutido à cima, o fato de não conseguir realizar as tarefas de uma maneira plena devido às muitas demandas, tendo que abdicar, muitas vezes, de uma tarefa para realizar outra. Elas trazem assuntos como: o trabalho doméstico, o que já foi discutido no capítulo anterior, no que o IBGE (2023) evidencia que as mulheres realizam essas atividades mais que os homens

devido à divisão de tarefas dentro de uma perspectiva machista; a demanda da universidade, que inclui realizações de atividades, tempo de estudos e leituras e; a demanda das tarefas do cuidar, da parentalidade. O IBGE (2023) nos fornece dados a respeito dessa temática:

GRAFÍCO 04 – TAXA DE REALIZAÇÃO DE CUIDADOS DE PESSOAS, POR SEXO, SEGUNDO CONDIÇÃO NO DOMICÍLIO (%)



Fonte: IBGE (2023).

Esses dados nos mostram que as mulheres independentemente da sua condição no domicílio são as que estão mais envolvidas, também, nas atividades do cuidar, além das atividades domésticas. Evidenciando mais uma vez a divisão desigual do trabalho não remunerado entre mulheres e homens.

Vimos até aqui, que a trajetória das mulheres mães universitárias é perpassada por diversos fatores que se cruzam simultaneamente e que os seus tempos se reduzem significativamente na tentativa de conciliar todas essas tarefas, colocando-as em um lugar desfavorável em relação a vivência acadêmica (Urpia; Sampaio, 2011). Mas se discutirmos a interseccionalidade da parentalidade das *hermanas* que foram encontradas logo no início desse tópico, será que potencializa ainda mais essa vulnerabilidade? É o que veremos.

Segundo Borges (2020) se por um lado as mulheres que são mães casadas já são acometidas por essa desigualdade de gênero e de uma proporção maior de demandas; por outro lado às mães solo, além dessas desigualdades de gênero, elas sofrem preconceitos por não estarem inseridas em uma relação conjugal, indicando a existência de padrões sociais nos

moldes patriarcais e machista e por seguinte, naturalizando o abandono ou a omissão paterna. Esses fatos podem acarretar diversos fatores emocionais que podem prejudicar no processo formativo das mães universitárias que vivem essa realidade, que foi o caso da *hermana* J.P:

Quando descobri que estava grávida estando ainda no segundo período do curso, meu mundo caiu, e de repente me vi perdida como nunca estive antes. Mas uma coisa me fazia ficar um pouco mais tranquila quanto a tudo que estava na minha cabeça, ter o apoio do pai do meu filho comigo, me ajudando e me apoiando no que fosse possível. No entanto, meu mundo desabou quando me deparei que isso não estava e nem iria acontecer, já que o mesmo passou a me deixar de lado e a não cumprir com o seu papel de companheiro. Algumas pessoas podem se perguntar, o que esse fato tem haver? E é justamente uma parte que considero ser de extrema importância, afinal, envolve o meu emocional naquele momento, que vai implicar direta e indiretamente em muitos aspectos da minha vida, inclusive acadêmica. Se a situação, sem ter casa própria, morando com irmã e sobrinhos, não ter uma renda fixa e estar no início do curso já é bastante complicado, se deparar com o abandono do seu presente parceiro, pai do seu filho, só faz você ver o fundo do poço. (J.P, 2023).

A *hermana* J.P, além de ter que lidar com uma gravidez não planejada na graduação, que já traz diversos sentimentos e preocupações, além do preconceito e da sensação de impotência, que também foi o caso da *hermana* M.M:

Exatamente faltando três meses para a minha formatura do médio eu descubro uma gravidez não planejada, um choque, uma tapa na cara, angustia, medo, culpa, raiva, vergonha, insegurança, abandono e preconceito, todos esses sentimentos tomaram conta da minha pessoa, como assim uma adolescente de 18 anos, pobre, sem trabalho e grávida. (M.M, 2023).

Ainda teve que passar pelo o abandono daquele que ela imaginava ser seu parceiro. Borges (2020) diz que as mães solo estão cada vez em maior número no Brasil, por diversos fatores, mas vejo a necessidade de falarmos sobre a naturalização do abandono paterno, algo que não deveria ser normal. As autoras Fernandes (2022) e Borges (2020), discursam que a sobrecarga das mães solo é ainda maior, visto que por não ter a parceria dos pais de suas/seus filhas/os, elas se responsabilizam sozinhas por todos os aspectos financeiros e provimento do lar, podendo trazer à tona problemas financeiros e de uma maior vulnerabilidade emocional, o que pode implicar em suas outras tarefas, como a própria J.P relatou em sua escrivência.

hooks (2019, p. 107) traz reflexões importantes para essa discussão. A autora diz que ao responsabilizar as mulheres pelos cuidados domésticos e parentais, fato estes que os dados

do IBGE (2023) confirmam, se reforça a ideia de que “[...] ser mãe é mais importante do que ser pai”, legitimando a naturalização do abandono e/ou omissão paterna. Contribuindo também, segundo a autora supracitada, a ideologia, totalmente fora de contexto, que os pais que são presentes são “perfeitos”, “únicos” e, pior, “maternos”, algo que a autora diz que deveria ser a norma.

Aí que entramos em uma outra discussão que recentemente vem sendo debatida por mulheres, principalmente em redes sociais, que é o termo de “mãe solo casada”, justamente por conta dessa reflexão que hooks (2019) nos deu logo acima. Esse termo é tido quando a mulher é casada, mas se percebe cuidando das/os suas/seus filhas/os sozinha. Na escrevivência da *hermana* M.M é possível notar esse conceito presente:

Dessa forma, no período pandêmico tive que sair da casa da minha sogra e casei oficialmente com o pai da M, tornei-me dona de casa, mãe e estudante. Fiquei responsável por todo cuidado da M* e manutenção da casa, assistindo e fazendo as atividades do curso de forma remota. [...] Hoje em dia as dificuldades não diminuíram, elas aumentaram. Eu moro em uma casinha cedida pela minha avó, moramos eu e a M*, o pai dela mora em outra cidade, isso quer dizer que eu cuido da M* parcialmente solo. (M.M, 2023).*

Mesmo casada, ela afirma ter a responsabilidade por todo o cuidado da sua filha e manutenção da sua casa e, tendo que conciliar estas atividades com as atividades acadêmicas. Essas discussões trazidas a partir das escrevivências de J.P e M.M, cada uma a partir da sua realidade, nos indiciam e manifestam sobre a importância de discutirmos sobre a masculinidade, a parentalidade e a paternidade na sociedade, em busca de mistificar o que bell hooks (2019) já havia discutido: de que a mãe é mais importante. E mostrar a importância da definição igualitária dos papéis de pai e mãe (hooks, 2019). A *hermana* V.R, fala da crueldade que é a divisão desigual neste papel quando diz:

E que força um filho pode nos proporcionar né? É incrível. Mas as vezes também é cruel. É cruel porque a mãe sempre será a mãe. Nenhum problema passa despercebido aos nossos olhos. (V.R, 2023).

Se ser mãe solo a sobrecarga é maior, ser mãe solo de pessoa com deficiência a sobrecarga se potencializa ainda mais, visto que os cuidados e atenção precisam ser redobrados. A *hermana* A.P é viúva e tem um filho com Síndrome de Down e além das tarefas domésticas, dos cuidados parentais, atividades acadêmicas e do trabalho remunerado, ela precisa reservar tempo para as consultas e terapias do seu filho. O trabalho remunerado,

para além da sustentação da casa, também é para a promoção das terapias, o que torna o trabalho como algo essencial na sua jornada:

[...] precisava trabalhar para poder sustentar a casa e as terapias do meu filho, parar de fazer terapia com ele era impossível pois ele necessita de estímulos para poder ganhar mais autonomia e desistir do curso de pedagogia era algo que jamais poderia acontecer, já que eu sempre vou buscar ser para o meu filho a melhor mãe que ele pode ter (...). (A.P, 2023).

Como podemos notar em sua escrivência, o trabalho e os estudos são essências para a A.P (2023), visto que o trabalho auxilia no provimento das terapias do seu filho e o curso de pedagogia tem um motivo particular, que também é o seu filho, pois ela diz que: “*era difícil ele ser incluído em sala de aula e por diversas vezes ao chegar para buscar ele encontrava deitado no chão no canto da parede, como mãe isso me magoava muito, então decidi fazer pedagogia para tentar dar uma vida com mais oportunidades para o meu filho*”. Para A.P enquanto mãe solo de pessoa com deficiência e universitária as demandas se tornam ainda maiores, dentre elas a dificuldades em vivenciar de maneira plena a graduação:

Para participar de programadas acadêmicos, na realidade que eu vivo era impossível, pois todo o tempo eu já estava ocupada com alguma atividade [...] a tarde meu filho que nasceu com Síndrome de Down tinha terapia, dois dias na semana em Sousa, um dia em Cajazeiras e dois na cidade que moramos (...). (A.P, 2023).

Nesse caso, em cinco dias de uma semana com sete dias, ela tem que levar o seu filho para a terapia, precisando até se deslocar de uma cidade para outra, o que precisa de mais tempo, devido à locomoção.

Já falando de outra interseccionalidade na parentalidade das *hermanas* mães e universitárias são como a quantidade de filhas/os podem, também, influenciar em diversos fatores na vida das mulheres, inclusive na acadêmica. A Andifes (2019) tem um dado interessante a respeito:

Dentre estudantes com 4 ou mais filhos, 53,4% são do sexo masculino. Dentre estudantes com 1 filho(a) quase 60% são do sexo feminino. À medida que cresce o número de filhos(as) diminui o percentual de estudantes deste sexo, o que indica que maternidade e vida acadêmica são mais difíceis de conciliar, quando estudantes do sexo feminino têm mais de 1 filho(a). (Andifes, 2019, p. 60).

Nesses dados fornecidos pela a Andifes (2019), podemos observar duas questões. Primeira, mais da metade do percentual de estudantes com quatro ou mais filhas/os são do sexo masculino, o que indica que a parentalidade, independentemente da quantidade de filhas/os, não interfere na vida acadêmica dos homens como interfere na vida acadêmica das mulheres. Segundo, como já discutimos a partir dos dados do IBGE (2023) os cuidados parentais recaem mais sobre as mulheres, na medida em que o número de filhas/os aumenta essas demandas de cuidados também irão aumentar, por isso esse achado da Andifes. A *hermana* J.G, se encontra nessa realidade e compartilha os desafios encontrados por ela em sua escrevivência:

Quando entrei no curso de Pedagogia tinha apenas uma filha, depois engravidei e acabei trancando o curso por dois períodos. Essa decisão de trancamento do curso não foi difícil de tomar, mas ao retornar as aulas comecei a sentir o quanto era difícil dar de conta de tudo, aos poucos percebi que na verdade não estava dando de conta e aí mais uma vez engravidei, dessa vez decidi não trancar e mesmo com todas as dificuldades fui fazer tudo o que conseguia fazer (...). (J.G, 2023).

Como podemos ver na escrevivência de J.G, na sua segunda gravidez ela precisou trancar o curso por dois períodos, o que acarretou em seu atraso para a conclusão da graduação e, ao retornar com as aulas, ela percebeu o quanto ficou difícil conciliar o cuidado com as suas duas filhas e as atividades acadêmicas. Com sua terceira gravidez, essas dificuldades aumentaram ainda mais, o que a faz levar as atividades acadêmicas, como ela diz, a partir da sua realidade, com base no que ela tem condições de fazer, o que pode implicar no seu rendimento acadêmico.

Como discutimos até aqui, a conciliação do exercício da maternidade e do exercício do ser estudante traz para essas mulheres uma sobrecarga de afazeres, dificultando uma execução efetiva e prazerosa nestas duas atividades, acarretando o cansaço e diversos tipos de emoções, que influenciam direta e indiretamente em suas vidas, inclusive na acadêmica. Quando levamos em conta os seus contextos de parentalidade esses fatores se potencializam ainda mais, o que torna o processo ainda mais exaustivo. Pensando em tudo o que foi observado e refletido, se faz relevante falarmos sobre a importância das redes de apoio, para estas mulheres. Sobre as redes de apoio as *hermanas* falam o seguinte:

Com tantos desafios existentes vou sempre dando um jeito na tentativa de não atrasar os meus estudos. Desde o início da maternidade eu tive e tenho uma rede de apoio maravilhosa. Tenho o meu esposo, sogra, cunhada e

minha mãe. Estes são os responsáveis por eu não ter me prejudicado. Porém, mesmo tendo toda essa rede de apoio ainda houveram momentos em que eu tive que optar entre ser universitária ou ser mãe e no fim a maternidade falou mais alto me privando assim de aprender. (V.R, 2023).

No início da graduação eu tinha como rede de apoio a minha mãe e a minha irmã que me ajudava a cuidar do meu filho para mim poder trabalhar e estudar, minha irmã não trabalhava então me ajudava muito com o meu filho até para levar ele nas terapias que apesar de todos os estímulos precoce meu filho só andou aos 4 anos sem apoio, mas com o passar do tempo minha irmã foi trabalhar e o apoio que tenho para ficar com o meu filho é a minha mãe meu apoio em casa. (A.P, 2023).

Na minha cabeça funciona assim: separo as minhas demandas em “gavetas” e estas são abertas de acordo com o ambiente aonde estou, se estou em casa, sou mãe, esposa e etc. Se saíu para a UFCG sou a J estudante, e assim saio de casa sem nenhuma culpa ou cobrança, pois deixo os meus filhos com quem melhor poderiam estar: com o pai, e durante o dia tenho o suporte da minha sogra que me ajuda cuidando do meu filho menor. (J.G, 2023).*

Mal eu sabia que a luta só estaria começando. Com uma bebê de oito meses e trabalhando o dia todo quem ia ficar com ela para eu ir assistir aula a noite? Foi ali que eu me vi pedindo a um e outro da família para olhar ela enquanto eu estivesse ausente. Porém todos com suas obrigações e o pai da M também estudava, meio que eu senti me tirando o direito do estudo, por ser mulher e mãe, e eu tive essa confirmação verbalmente todos os dias alguns me diziam para não continuar. (M.M, 2023).*

V.R tem como rede de apoio seu esposo, sua mãe, sua sogra e sua cunhada, juntas/os realizam os cuidados parentais do seu filho. Mas, mesmo tendo uma rede de apoio efetiva, a *hermana* V.R compartilha dizendo que há momentos em que ela precisa escolher entre realizar os ofícios acadêmicos e os ofícios da maternidade, no qual a maternidade prevalece, fazendo com que ela perca conteúdos e/ou atividades importante para a sua formação.

A *hermana* A.P (2023) tem como rede de apoio a sua mãe e por um tempo teve a sua irmã que precisou trabalhar e não pode estar nessa rede. Porém, ela encontrou algumas complicações: “*Já estou quase no final do curso 9 período e esse foi o período mais desafiador, tive que parar de trabalhar pois a demanda da maternidade ficou bem pesada, minha mãe tem um problema na coluna e estava piorando, porque meu filho está grande e pesado para ela cuidar*”.

Já a *hermana* J.G, criou uma estratégia para não sentir mais culpada por não estar presente nas vidas de suas filhas e do seu filho ou por não estar utilizando o seu tempo para estudar. Pois como ela estuda a noite, deixa suas filhas e o seu filho com o seu companheiro,

pai das/do suas/seu filhas/filho. Nesse sentido, ela tem como rede de apoio o seu marido e a sua sogra.

Já na escrevivência da *hermana* M.M, há reflexões que precisamos trazer à tona. Nota-se o conflito que ela enfrentava para conseguir uma rede de apoio para ficar com sua filha enquanto ela iria assistir aula a noite. Ela e o seu marido são estudantes, mas percebe-se que a demanda de conciliar o exercício da parentalidade e o exercício do estudo é só dela. Ela confirma isso quando diz: “*meio que eu senti me tirando o direito do estudo, por ser mulher e mãe*”. Reafirmando, mais uma vez, tudo o que foi discutido até aqui, com a literatura, com os dados do IBGE (2023) e da Andifes (2019), sobre como a divisão dos papéis de mãe e pai são colocados na sociedade moderna a partir de uma perspectiva discriminatória e desigual de gênero.

Evidenciamos que as redes de apoio são primordiais para as mulheres mães e estudantes. Sabemos que as creches e escolas também fazem parte desta rede, porém como foi citado logo no início deste tópico, as *hermanas* mães e universitárias da pesquisa são todas alunas de cursos do turno noturno (devido aos atravessamentos do trabalho remunerado e trabalho não remunerado), horário em que creches e escolas não estão funcionando. Devido a isso, acontece o que foi relatado por V.R e por M.M. Tomando nota deste ponto, é que questiono: e a instituição de ensino, mais precisamente o Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) que é o lócus da pesquisa, considera a realidade das suas alunas que são mães? A respeito deste questionamento a *hermana* V.R diz o seguinte:

É como se nós não existíssemos, como se ser mãe não fosse um agravante para a queda do nosso rendimento. E eu sinto muito. Sinto pelas mães que já passaram aqui, por mim que sinto todos os dias desse peso e também pelas mães estudantes que irão sentir a mesma angústia que sinto. (V.R, 2023).

Em sua escrevivência a *hermana* V.R constatou duas informações. A primeira, quando ela diz: “*é como se nós não existimos*”, ela demonstra que ainda falta apoio, discussões e políticas públicas efetivas no campus para as alunas mães. E a segunda, quando ela diz: “*como se ser mãe não fosse um agravante para a queda do nosso rendimento*”, ela revela que o rendimento de mulheres mães não deve ser de igual comparado com o rendimento das/os suas/seus colegas que dispõem de tempo para os estudos e participações de atividades e programas acadêmicos. Explicitando, também, a importância de discussões a respeito de como inseri-las nestes espaços, com objetivo lançar luz em estratégias de inclusão.

Essas reflexões trazidas pela *hermana* V.R, foram os achados do projeto de extensão Mulheres Acadêmicas Ensinam (MÃES), projeto em que eu tive o prazer de ser aluna extensionista. O MÃES, aprovado pelo o edital PROBEX 003/2022 e coordenado pela Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa, no qual uns dos seus dois lócus de atuação era o CFP, que também é o lócus da referida pesquisa, foi um projeto que organizou movimentos e discussões de gênero com foco na parentalidade. Nos achados do projeto testificou vários fatores importantes para serem debatidos, mas, existe um que gostaria de trazer para essa discussão: que foram os desafios institucionais encontrados pelas extensionistas. Na atuação do projeto tivemos dificuldades estruturais de receber as filhas e/ou os filhos das mães universitárias, dificuldades que vão desde um ambiente para a recreação à um ambiente para realizar as trocas de fraldas (Soares *et al.*, 2023). Revelando que as mulheres mães do CFP “[...] não contam com uma estrutura que abarquem as suas necessidades laborais e maternas” e que a instituição precisa (re)conhecer a realidade de suas alunas (Soares *et al.*, 2023, p. 05).

Isso posto, dialogando com as autoras Urpia e Sampaio (2011), considerando as escrevivências das *hermanas*, a literatura e dados utilizados neste capítulo, e os achados do projeto MÃES. É necessário na instituição, políticas de gênero que incluam e reconheçam as realidades destas mulheres, as colocando como grupo que precisam de estratégias de acesso e permanência, em vista da posição de vulnerabilidade e discriminação que são colocadas devido a construção histórica colonial.

5.2.3 Universitárias e os trajetos: “o medo perpassou o caminho”

Entre as nove (09) *hermanas* da pesquisa, cinco (05) residem em Cajazeiras – PB, cidade em que se localiza o CFP/UFCG e; quatro (04) não residem em Cajazeiras – PB. Nesses primeiros dados levantados foram encontradas as seguintes intersecções:

QUADRO 07 – DISTÂNCIA CASA-UNIVERSIDADE DAS HERMANAS

Residem em Cajazeiras – PB	Quantidade
	03 residem perto da Universidade
	02 residem longe da Universidade
Total: 05	
	Quantidade

Não residem em Cajazeiras – PB	02 residem em outra cidade
	02 residem em outro Estado
Total: 04	

Fonte: produzido pela autora (2023).

Essas intersecções são de extrema importância de serem levadas em consideração, pois segundo a Andifes (2019), quanto maior à distância e o tempo de deslocamento das/os estudantes, menor será o tempo para a dedicação aos estudos, como também, será menor a qualidade de vida estudantil, devido ao cansaço, exaustão e dentre outros motivos. Sendo assim, ao tempo que a distância/tempo aumenta, a qualidade de vida estudantil diminui. Por outro lado, aquelas/es que residem próximo a universidade se encontram em posição de privilégio. Sobre os seus deslocamentos entre casa-universidade as *hermanas* dizem o seguinte:

Por várias vezes, morando no centro, andava mais de quatro (4) quilômetros por dia a pé para a universidade, não tenho transporte, tenho que me virar, o dinheiro das bolsas não dava para pagar moto táxi todos os dias, então ia a pé, raramente pegava carona em ônibus, tenho receio. (J.J, 2023).

Eu não tenho transporte o que complica muito o trajeto até a universidade que é localizada do outro lado da cidade, e o que me faz ter que depender da boa vontade dos motoristas em me oferecer carona, é relevante dizer que muitos deles não param e quando frequentemente eu não tenho o valor do moto táxi eu vou a pé para o campus. (M.M, 2023).

[...] pois todo o tempo eu já estava ocupada com alguma atividade, pela manhã trabalhava de 6:00hs até 12:00hs, a tarde meu filho que nasceu com Síndrome de Down tinha terapia [...] e a noite como moro em outra cidade tenho que pegar o ônibus as 18:00hs da tarde para poder estudar das 19:00hs até as 22:40hs ao chegar em casa é quase 23:20hs, então tempo era um grande desafio de reorganizar para poder ajudar a estudar. (A.P, 2023).

Os desafios de trabalhar e estudar são muitos, principalmente para aqueles que precisam se deslocar para outro Estado para cursar a faculdade, como no meu caso. Minha rotina se inicia às 07:00 da manhã, início o trabalho às 08:00 e encerro às 17:00 horas, assim que saio do trabalho, já me direciono ao ponto do ônibus que vai para a faculdade, chegando às 18:00 e retornando às 22:30, finalizando a rotina às 00:30. (D.V, 2023).

As *hermanas* J.J e M.M moram na cidade em que estudam, mas nota-se em suas experiências que elas encontram dificuldades em seus deslocamentos por morarem longe da universidade. Além da distância, elas encontram problemas socioeconômicos, por não ter,

muitas vezes, dinheiro para pagar moto táxi, ficando a depender de carona de transportes universitários que vem de outras cidades e/ou Estados.

Nas escrituras das *hermanas* A.P e D.V encontramos outras intersecções presentes em suas rotinas, que já discutimos aqui: o trabalho e a maternidade. As duas são estudantes de cursos do turno noturno, o que evidencia, novamente, que quase metade (49,4%) das/os estudantes de cursos noturnos são estudantes-ocupadas/os (Andifes, 2019). Revelando-nos também, que para elas conseguirem chegar até a universidade, elas precisam passar por diversos atravessamentos e que devido a isso dispõem de pouco tempo para os estudos. A.P, por exemplo, precisa exercer o trabalho remunerado e o ofício da parentalidade para no final da tarde conseguir pegar o ônibus, pois por morar em outra cidade se faz necessário com que ela se desloque mais cedo para chegar no horário da aula. Já a *hermana* D.V, por morar em outro Estado, ela precisa pegar o ônibus ainda mais cedo, fazendo com que ela saia do trabalho e vá diretamente ao ponto do ônibus, não tendo tempo nem para se arrumar. O que confirma os dados da Andifes (2019) trazidos logo no início deste tópico: quanto maior à distância e o tempo de deslocamento, menor será a qualidade de vida estudantil.

Outro fator importante de ser considerado quando falamos dos trajetos das/os estudantes universitárias/os é o fato de muitas delas/es terem que sair da casa de sua família para estudar e, conseqüentemente, morar na cidade em que a instituição se localiza. Pitombeira (2016), afirma que esta transição pode provocar um desgaste emocional nas/os estudantes, devido ao tempo em que elas/es estarão longe dos familiares, amigas/amigos, namorada/namorado, etc., além de acarretar possíveis problemas financeiros. Isso, quando somados, pode atingir negativamente os seus processos formativos e desenvolvimento acadêmico. Entre as *hermanas*, a *hermana* J.J precisou passar por essa transição e compartilhou em sua escritura como tem sido para ela:

Por várias vezes eu pensei em desistir do curso (escrever tem me feito lembrar e vivenciar minhas experiências, grata por isso), tive medo, eu sempre digo que o mais ruim é ficar longe da família (não tenho família de sangue aqui), muitas vezes me sinto só, isolada em um apartamento, lutando por um sonho que não é só meu (e que bom, porque, talvez, se não fosse isso, não estaria mais aqui). Eu choro ao escrever, porque revivo a minha história, me lembro o quanto eu fui frágil e forte. [...] Nesse processo, por vários acontecimentos, morar longe da família, pandemia, desenvolvi ansiedade, tenho resistência de procurar um profissional, mas isso me prejudica bastante. (J.J, 2023).

Em seu escrito fica evidente a presença do sentimento de solidão e por não ter seus familiares por perto o pensamento de desistir veio à tona. O que confirma os achados da autora supracitada, que esse fator pode prejudicar o emocional e a vida acadêmica das/os estudantes que deixam os seus lares a procura dos estudos. Pitombeira (2016) também discursa sobre as demandas financeiras que essas/es estudantes encontram por morar longe da família, e traz a importância das bolsas e auxílio acadêmicos como ferramentas que propiciam a permanência destas/es discentes, como também importância das redes de apoio:

Um dos motivos para que eu decidisse traçar esse caminho foi primeiramente o apoio dos meus pais, porque eu sabia que a qualquer momento eu teria para onde voltar, e uma rede de apoio de um tio e sua família que moravam em Cajazeiras – PB, sem esse apoio eu não teria condições socioeconômicas para alugar um local para morar e financiar outros investimentos como alimentação, transporte, higiene e outras demandas [...] Com as voltas das aulas presencialmente, precisei encontrar um local para morar [seu tio se mudou e não morava mais em Cajazeiras – PB], antes de sermos acometidos pela pandemia consegui, no final de 2019 a bolsa do PBP [Programa Bolsa Permanência], é com essa bolsa que consegui me manter e também com a ajuda de alimentos dos meus pais. (J.J, 2023).

Vimos até aqui o quanto o distanciamento e o tempo que se leva para a locomoção entre casa-universidade pode afetar negativamente na formação acadêmica das/os alunas/os. Desde a falta de tempo, que acarreta a não participação dessas/es universitárias/os em programas e/ou projetos acadêmicos, como também a redução de horário para os estudos; até a questões emocionais e psicológicas. Mas, se considerarmos o gênero, como fica? Esses fatores negativos se potencializam para as alunas? É o que discutiremos.

Em suas escritas as *hermanas* deixaram explícitos os atravessamentos em relação às questões de gênero, principalmente o medo de voltarem para a casa à noite ao saírem da universidade, por serem mulheres:

Para voltar para casa sempre avisava minha mãe que já estava chegando e por muitas vezes ela ia me buscar na parada do ônibus ou me encontrar no caminho, por chegar tarde da noite na cidade ainda hoje tenho medo de ser assaltada. (A.P, 2023).

Tenho medo de voltar para casa só, a noite e com pessoas estranhas, mas, já fiz isso, precisei fazer. [...] Retomando a escrita as 23:02, passada por atravessamentos, pelo medo e insegurança de ser mulher, poderia falar de várias coisas que aconteceram esse ano, a anos, meses, mas o ser mulher me coloca em situações de vulnerabilidade constante, como falei antes, as vezes

vou de moto táxi, passei por uma das várias situações de medo, o ser violentada e perigo constante liguei para um senhor me levar até a universidade, não tenho costume de andar com ele, mas, era a possibilidade que eu tinha para ir a aula, esperei, logo recebo uma ligação dizendo que o pneu da moto furou, estranhei, fiquei com medo, disse que ia mandar outra pessoa, nesse período de tempo conversava com uma amiga, mandei localização em tempo real, falei que se eu não chegasse ligasse para a polícia, ela só entrou em sala de aula quando eu cheguei, cheguei bem, mas o medo perpassou o caminho, meu coração palpitava, só pensava no pior, em como é difícil ser mulher, negra estudante em uma cidade sem apoio familiar, em uma sociedade machista, ao tempo em que agradecia o apoio dessa amiga e tantas outras que são colo, estão sempre comigo, mesmo quando me sinto só. (J.J, 2023).

É muito complicado a volta para casa por ser tarde da noite e eu não tenho vizinhos ou alguém para me esperar da aula. (M.M, 2023).

Como podemos observar, além das questões do distanciamento e do tempo que elas levam para se deslocarem para a universidade, notamos suas preocupações no decorrer deste deslocamento, principalmente quando diz respeito a volta para casa à noite. Esse fato indica que as mulheres não se sentem seguras em lugares públicos, sobretudo quando estão sozinhas e à noite, em vista da naturalização da cultura da violência de gênero, que podem estar situadas em diferentes formas, desde a física até a psicológica; o que nos aponta sobre a falta de segurança pública e a necessidade de discutirmos sobre a masculinidade (Ferreira; Paringer; Casagrande, 2017).

Para a mulher, não é só simplesmente ir ou voltar, mas é chegar bem e em segurança. Foi o que podemos constatar nas escritas das *hermanas*, mais especificadamente na escritas da *hermana* J.J. Ela retorna sua escrita aflita, no final da noite, para compartilhar um acontecimento que para muitos seria normal. Seria o simples ato de pegar outro moto táxi. Mas, para ela, por ser mulher não é somente isso. Por conta da cultura da violência de gênero que foi citada a cima, do machismo e do patriarcalismo que estão entrelaçados em nossa sociedade por conta da colonialidade, nós mulheres não conseguimos nos sentir seguras e devido a isso, pensamos nas possibilidades de evitar algo pior, foi o que aconteceu com J.J. O ser mulher, nesse momento, a colocou em um lugar de vulnerabilidade e de medo. Para as mulheres estudantes que precisam se deslocar, principalmente à noite, o medo e a insegurança as acompanham, o que potencializa os dados encontrados antes de fazermos o desdobramento de gênero, indicando que esses trajetos se tornam mais difíceis para as estudantes mulheres. O que pode implicar nas participações destas estudantes em atividades acadêmicas no turno noturno:

Ao me escrever lembrei que nessa época [em que morava com os tios] não conseguia participar dos programas da universidade como monitora, recordei que passei em uma monitoria e não fui, pois como seria contra turno meus tios ficavam preocupados com a volta para casa a noite, eu também tinha esse medo, mesmo sendo perto (uns 10 minutos a pé). Lembrei que quando a minha mãe falou com ele para eu morar com eles ele pediu para que eu não fosse para a universidade de roupa curta porque no caminho tinha uma obra, vários homens. O mundo é um lugar difícil e cruel para as mulheres, hoje entendo que por mais que essa frase tenha a intenção do cuidado ela é carregada de machismo, então, se eu fosse violentada a culpa seria da roupa que estava usando, seria minha. (J.J, 2023).

É interessante destacar que as situações socioeconômicas contribuem para esta potencialização. Das nove (09) *hermanas*, oito (08) se declararam classe baixa e; uma (01), que é a *hermana* K.A, se declarou como classe média. Nas escrituras das *hermanas* que são atravessadas pelas questões socioeconômicas, quando falam a respeito dos seus trajetos, encontramos a questão financeira como um agravante e que, conseqüentemente, as colocam em posição de maior exposição à vulnerabilidade, precisando ir a pé ou pegar carona, como vimos nas seguintes falas: “[...] o dinheiro das bolsas não dava para pagar moto táxi todos os dias, então ia a pé”; “eu não tenho transporte o que complica muito o trajeto até a universidade [...] quando frequentemente eu não tenho o valor do moto táxi eu vou a pé para o campus”. Já a *hermana* K.A (2023), que não é atravessada pela a questão econômica e que reside próxima à universidade, sobre o seu deslocamento ela escreve o seguinte: “[...] como tenho transporte nunca tive medo de sair de casa a noite”. Compreendo que por ser mulher ela não está isenta das questões relativas ao gênero, visto que as mulheres são o público mais acometido pela violência de gênero (Lauriola, 2020). O que quero situar é que por morar perto da instituição e por não ser atravessada pelas questões socioeconômicas, ela se encontra em situação de privilégio em relação as outras *hermanas*.

Neste tópico podemos constatar que quanto maior à distância e o tempo levados para o deslocamento de discentes entre casa-universidade, maior será o impacto negativo na formação e qualidade da vida acadêmica (Andifes, 2019). Porém, os fatores relacionados ao gênero e ao econômico são agravantes que potencializam estas vulnerabilidades ainda mais, evidenciando que as mulheres universitárias – sobretudo aquelas que são atravessadas pelas questões de classe –, na condição do trajeto casa-universidade, são colocadas em um patamar maior de vulnerabilidade e discriminação.

5.2.4 As inter-relações dos núcleos de sentido: “*não sei se compreendem como ato de coragem, para mim é resistência*”

Neste tópico busco trazer como os núcleos de sentido se cruzam e se inter-relacionam, evidenciando como as *hermanas*, a partir de onde estão posicionadas, podem ser afetadas nestes cruzamentos. Nele, estará mais presente o diálogo metodológico de Bardin (1997) e o diálogo teórico de Crenshaw (2004). Uma vez que eu interliguei os núcleos de sentido encontrados a partir da prática metodológica da Análise do Conteúdo de Bardin (1997), com o embasamento teórico sobre as intersecções de Kimberle Crenshaw (2004).

Desta forma, por se tratar das inter-relações dos núcleos de sentido, veremos em suas escrituras como estes atravessamentos estão presentes e conectados (marcarei com um retângulo vermelho os núcleos presentes). Por isso, trarei seus escritos visualmente, tanto para uma maior proximidade com as *hermanas*, quanto para indicar que elas assinam esta pesquisa comigo. Não escrevo esta pesquisa sozinha, essa nunca foi a intenção. Escrevo a partir de uma perspectiva coletiva e colaborativa. Com as *hermanas* da pesquisa e as *hermanas* pesquisadoras/escritoras/autoras feministas decoloniais.

Vimos anteriormente, o quanto os atravessamentos sobre classe, parentalidade, trajetórias, trabalho, gênero e acadêmico afetam na vida das *hermanas* da pesquisa. Os quais se constituíram como os temas principais em suas cartas e por consequência, os fatores nos quais mais atingem suas trajetórias acadêmicas. Nas discussões sobre estes núcleos, realizadas separadamente, evidenciaram que:

1. estudantes mulheres trabalhadoras remuneradas dispõem de menor tempo por ter que concorrer entre o trabalho remunerado, trabalho não remunerado e com estudos. Devido a isso, elas se tornam pessoas cansadas e exaustas, não conseguindo vivenciar a universidade de maneira plena com participações em projetos e/ou programas acadêmicos, fazendo com que elas não disponham de um currículo avantajado para participações futuras em processos seletivos, o que pode afetar em suas ascendências profissional e pessoal;
2. estudantes mães tem desvantagens no meio acadêmico por ter que conciliar as atividades parentais, o trabalho não remunerado e as atividades acadêmicas. Fazendo com que elas tenham pouco tempo para dedicação aos estudos. Essas múltiplas

demandas podem prejudicar e trazer desgastes físicos e mentais. Devido ao pouco tempo, elas também não conseguem vivenciar a universidade de maneira plena, o que pode prejudicar em sua formação acadêmica. Outro fator encontrado é que os contextos de parentalidade (mãe solo, mãe de pessoa com deficiência, quantidade de filhas/os) podem aumentar essas demandas, fazendo com que a jornada se intensifique ainda mais e;

3. estudantes mulheres em seus deslocamentos para a universidade não se sentem seguras e sentem medo, principalmente no turno noturno, devido aos atravessamentos de gênero e socioeconômicos. Foi encontrado também, que quanto maior o deslocamento entre casa-universidade menor será a qualidade de vida estudantil (devido ao cansaço e exaustão dos trajetos) e menor será o tempo de dedicação aos estudos (Andifes, 2019). O que pode ter um impacto negativo na formação acadêmica destas mulheres.

Observamos que quando discutidos separadamente, encontramos intersecções nos núcleos de sentido, os quais agravam e potencializam as vulnerabilidades e/ou discriminações encontradas. A partir de toda essa discussão e análise dos núcleos que eu questionei: e se discutirmos sobre as conexões dos núcleos, quais achados podemos encontrar? Essa problemática veio à tona quando eu percebi, nas discussões dos núcleos, que há *hermanas* presentes em mais de um deles.

Pensando nisso, a partir das escritas das *hermanas*, trarei seus percursos nos núcleos de sentido, para mostrar visualmente as inter-relações propostas neste tópico. Esses percursos também foram elaborados a partir de Crenshaw (2004) e da prática das figuras de de(s)ingularidade dos atravessamentos. Eles estão apresentados de forma decrescente, das que tem maiores conexões entre os núcleos de sentido para as que tem menores conexões. Essa ordem, não é com o objetivo de hierarquizar, mas apontar que quanto mais inter-relações, maior será o grau de vulnerabilidade e/ou discriminação.

Posto isso, em busca de deixar as escritas das *hermanas* na pesquisa, de uma forma mais efetiva, esse tópico quem escreve são elas, a partir de suas escrevivências, dos seus lugares de fala e de suas experiências de vida. Ressaltando, para você leitora ou leitor, que as vivências e os escritos das minhas *hermanas* são aportes teóricos e metodológicos pertinentes para a discussão sobre gênero (Figueiredo, 2020). Nos tópicos anteriores podemos evidenciar que suas escrevivências dialogam com pesquisas, estudos e textos teóricos. Confirmando que

seus escritos são legítimos e fogem de um mero senso comum (Figueiredo, 2020). Nesse sentido, que falem as minhas *hermanas*:

FIGURA 15 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA V.R

Com função da necessidade de melhorias para minha existência e auxílio a minha família, comecei a trabalhar muito cedo e não foi um trabalho forçado, afinal, nós pobres não temos a opção da escolha, e assim fiz. Compreendi muito cedo que a **nossa classe social** é sucateada e esquecida. Como sou residente aqui da **cidade de** Paraíba conseqüentemente **trabalho** aqui. Atualmente estou como Diretora de Planejamentos e Projetos da Secretaria da Mulher e Diversidade Humana aqui do município; mas, antes disso eu já atuava como professora de fundamental 1.

○ **meu filho** chama-se [redacted] tem 3 anos e 5 meses de idade. É uma criança extrovertida e que significa tudo para a minha vida. Ele é a razão principal pelo qual eu busco dar o meu melhor todos os dias. Ele nem sabe ainda mas já me salvou inúmeras vezes quando eu achava não ter saído. É literalmente a minha razão de viver. É que força um filho pede nos proporcionar né? É incrível, mas às vezes também é cruel.

É cruel por que a **mãe** sempre será a **mãe**. Nenhum problema passa despercebido aos nossos olhos.

Obter uma **formação acadêmica** plena é muito difícil, afinal existem demandas e desafios que por muitas vezes tornam essa caminhada um tanto dolorosa. Como sou **mãe**, **estudante** e **dona de casa**, nem sempre é fácil conciliar esses afazeres ou distribuir horários de acadêmico com tais necessidades. O meu filho consome a maior parte do meu tempo e da minha energia. Tudo o que faço é em prol dele.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 16 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA J.P

No presente momento, estou matriculada no meu penúltimo período do curso de licenciatura plena em História, sendo meu sexto ano dentro do UFCCG, fato este pelo qual acho-me privilegiada. Para entender melhor, vou explicar melhor com detalhes um pouco do meu percurso. Fiz, entrei no curso de licenciatura plena em História no ano de 2016, no período 2016.2, e no segundo período do curso **engordei**. Não foi um dos melhores momentos da minha vida, pois apesar de **trabalhar** como vendedora, não era devidamente assalariada, sendo um trabalho informal e **ganhava muito pouco**, e isso foi uma preocupação imediata, como iria conseguir prover uma criança? como iria dar de conta de **custos de uma criança** e com as **demandas do curso**? Terei que brincar? Obstar e me dedicar somente a criança? Foram muitas perguntas, dúvidas e sensações de impotência.

Foi muito difícil ler que era para a finalidade todas as noites durante nove meses, e ter trabalhado todos os momentos e todos por nove meses. Enfrentar os engos e não estar, cansado, e ter que encontrar nos breves momentos que tinha para ler os textos de todas as disciplinas, para chegar à noite e aguentar o máximo toda aula possível. Tudo isso com o encargo mal em ruínas, com pressões absurdas referente ao meu papel. Afinal, eu sentia que se eu queria tanto me formar para ser professora de história, então eu teria que enfrentar tudo isso calma e em auxílio nenhum, ou simplesmente desistir, deixar aquele espaço, o meio acadêmico. Sentir isso daí, porque você já está tão fragilizado, tão perdido e tão frágil, que se sentir pressionado sobre tudo só torna o processo mais cruel.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

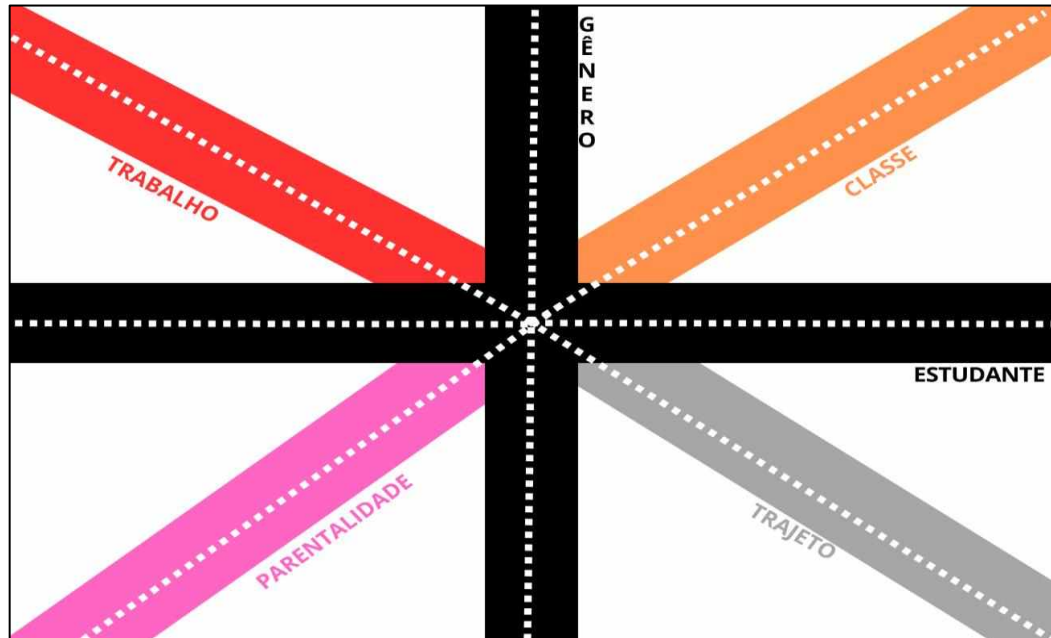
FIGURA 17 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA A.P

Assim Agosto de 2022 comecei a ser aluna da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras no período da noite curso de Pedagogia, então tive que reorganizar a minha rotina e o meu tempo para poder conseguir conciliar o trabalho, a maternidade, o estudo, as terapias do meu filho e a organização de casa. Como o tempo era muito corrido, o único tempo que sobrava para estudar era o domingo, pois trabalhava de segunda a sábado, e a madrugada onde deixava de dormir para poder estudar e fazer as atividades do curso. Para participar de programas acadêmicos, na realidade que eu vivia era impossível, pois todo o tempo já estava ocupado com alguma atividade, pela manhã trabalhava de 6:00 hs até 12:00hs, à tarde meu filho que nasceu com síndrome de down tinha terapia, dois dias na semana em Sousa, um dia em Cajazeiras e dois na cidade que moramos em [redacted] e à noite como moro em outra cidade tenho que pegar o ônibus às 18:00hs da tarde para poder estudar das 19:00hs até 22:40 as chaves em casa e quase 23:20, então tempo era um que não deixava de reorganizar para poder estudar a estudar.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 18 – INTER-RELAÇÕES DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DAS *HERMANAS*

V.R, J.P E A.P



Fonte: produzido pela autora (2023).

Como podemos observar na figura a cima, as *hermanas* V.R, J.P e A.P são atravessadas por todos os núcleos de sentido, as colocando em um patamar maior de vulnerabilidade em relação as outras *hermanas*. São mulheres, mães, universitárias, trabalhadoras remuneradas, de classe baixa e que não residem na cidade na qual estudam. Nesse sentido, todos os achados dos tópicos anteriores as afetam.

FIGURA 19 – ESCRIVIVÊNCIA DA *HERMANA* D.V

O fato de trabalhar o dia inteiro de segunda à sexta, impossibilita a minha participação em projetos e pesquisas de extensão, o tempo para se dedicar aos estudos e realizar as atividades do curso são curtos. O processo de estágio para ser realizado foi complicado, pois só há período no período noturno, além de tentar conciliar com as aulas das outras disciplinas. Muitas vezes, quando o horário de reuniões do trabalho ultrapassa do horário de expediente, acaba perdendo o ônibus o que prejudica em faltas e atraso nos assuntos. Devido ~~ss~~ a semana corrida, o final de semana é o que sobra para descanso, porém com as atividades acadêmicas, acaba se tomando cansativo.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 20 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA J.G

Sou natural da cidade de Cajazeiras - PB. Sou uma mulher preta e pobre, sempre reside na zona rural, mas há alguns anos, em busca de uma qualidade melhor de estudos e trabalho vim morar na cidade. Sempre sonhei em ser mãe e mesmo com todas as dificuldades sem gostei de estudar, porém por sempre morar na zona rural os estudos sempre ficaram em segundo plano e que acabou em um atraso na minha formação escolar, atraso esse que pesa até hoje na minha vida.

Ser mãe e estudante é um grande desafio e por muito tempo me senti culpada por não ser mais presente na vida dos meus filhos ou por estar ocupando meu tempo com outras questões que não fossem de dar de conta das demandas acadêmicas.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 21 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA M.M

Apesar de tudo eu insistiu, em seguida, cerca de três meses de curso eu recebi a grande surpresa que eu tanto almejava fazer para falar - Língua Portuguesa, no UFG.

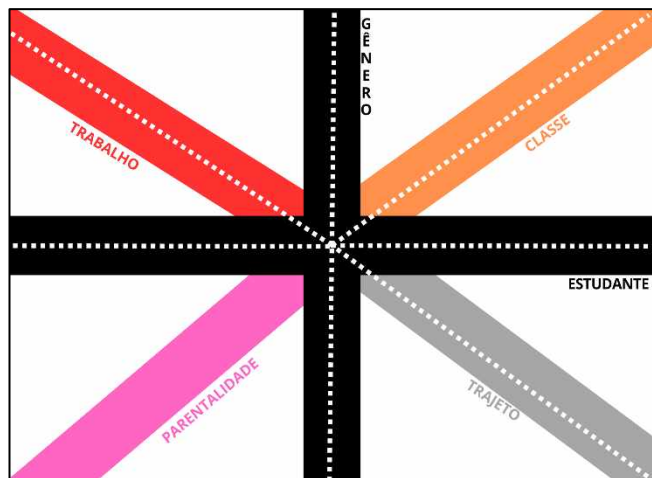
M. não tinha um ano completo e eu comecei a minha tão sonhada graduação trabalhando e estudando ao mesmo tempo até a pandemia chegou. Quando a pandemia veio tive que me readaptar a uma rotina totalmente diferente a que estava acostumada.

Deixei bem, no período pandêmico tive que sair da casa de minha mãe e comecei a morar com o pai da M. , tomei-me longe da casa mãe e estudante. Fiquei responsável por

teco cuidado com a manutenção da casa, evitando e fazendo as atividades do curso de forma remota. Hoje em dia as dificuldades não diminuíram, elas aumentaram. Eu moro em uma bonita cidade pela minha vida, moro em uma cidade, não foi dela, mas em outras cidades, não quer dizer que eu não tenha parcialmente sido, eu não tenho tempo, o que complica muito o projeto até a eliminação que é realizado no setor da cidade, e o que me faz ter que depender da boa vontade dos motoristas em um ônibus corona, e realmente dizer que muitos deles não pagam e quando frequentemente eu não tenho a sala de motoristas, eu não vou para o campus.

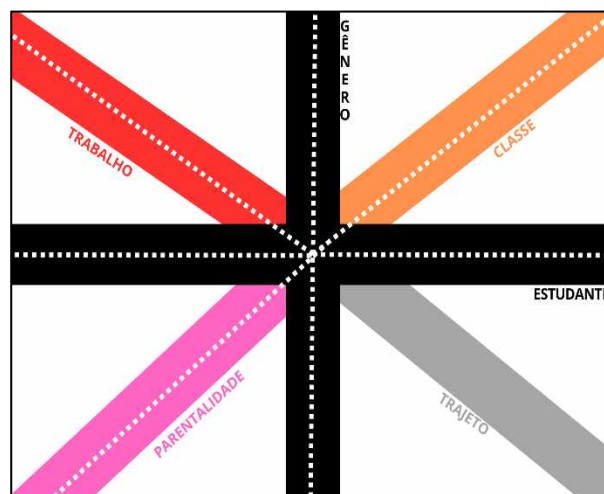
Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

**FIGURA 22 – INTER-RELAÇÕES
DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA
*HERMANA D.V***



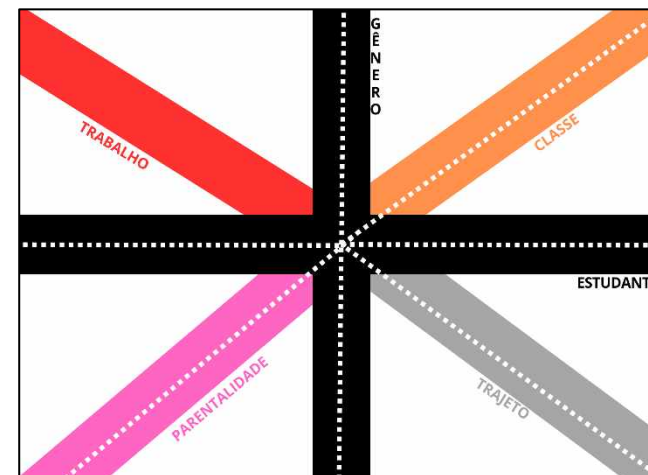
Fonte: produzido pela autora (2023).

**FIGURA 23 – INTER-RELAÇÕES
DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA
*HERMANA J.G***



Fonte: produzido pela autora (2023).

**FIGURA 24 – INTER-RELAÇÕES
DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA
*HERMANA M.M***



Fonte: produzido pela autora (2023).

Visualizando as figuras, conseguimos constatar que dos seis (06) núcleos de sentido levantados, elas são atravessadas por cinco (05) deles. D.V, não é atravessada pelo núcleo “parentalidade”; J.G, não é atravessada pelo núcleo “trajeto” e; M.M, não é atravessada pelo núcleo “trabalho”.

FIGURA 25 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA L.L

... e em uma conversa com meus eu disse: "Senhor eu deveria ter nascido homem, porque eu **nasci mulher**" e quando falei isso foi com um pensamento do tipo "Caralho, a vida para as mulheres trazem muitos desafios" principalmente quando você faz parte de ~~um~~ ^{outros} **grupos minoritários** e que sofre diariamente com as **desigualdades**.

Antes de prosseguir com meu desabafo, queria fazer um adendo... Estou escrevendo nestas folhas, porque agora me encontro no **trabalho** não tenho muito tempo para escrever antes porque são muitas as demandas, trabalho manhã e tarde... e

correndo atrás de uma brecha na semana para **fazer os trabalhos**. Muitas vezes me sinto inútil por não dar de conta de todas as minhas demandas, mas mesmo assim preciso continuar.

Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 26 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA J.J

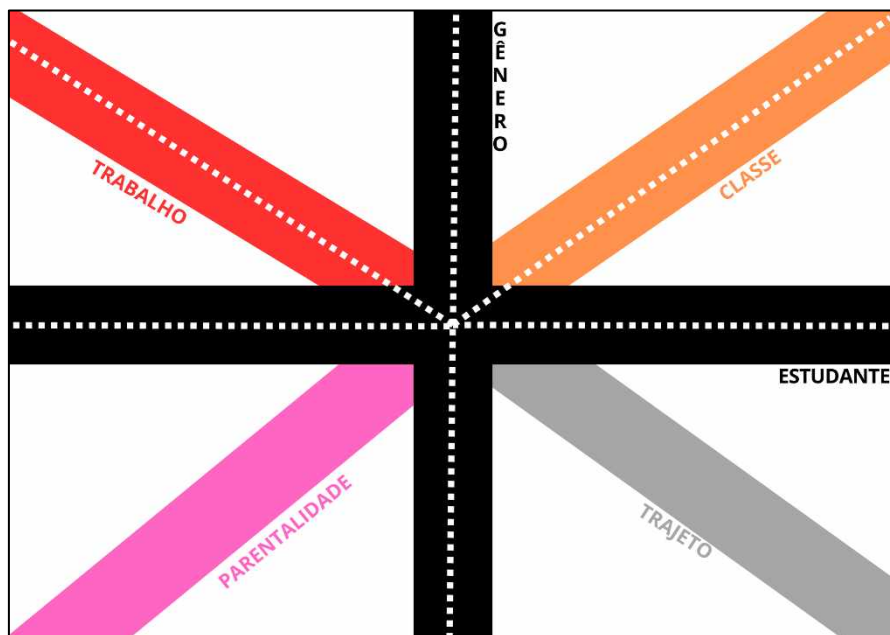
No início foi muito difícil a adaptação, tempo que ainda é, fico longe da família aqui, meus tios tinham uma triagem pequena, eu precisava fazer minha parte nas atividades de casa, também ajudava com o bebê, me sentia na obrigação de contribuir com tudo, porque não contribuía financeiramente com nada, o dinheiro que eu tinha era dos valores de ambas que eu fazia a dos meus pais quando mandavam algum dinheiro para o mês, foi que eu ainda não tinha conhecido a dinâmica do programa Bolsa Permanente - PBP, e com o tempo, tornei a ter dificuldades para realizar tudo, os afazeres da casa, cuidados com a criança, a saúde, trabalho, amigos, família, me sentia perdida de mim mesma. Tinha muita dificuldade para fazer os adesivos, mas procurava continuar pois era a minha principal renda para suprir algumas necessidades como higiene, os momentos que eu tinha para estudar era a noite, era muito complicado, costumava estudar a tarde, a criança era muito agitada,

Para dizer que diversas questões me atravessaram durante [dois meses], a [da mulher, o bebê e minha], a emocional [...]

Algumas pessoas se assustam quando comento (o que eu faço quando pergunto), mas eu de fato pareço como ato de coragem, para quem nunca trabalhou. Tempos que ao longo eu não sabia de onde viria a força para continuar, Tinha demora que eu ia todos os dias a pé, ficava exausta, me perguntei de volta a pé, cheguei várias vezes, até agora ao lago e lagoa. O caminho ao longo fica pesado, demoroso, estou tentando ouvir que preciso descansar em alguns momentos, desparecer, me encontrar, o que deixei de fazer por vários dias.

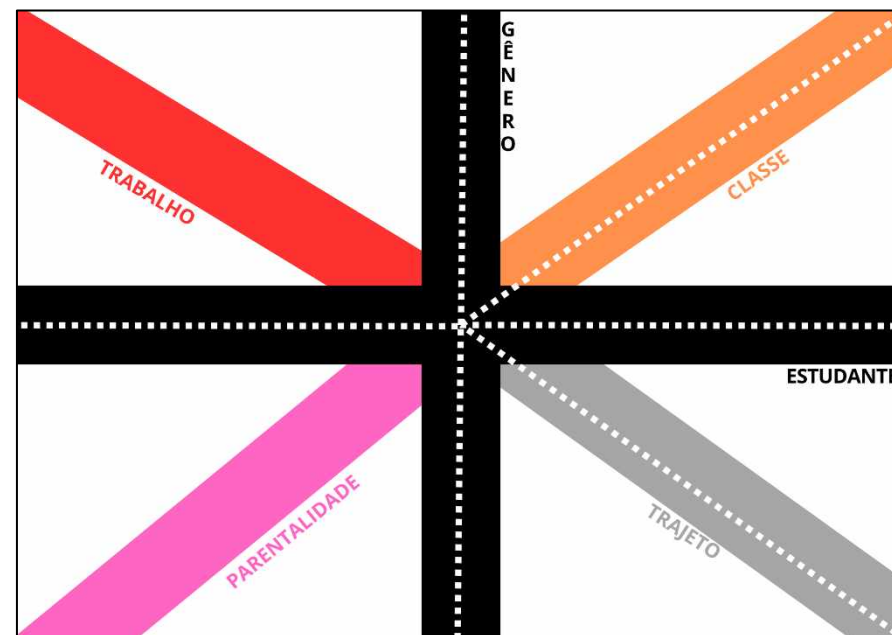
Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 27 – INTER-RELAÇÕES DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA *HERMANA L.L*



Fonte: produzido pela autora (2023).

FIGURA 28 – INTER-RELAÇÕES DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA *HERMANA J.J*

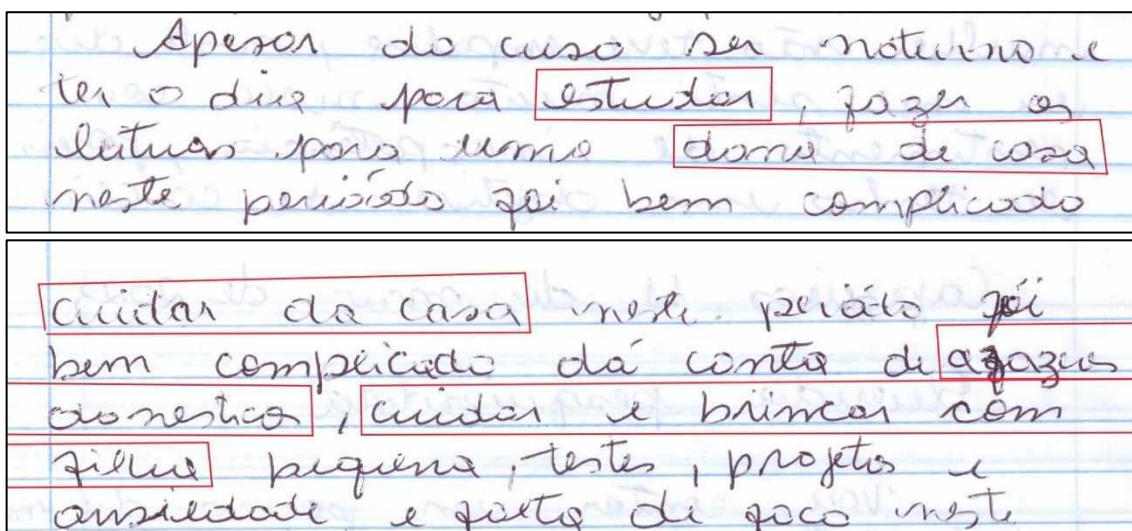


Fonte: produzido pela autora (2023).

Já as *hermanas* L.L e J.J, são atravessadas por quatro (04) dos seis (06) núcleos de sentido levantados. L.L, não é atravessada pelos núcleos “parentalidade” e “trajetos” e; J.J não é atravessada pelos núcleos “trabalho” e “parentalidade”. É importante salientar que a *hermana* J.J só não é atravessada pelo núcleo “trabalho”, devido ao auxílio do Bolsa Permanência. Por mais que ela esteja inserida em outros cruzamentos, não sendo impacta por mais um, já deixa a sua jornada com menor demandas, o que evidencia a importância de políticas inclusivas de acesso e permanência para estudantes incluídas em grupos minoritários.

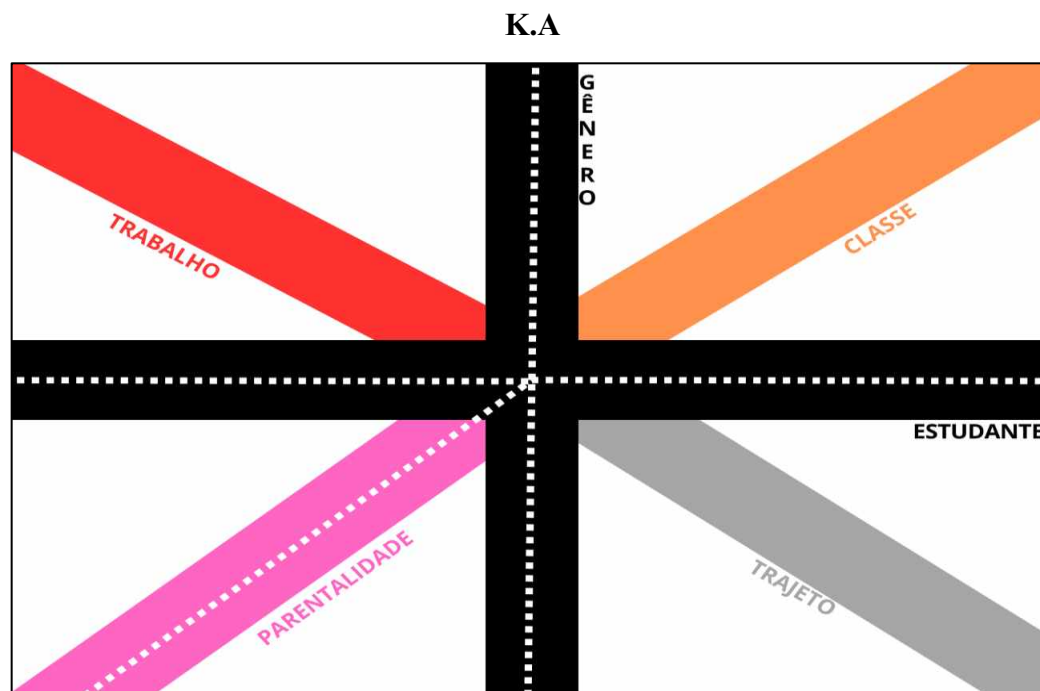
Outro ponto importante de ser destacado é a carta da *hermana* L.L. Visualizem a carta. Podemos notar a pressa em sua escrita, evidenciando a agitação que é o seu dia-a-dia. Vimos no tópico 5.2.1, o quanto as alunas trabalhadoras remuneradas são ocupadas, é evidente esse fato em sua escrita, especialmente quando ela diz: “*estou escrevendo nestas folhas, porque agora me encontro no trabalho, não tive muito tempo para escrever antes, porque são muitas as demandas*”. Quando fiz a leitura desse trecho, de imediato questionei: e neste momento, ela realmente estava com tempo? É notório os desdobramentos que a *hermana* L.L precisa fazer. Se para a escrita da carta observamos a pressa e falta de tempo para essa atividade, imaginem para as atividades acadêmicas. Certificando tudo que já foi discutido sobre as estudantes trabalhadoras remuneradas.

FIGURA 29 – ESCRIVIVÊNCIA DA HERMANA K.A



Fonte: arquivo da pesquisa (2023).

FIGURA 30 – INTER-RELAÇÕES DOS NÚCLEOS DE SENTIDO DA HERMANA



Fonte: produzido pela autora (2023).

Por fim, a *hermana* K.A é atravessada por três (03) dos seis (06) núcleos de sentido levantados. Além dos núcleos “gênero” e “estudante” que são comuns à todas, K.A é atravessada pelo núcleo “parentalidade”. Podemos observar que sua situação econômica é um elemento significativo para que ela não seja atravessada pelos os outros núcleos, o que nos revela que esse fator deve ser considerado quando pensamos em melhorias e no bem público. Mas, mesmo estando em “vantagens” em relação as outras *hermanas*, K.A, não dispõem de uma qualidade de tempo para os estudos, devido às questões de gênero, tendo que se desdobrar entre os cuidados da filha e do filho, atividades domésticas e as atividades acadêmicas.

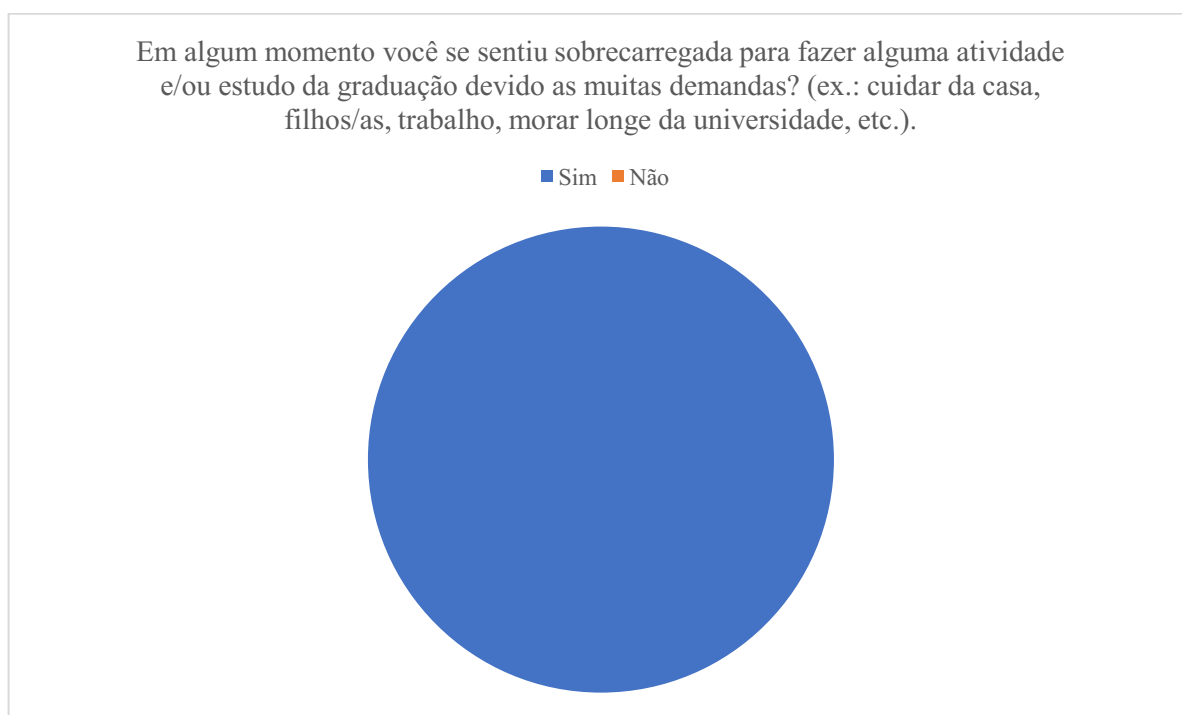
Neste tópico, a partir das escrevivências das *hermanas* e das figuras das inter-relações dos núcleos de sentido, conseguimos identificar onde elas estão posicionadas e conseqüentemente, o quanto elas são prejudicadas na sua formação acadêmica devido aos atravessamentos discutidos com base no levantamento dos núcleos sentido em suas cartas e nas discussões destes. Mostrando que os achados dos tópicos 5.2.1, 5.2.2 e 5.2.3 podem agir ao mesmo tempo na qualidade de vida destas mulheres, sobretudo na estudantil.

5.3 Políticas públicas no CFP/UFCCG: o que dizem as *hermanas*?

Neste capítulo busco discutir sobre políticas públicas de acesso e permanência no Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) a partir das escrituras das *hermanas* da pesquisa. Sua construção se deu com base nos achados dos núcleos de sentido encontrados em suas cartas, nos quais evidenciaram que estas mulheres, enquanto grupo, são colocadas em situações de vulnerabilidades no espaço acadêmico. Surgindo a dúvida: e o CFP, instituição na qual elas estudam, fornece suporte institucional de apoio à estas mulheres para a promoção da justiça social e do bem público?

Nas discussões realizadas, vimos que as *hermanas* da pesquisa são atravessadas por diversos fatores e que devido a isso as demandas se multiplicam em consonância com a quantidade de atravessamentos. No formulário 02, via Google Forms, quando questionadas sobre estas sobrecargas, elas deram as seguintes respostas:

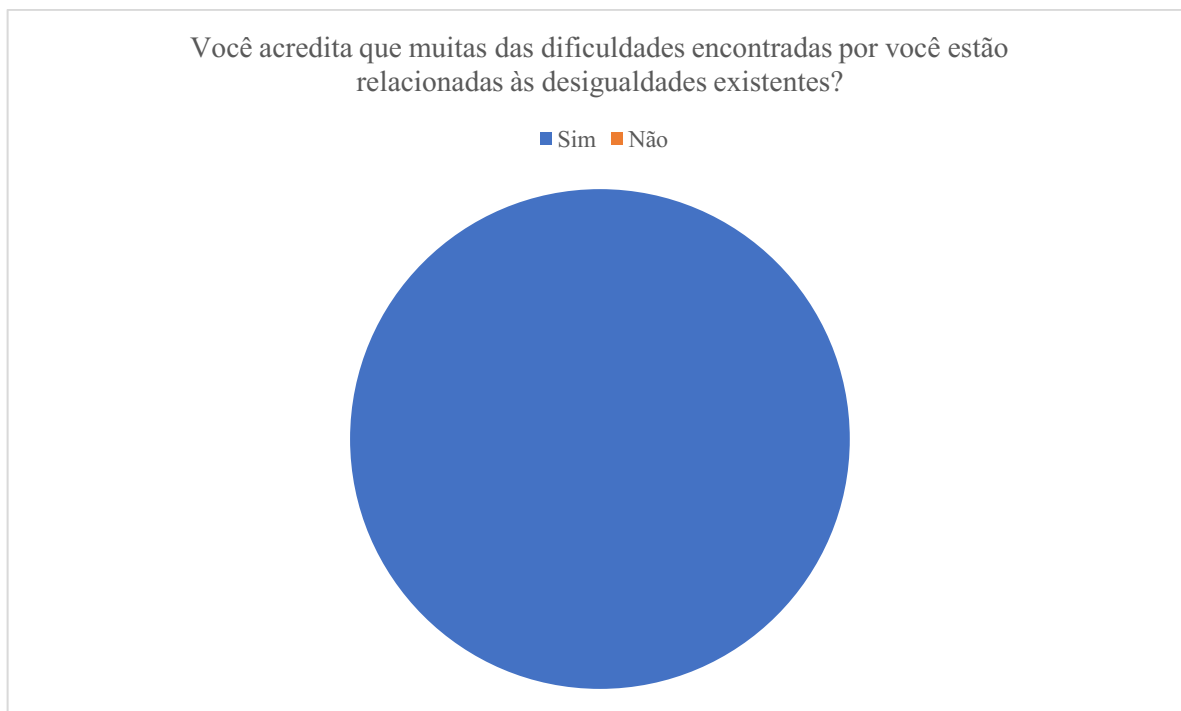
GRÁFICO 05 – SOBRE AS SOBRECARGAS *VERSUS* GRADUAÇÃO



Fonte: produzido pela autora (2023).

Conforme o gráfico, todas as *hermanas* da pesquisa confirmaram que estas demandas às sobrecarregam e que conseqüentemente interfere no desenvolvimento das atividades acadêmicas. E quando questionadas se as suas dificuldades tem relação com as desigualdades sociais, elas responderam:

GRÁFICO 06 – SOBRE AS DIFICULDADES *VERSUS* DESIGUALDADES



Fonte: produzido pela autora (2023).

Todas respondem que sim. Nos gráficos 06 e 07 podemos encontrar duas questões que precisam ser consideradas. A primeira é que mesmo as *hermanas* tendo suas singularidades e seus atravessamentos, elas estão dentro de uma coletividade, enquanto grupo de mulheres universitárias. A segunda, é que as perguntas e respostas dos dois gráficos se inter-relacionam, visto que, se há desigualdades, há sobrecargas. Se há sobrecargas, há vulnerabilidade.

Nas discussões com as escritórias das *hermanas* e dos núcleos de sentido, vimos que por conta dos atravessamentos elas dispõem de menor tempo para a dedicação aos estudos e que devido a isso elas não conseguem vivenciar a universidade de maneira plena. Muitas delas querem participar de programas acadêmicos e fazer seus currículos, mas devido a isso não conseguem. A UFCG sobre os programas acadêmicos se compromete com a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão que se constitui o tripé da universidade (UFCG, 2002; UFCG, 2007). Mas quanto a isso, a *hermana* L.L escreve o seguinte:

Sobre a universidade, os projetos e programas e até mesmo as públicas não são pensadas a partir das limitações de muitos estudantes. (L.L, 2023).

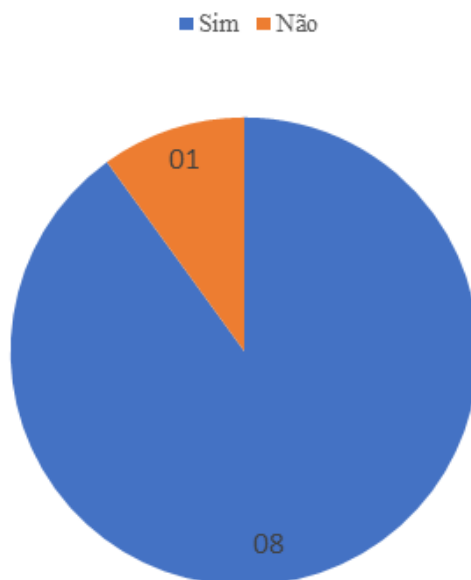
Na escritória fica evidente a falta de política alternativa na instituição que vise proporcionar o acesso e permanência destas universitárias nos programas e projetos

acadêmicos. No trecho da *hermana* L.L, podemos notar a necessidade de se pensar nos públicos que estão inseridos na universidade a partir de suas realidades.

Nas discussões dos núcleos notamos a diversidade de fatores que precisam ser considerados nas construções dos requisitos de participação e de políticas alternativas. Quando as *hermanas* foram questionadas sobre suas ausências e/ou desistências nestes programas, elas deram as seguintes respostas:

GRÁFICO 07 – SOBRE A PARTICIPAÇÃO NOS PROGRAMAS ACADÊMICOS

Em algum momento você desistiu de algum programa da universidade, não participou ou não se inscreveu, devido a estas demandas?

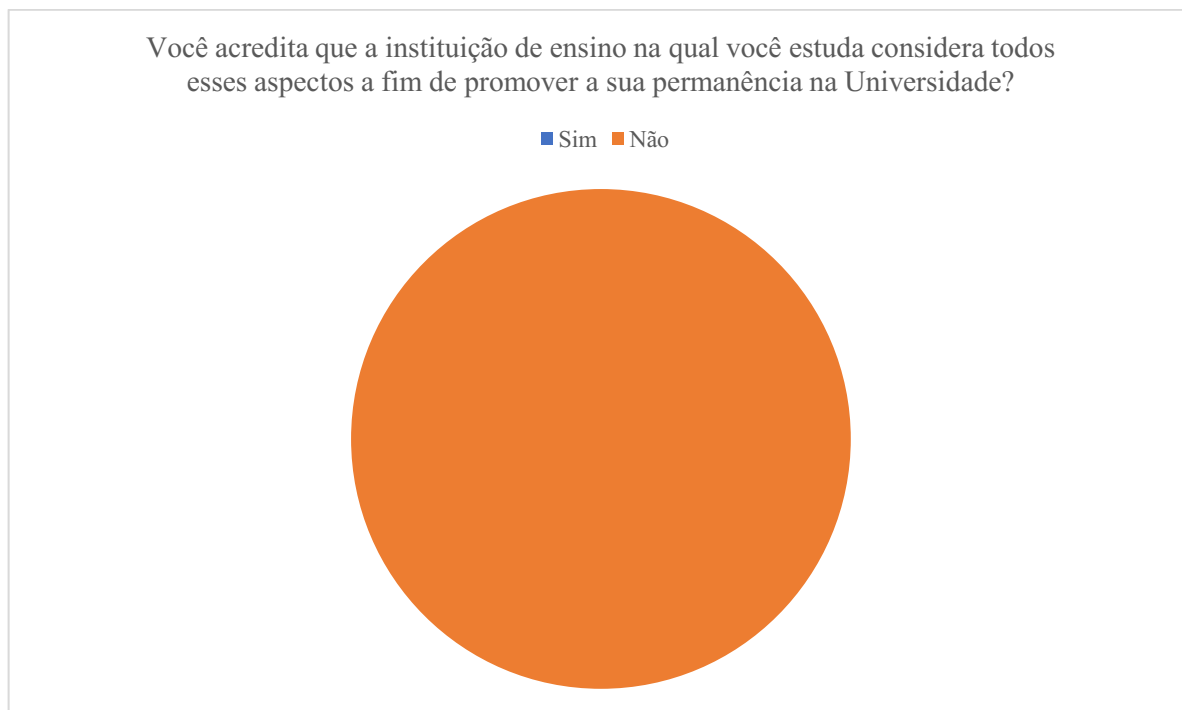


Fonte: produzido pela autora (2023).

Segundo o gráfico a cima, oito (08) das nove (09) *hermanas* confirmaram que não participaram de algum programa acadêmico devido às demandas discutidas no capítulo anterior. Porém, a *hermana* J.J, que assinalou a alternativa “não”, no exercício de escrita da sua escrevivência, recorda que não participava dos programas acadêmicos quando morava com os tios: “*ao me escrever lembrei que nessa época não conseguia participar dos programas da universidade como monitora, recordei que passei em uma monitoria e não fui, pois como seria contra turno meus tios ficavam preocupados com a volta para casa a noite, eu também tinha esse medo, mesmo sendo perto (uns 10 minutos a pé)*”. Considerando essa afirmação em sua escrevivência, a informação do gráfico muda e acaba por evidenciar que todas as *hermanas* da pesquisa já desistiram ou deixaram de participar dos programas

acadêmicos. Isso nos mostra, também, o quanto o ato de escrever e da escrita de si, pode trazer revelações e reflexões acerca do nosso lugar no mundo. A *hermana* J.J, no seu ato de escrever, encontrou esta revelação, que até então ela não tinha dado conta. Quando questionadas se a instituição considera todos os aspectos discutidos até aqui, com o objetivo de propiciar a permanência delas na universidade, as *hermanas* responderam o seguinte:

GRÁFICO 08 – UNIVERSIDADE *VERSUS* PERMANÊNCIA



Fonte: produzido pela autora (2023).

Todas as *hermanas* afirmaram que a instituição não considera todos os aspectos que as atravessam (que foram discutidos no capítulo anterior) a fim de proporcionar suas permanências na universidade. Devido à falta desse apoio, nota-se em suas escrituras, que elas ficam a depender da boa vontade de docentes e de colegas da instituição:

Em relação ao projeto de pesquisa, eu enviei um e-mail e esperei, a professora me aceitou, porém eu não tinha revelado que era trabalhadora, por medo e por me sentir um peso, depois de um tempo, criei coragem e falei, ter sido aceita, sem ressalvas, pra mim foi algo surpreendente, e que me deixou muito feliz, e o bom foi que as ações eram feitas aos domingos e a noite, pensando na minha condição de trabalhadora do comércio. (L.L, 2023).

Mas os desafios acadêmicos são muitos em questão de produção textual, artigos, resenha, resumos e etc, e minha maior dificuldade como aluna é a escrita, mas como sou muito presenteada por Deus ele colocou na minha

vida acadêmica cinco anjos, C, R*, R*, J* e em especial a minha amiga mais de uma década J*, eles sempre me auxiliaram e ajudaram com as atividades acadêmicas e assim fazendo com que eu permanecesse no curso. [...] Então a vida acadêmica exige muito de nós mães mas a universidade não dá nenhum suporte para isso, tantas pessoas que acabam desistindo do curso porque não tem um apoio, no começo achei que não ia da conta mas agora reflito que 4 anos já se passaram e por mais trabalhos e desafios Deus foi me capacitando e colocando anjos na minha vida para pegar na minha mão e dizer não pare aqui... (A.P, 2023).*

O apoio e compreensão de alguns professores, são de suma importância para a minha continuidade no curso. (D.V, 2023).

No segundo período pensei em desistir do curso, durante o curso encontrei amigos na qual posso confiar, pois tínhamos histórias parecidas, somos casados e com um sonho de melhorar a vida, conseguir a ascensão. [...] Ajuda da instituição nunca tive, porém acolhimento de uma professora sim e leva o nome K. (K.A, 2023).*

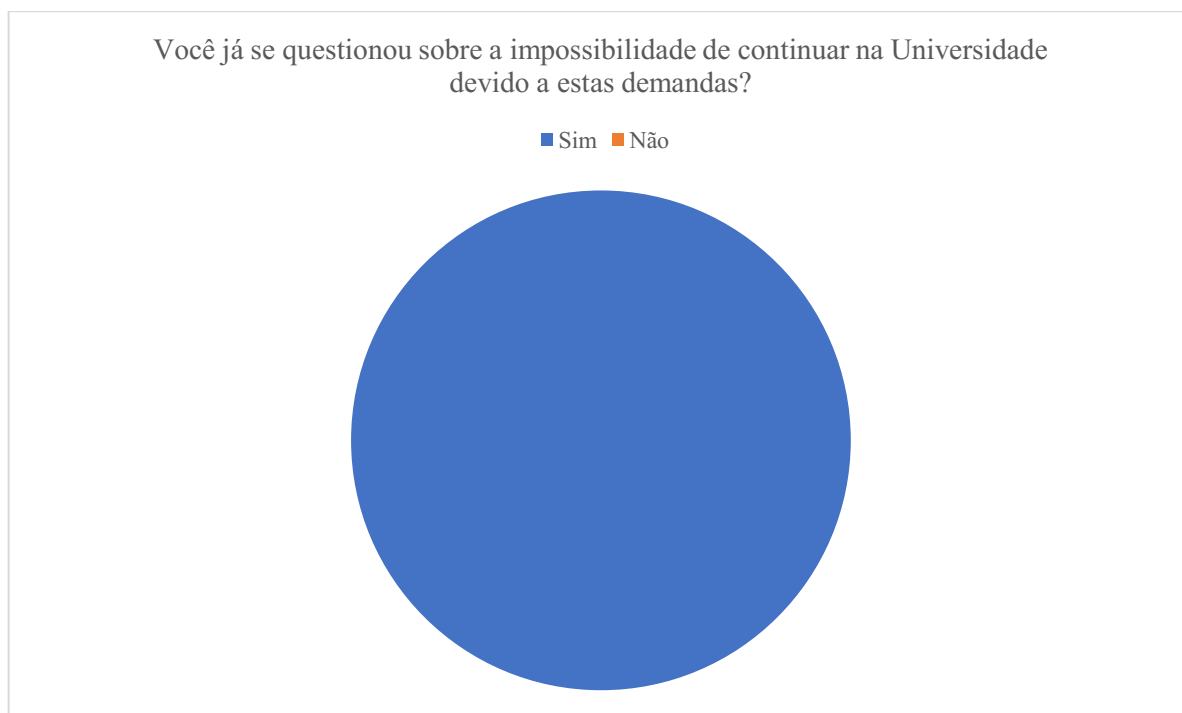
A *hermana* L.L escondeu da professora que era trabalhadora por medo de não continuar no projeto de pesquisa, se esse medo existe é porque ela encontrou fatores discriminatórios dentro da instituição por ser trabalhadora. As *hermanas* A.P e K.A contam com o auxílio de suas/seus colegas, as/os quais fizeram elas permanecerem na instituição. A *hermana* D.V diz que a continuidade dela na graduação é por contar com a compreensão de algumas/alguns professoras/es. Estar nesta dependência não é um achado positivo, claro que as boas ações são bem-vindas. Porém, não ter um amparo legal que assegure seus direitos à educação e à equidade de gênero de forma mais efetiva dentro da instituição de ensino é um fator a ser considerado. Visto que podem haver situações que professoras/es e/ou colegas não compreendam suas desvantagens no espaço acadêmico, que foi o caso da *hermana* K.A:

Na instituição conheci pessoas humanas e pessoas desumanas com discursos hipócritas, uma semana anterior de uma tentativa de suicídio de uma aluna, uma professora tinha dado um discurso “se precisar estou aqui para ajudar” porém ela tinha incompreendido porque eu estava cursando a disciplina a noite e não pela manhã onde eu estava matriculada, ela, como mulher, não teve empatia, nesse dia eu me senti muito mal, com sentimento de incompetência, porém eu tenho um objetivo de concluir o curso de pedagogia, assim como existem professores que reforçam a desistência do curso, outros ajudam. Não vamos generalizar, o maternar e estudar é um desafio! (K.A, 2023).

Relatos como este, reforça a importância do amparo legal institucional para o público que se enquadra no perfil das *hermanas* da pesquisa, que sofrem diversas discriminações ao mesmo tempo e que por consequência são colocadas em um patamar de maior vulnerabilidade

na academia. Outro elemento que precisa ser questionado com os trechos das cartas a cima, são os pensamentos de desistência da graduação ou de somente continuar devido a compreensão ou apoio de docentes e/ou colegas. Em relação ao pensamento de desistência as *hermanas* responderam o seguinte:

GRÁFICO 09 – UNIVERSIDADE *VERSUS* DESISTÊNCIA



Fonte: produzido pela autora (2023).

Conforme o gráfico, todas as *hermanas* da pesquisa já pensaram em desistir da graduação devido aos atravessamentos que perpassam suas vidas. O que manifesta a emergência da efetivação de políticas que coloquem em seu âmago as questões relativas às desigualdades de gênero, considerando a perspectiva interseccional como precursora e ferramenta para a promoção do bem público e da justiça social (Collins, 2017).

Outra questão que foi trazida em uma das cartas, foi o Regime de Exercício Domiciliar (mais especificadamente o inciso I), localizado na Subseção III e assegurado no Regulamento do Ensino de Graduação da UFCG pela Resolução nº 26/2007. Esse regime assegura que estudantes, por motivos elencados na subseção, possam solicitar que façam as atividades acadêmicas em seus domicílios. A *hermana* J.P fez essa solicitação tendo como motivo o inciso “I – aluna em estado de gravidez, a partir do oitavo mês de gestação” (UFCG, 2007). E ela compartilha em sua carta como foi essa experiência para ela:

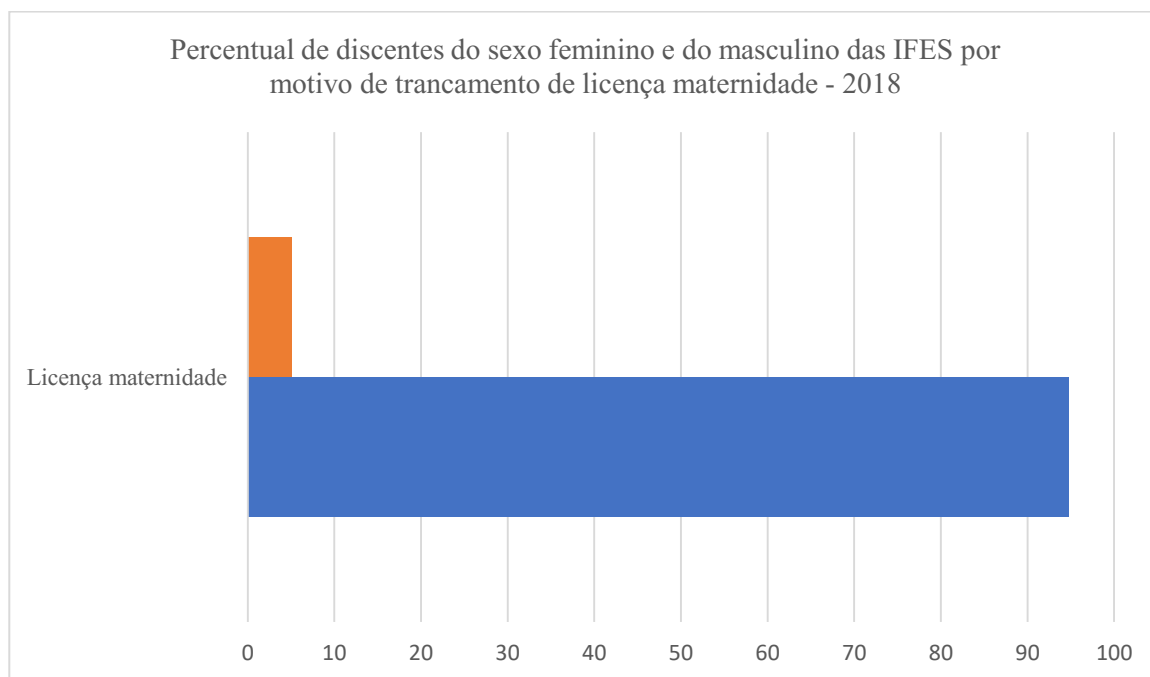
Quando enfim fiz nove meses de gravidez, estava no fim do segundo período, e faltavam 3 notas para finalizar 3 disciplinas, o que a universidade pôde me oferecer foi, uma “licença” para fazer as atividades em casa, muito burocrático o qual fiz toda burocracia, só que eu ganhei o meu filho dia 29 de agosto de 2017, e as avaliações chegaram dia 31 de agosto, o que basicamente só estava com dois dias de puerpério e não tive condições nenhuma de estudar para responder as avaliações, o que me resultou na reprovação de 3 disciplinas. Para meu CRA, significou reprovação de imediato o que fez cair, mas para mim os motivos eram tão complicados que certamente eu não merecia ter perdido as três disciplinas dessa maneira. Fica complicado pensar em textos e em como responder as questões, quando ainda não tem tanta prática com atividades acadêmicas, fato este, devido ao ensino público que sabemos que peca muito em competências e está longe de ser comparado com o ensino privado. O fato é que, mesmo tendo sido uma boa aluna no ensino médio, ainda me faltava a experiência e naturalidade com os textos acadêmicos e as interpretações e capacidade de sínteses necessárias, atrelados com os cuidados com recém-nascido como mãe de primeira viagem, não tive possibilidade nenhuma de parar para raciocinar e conseguir realizar boas avaliações. (J.P, 2023).

Na escrivência da *hermana* J.P notamos que sua condição enquanto mulher mãe que acabara de dar à luz a um bebê e que se encontra no puerpério não foi levada em consideração, dado que por mais que ela esteja em regime domiciliar ela teria que seguir o calendário do período letivo. A falta de um amparo legal, dentro de uma perspectiva de gênero, fez com que ela atrasasse o seu curso e que seu rendimento acadêmico baixasse devido às reprovações, o que afetou em sua formação acadêmica. A única proposta prevista para caso da impossibilidade de seguir com o cronograma das atividades em exercício domiciliar é o trancamento da matrícula nas disciplinas, assegurado pelo artigo nº 91 (UFCG, 2007). Proposta esta que acarretou ainda mais no seu atraso no curso no período seguinte:

Com o início do outro período, me encontrava com um bebê que mamava em livre demanda de forma exclusiva, não tinha como voltar a estudar e frequentar a universidade, então minha opção exclusiva foi trancar o período inteiro, enquanto os colegas iam seguindo o cronograma. Nesse momento seria interessante ter outra maneira de poder ter acesso as aulas e as atividades, mas não haviam outras opções a não ser se matricular e ir assistir de forma presencial as aulas. (J.P, 2023).

No estudo da Andifes (2019), enquanto 94,7% das estudantes mulheres faziam trancamento por motivo de licença maternidade; 5,1% dos estudantes homens faziam trancamento pelo mesmo motivo. Evidenciando, mais uma vez, que o exercício da parentalidade se reforça nas mulheres, o que denuncia a desigualdade da divisão do trabalho não remunerado entre os sexos:

GRÁFICO 10 – PERCENTUAL DE TRANCAMENTO POR MOTIVO DE LICENÇA MATERNIDADE



Fonte: Andifes (2019).

Observando o trecho da escrevivência da *hermana* J.P e o gráfico com os dados da Andifes (2019), nos remete às reflexões que as autoras Soares e Dias (2018) trazem sobre a importância de considerar as questões relativas ao gênero nas implementações das políticas, com alternativas plausíveis que garantem o direito e o acesso à educação a partir de uma perspectiva de equidade.

Sobre os programas acadêmicos e políticas de apoio à maternidade, as *hermanas* mães e universitárias trazem suas reflexões e posicionamentos a respeito:

[...] não participo de quase nada, justamente pela existência de todas as demandas já citadas aqui. Em nenhum desses programas eu pude perceber um espaço voltado para os filhos. Digo; não há uma rede apoio por parte da instituição que possa assegurar o cuidado com essas crianças enquanto suas mães tentam se dedicar aos estudos. Esse fator tem muita influência sobre nossa participação e/ou rendimentos em programas, eventos ou projetos. [...] Retomando a problemática da falta de suporte da nossa instituição eu sinto como uma dívida e uma falha com todas as mães do campus. (V.R, 2023).

Entendo que todas as escolhas foram minhas, mas sinto que deveria existir alguma política ou projeto dentro da UFCG que apoiem-se mulheres ou homens como eu, pois nunca pude participar de projetos ou outros eventos na instituição por não ter esse apoio necessário. (J.G, 2023).

Na universidade sinto falta desse suporte pois não conheço nenhuma política pública que possam ajudar as mães acadêmicas e já teve dia de que não tinha ninguém para deixar o meu filho em casa e como não poderia faltar levei ele junto comigo mas graças a Deus a professora usou a empatia comigo e com ele deixando ele ficar comigo em sala de aula. (A.P, 2023).

Como discutimos no tópico 5.2.2, sobre maternidade, vimos que por conta da distribuição desigual de sexo nos trabalhos não remunerados, acabam por sobrecarregar as mulheres. Em suas escrituras notamos a falta de apoio da instituição às mulheres mães e estudantes da universidade.

A UFCG conta com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC) a qual fornece assistência aos discentes da instituição, por meio de programas e auxílios estudantis, em parceria com o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Em relação à parentalidade, a PRAC fornece o Auxílio Creche (AC), conquista recente, regulamentada pela Portaria Gabinete da Reitoria nº 36 (UFCG, 2023).

O Auxílio Creche consiste no apoio financeiro às mães e aos pais de crianças menores de seis (06) anos, matriculadas/os em cursos presenciais da UFCG (UFCG, 2023). Para o ingresso ao AC, as/os discente precisam passar por um processo seletivo com a quantidade de vagas limitadas. Claro que esse auxílio é uma conquista plausível e necessária dentro da instituição, mas há lacunas nele. Segundo as autoras Soares e Dias (2018), quando dialogam sobre as políticas de apoio à maternidade em universidades públicas, dizem que as políticas da instituição além de serem pensadas precisam considerar a realidade das beneficiárias/os desde o planejamento até a implementação, ponderando o perfil das/os discentes e as variáveis da categoria gênero, a fim de promover a equidade entre mulheres e homens.

No caso da pesquisa, vimos que as *hermanas* são atravessadas por diversos fatores que devem ser considerados nas implementações das políticas estudantis na instituição. No caso do Auxílio Creche ele se constitui mais como uma política assistencialista, do que uma política de gênero. Por isso, mesmo com a sua existência, as *hermanas* mães e universitárias da pesquisa não sentem esse apoio da instituição e não falaram sobre ele.

Ora, se por um lado nas discussões com os dados da Andifes (2019) vimos que quase metade (49,4%) das/os discentes de cursos noturnos são estudantes ocupadas/os; e por outro lado, no tópico 5.2.2 vimos que todas as *hermanas* mães e universitárias da pesquisa são estudantes de cursos noturnos por serem estudantes ocupadas. Considerando essas duas informações, o AC não dá de conta dos atravessamentos das *hermanas*, uma vez que no turno noturno as creches e escolas não funcionam para crianças. Fazendo, por exemplo, com que a

hermana A.P precise levar o seu filho para a universidade e para dentro da sala de aula quando não tem com quem deixa-lo. Essa não é uma realidade apenas da *hermana* A.P, muitas mães universitárias precisam levar suas/seus filhas/filhos para a instituição de ensino (Silva; Agapito, 2021; Ferreira; Furtado, 2022). Fato esse que se confirma nas escrituras das *hermanas*. Percebemos a falta de um espaço que acolham tanto as suas crianças, quanto às acolham enquanto mães, nos levando a questionar até mesmo sobre a estrutura física do CFP/UFCG.

O que nos remete a pensar sobre a importância da instalação de creches nas universidades públicas, discussão esta que vem tomando proporção entre as mães universitárias. A inserção de creche nas universidades oportuniza um espaço que fornece práticas formativas de ensino, pesquisa e extensão, dado que alunas/os da graduação podem vincular teoria e prática neste espaço por meio ações pedagógicas, tornando-o um lócus de projetos de pesquisa, projetos de extensão, campo de estágio e observação (Raupp, 2004). Neste sentido, segundo a autora Raupp (2004), além de ser uma ferramenta que promove uma política de gênero, proporcionando o acesso e permanência das alunas mães na universidade; também se constitui como um campo que fornece subsídios teóricos, metodológicos e práticos no fomento da formação acadêmica.

Considerando o exposto, no CFP/UFCG percebo a relevância da instalação da creche – sobretudo no período noturno devido aos achados da pesquisa – que além de ser um espaço de acolhimento e pedagógico, pode ser um espaço que trará diversos benefícios para a instituição e o corpo discente do campus. Em relação a essa discussão, as *hermanas* A.P e D.V trazem sugestões nas quais a creche poderia contribuir significativamente:

Ao longo do curso senti muita falta do apoio na Universidade para compreender a minha situação uma proposta que poderia ter na universidade que ajudaria as mães e também os alunos do centro de formação de professores que seria pelo menos uma sala onde a mãe previamente avisaria que necessitaria de deixar seu filho nesse local enquanto estiver em sala de aula e para os alunos, poderia servir como projeto de extensão ou como um estágio até mesmo porque nem todos tem a oportunidade de estagiar no horários oposto do de sala de aula principalmente os alunos do turno da noite que por muitas vezes temos que trabalhar o dia inteiro e o tempo que sobra é apenas a noite para estudar. Dessa forma todos seriam beneficiados ao longo do tempo e seria gratificante tanto para a mãe como novas oportunidades na Universidade de oferecer oportunidades dessas mães permanecer e terminar a conclusão do curso de graduação. (A.P, 2023).

Algumas das sugestões para que a instituição pudesse ajudar, seria a disponibilidade de alguns projetos de extensão no período noturno, assim como convenio de estágio em outras localidades. (D.V, 2023).

A *hermana* A.P em sua escrevivência trouxe sugestões que a teoria já discute sobre os seus benefícios, o que valida o que Figueiredo (2020) diz sobre a legitimidade das nossas escritas, a partir de nós, como aportes teóricos. Como também, traz uma solução pensando no benefício coletivo. Pensando nas universitárias mães e/ou trabalhadoras remuneradas, como também, pensando na formação das/os suas/seus colegas estudantes da instituição. Outro aspecto que podemos notar, é que as sugestões da *hermana* D.V, poderia também ser abarcada pela a inserção da creche no campus.

Considerando que estamos falando do Centro de Formação de Professores, poderíamos pensar até na amplitude da sugestão da creche. E atender crianças do ensino infantil ao ensino fundamental. Um espaço que se constituiria em um laboratório vivo para as/os discentes das licenciaturas, a partir da construção de projetos de formação inicial de graduandas/os. O que beneficiaria toda a comunidade acadêmica e as *hermanas* da pesquisa, considerando a realidade das estudantes mulheres, estudantes mães, estudantes trabalhadoras remuneradas e estudantes que moram distante da universidade. E das estudantes que estão circunscritas em mais de um lugar, quando não em todos eles.

Outra proposta levantada pelas *hermanas* é sobre a importância de a instituição discutir sobre gênero em seus espaços:

Se alcançamos o direito a universidade, porque o ambiente acadêmico não atende as nossas devidas necessidades? Porque temos que escolher entre se dedicar para uma boa profissionalização e abdicar da maternidade? Porque há tantos sacrifícios por parte das mulheres, e quanto se trata dos homens não são cobrados para abdicarem? As respostas para essas e mais perguntas, é o que os historiadores chamam de permanências na História. E é discutindo conceitos como esses, e vivenciando direta e indiretamente que percebo a urgência de se trabalhar com temáticas como essas, pois ainda temos que romper com muitas questões para de fato termos os espaços e ambientes justos entre as pessoas. (J.P, 2023).

[...] promover discussões sobre essa temática na universidade, não é besteira falar de nossas vivências, dos caminhos que fazemos; são questões que constrói a minha identidade. (J.J, 2023).

Segundo Lugones (2014), o estudo feminista de gênero, dentro de uma perspectiva interseccional e decolonial, fornece para as mulheres materiais e reflexões que permitem sua construção identitária e que ao mesmo tempo se construam politicamente a respeito dos seus

lugares no mundo, não se encontrando mais em um lugar de aceitação. Por isso a importância da implementação desta temática no espaço universitário. Desde as aplicações de regimentos, resoluções e políticas até as grades curriculares dos cursos.

Neste capítulo podemos analisar, a partir das experiências das *hermanas*, a falta de políticas públicas de gênero dentro do CFP/UFMG. Vimos que embora exista muitos auxílios estudantis e diversos programas acadêmicos, há a necessidade de políticas efetivas que considerem as questões relativas ao gênero em suas implementações. Apreciamos, também, as sugestões feitas pelas *hermanas* da pesquisa. Que vão desde a implementação das discussões de gênero no espaço acadêmico até na construção de um ambiente que sirva como um locus de pesquisa, ensino e extensão, além de fornecer acolhimento para as mães universitárias e suas/seus filhas/os.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: PONTO DE PARTIDA

Ler estas cartas não foi um exercício fácil de fazer. Foram diversas pausas, nó na garganta, sentimento de revolta, a vontade de fazer mudança. Um amontado de sensações e sentimentos me invadiram neste exercício. Me enxerguei em muitas das palavras das minhas *hermanas*. Ao tempo que vi que nós somos um coletivo, percebi que cada uma tem sua singularidade e atravessamentos. Mas, isso não anula a nossa coletividade, enquanto mulheres universitárias, que através dos nossos escritos revolucionamos, fazemos ciência e pensamos no bem público.

Essa proposta de pesquisa foi pensada em fugir de tudo aquilo que está dentro da “norma”. Do cuidado em não me perder na tradução, conselho dado pela intelectual Patricia Hill Collins (2017). Confesso, que estar dentro de uma estrutura academicista e me propor a “nadar contra a maré”, trouxeram vários desafios. Precisei praticar o exercício de defesa da pesquisa muito cedo. A procura de uma metodologia também trouxe uma certa dificuldade. Qual método de análise não me deixaria distante das minhas *hermanas*? Qual instrumento de coleta de dados daria liberdade com que as minhas *hermanas* falassem sem interrupções? Como começar?

Envolvida neste emaranhado de questionamentos, que encontrei respostas nas escritoras feministas decoloniais. Foi com elas, através de seus escritos, que pude iniciar de fato esta pesquisa. Conceição Evaristo (2020) e Glória Anzaldúa (2000) me auxiliaram a encontrar o instrumento de coleta de dados. Crenshaw (2004) me ajudou aprimorar a análise

dos dados, a partir do diálogo com a proposta metodológica de Laurence Bardin (1997). As *hermanas* voluntárias da pesquisa evidenciaram que nossos escritos, a partir da enunciação do nosso lugar, fazem ecoar ciência. Foram com elas – não somente sobre elas – que eu pude fazer pesquisa.

De fato, a escrita deste trabalho está distante de ser somente minha. Ele carrega diversas assinaturas e esse coletivo o fortificou. Me empoderou enquanto uma recente pesquisadora. Estando longe de ser uma pesquisa individual, restrita, falada por outros na terceira pessoa. Mesmo que contraditório na gramática da língua portuguesa, esse trabalho se constitui no “nós” na primeira pessoa do singular. Sou eu no nós. O nós no eu. Nessa prática de fazer pesquisa, que pude responder as minhas inquietações e encontrar respostas para a minha questão-problema e para os meus objetivos.

A começar pelo primeiro objetivo específico, que foi: identificar quais são as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida destas mulheres. Pude, através da teoria da interseccionalidade, indicar que as *hermanas* da pesquisa se encontram em diversos lugares e se integram por diversas identidades. O que confirma que quando se pesquisa com seres humanos, devemos considerar os contextos e os lugares em que estão situadas/os. O que nos fornece subsídios para análise, como também nos permite conhecer as/os voluntárias/os da pesquisa e ter uma maior aproximação.

No segundo objetivo específico: investigar quais foram/são os desafios de conciliar as muitas de si para a formação acadêmica. Revelou que os desafios são muitos, principalmente quando o ponto de partida são as questões relativas ao gênero. O ser mulher carrega consigo as sobrecargas de tarefas em vista da divisão desigual dos trabalhos não remunerado entre mulheres e homens. O que aponta a existência do machismo, do sexismo e do patriarcalismo nestas divisões.

O fato de a monografia ser realizada com base na perspectiva interseccional, fez com que a pesquisa não considerasse apenas as desigualdades de gênero. Nesse sentido, esses achados das sobrecargas de tarefas foram agravantes dos núcleos de sentido (temas que apareceram com maior frequência nas cartas) encontrados a partir do levantamento metodológico de Bardin (1997) e do diálogo teórico de Crenshaw (2004), foram eles: trabalho, parentalidade, trajeto, estudos, classe social e gênero. Os quais, em suas discussões e análises, constataram que:

1. *estudantes mulheres trabalhadoras remuneradas dispõem de menor tempo por ter que concorrer entre o trabalho remunerado, trabalho não remunerado e com estudos. Devido a isso, elas se tornam pessoas cansadas e exaustas, não conseguindo vivenciar a universidade de maneira plena com participações em projetos e/ou programas acadêmicos, fazendo com que elas não disponham de um currículo avantajado para participações futuras em processos seletivos, o que pode afetar em suas ascendências profissional e pessoal;*
2. *estudantes mães tem desvantagens no meio acadêmico por ter que conciliar as atividades parentais, o trabalho não remunerado e as atividades acadêmicas. Fazendo com que elas tenham pouco tempo para dedicação aos estudos. Essas múltiplas demandas podem prejudicar e trazer desgastes físicos e mentais. Devido ao pouco tempo, elas também não conseguem vivenciar a universidade de maneira plena, o que pode prejudicar em sua formação acadêmica. Outro fator encontrado é que os contextos de parentalidade (mãe solo, mãe de pessoa com deficiência, quantidade de filhas/os) podem aumentar essas demandas, fazendo com que a jornada se intensifique ainda mais e;*
3. *estudantes mulheres em seus deslocamentos para a universidade não se sentem seguras e sentem medo, principalmente no turno noturno, devido aos atravessamentos de gênero e socioeconômicos. Foi encontrado também, que quanto maior o deslocamento entre casa-universidade menor será a qualidade de vida estudantil (devido ao cansaço e exaustão dos trajetos) e menor será o tempo de dedicação aos estudos (Andifes, 2019). O que pode ter um impacto negativo na formação acadêmica destas mulheres.*

A partir destas análises, foi evidenciado que as universitárias participantes da pesquisa estão circunscritas em mais de um desses núcleos de sentido encontrados e discutidos. O que mostrou que cada achado de vulnerabilidade, de discriminação e de desigualdades resultantes nas discussões realizadas dos núcleos separadamente, podem ser somadas e potencializar a dificuldade que essas mulheres tem em vivenciar a universidade de maneira plena e com equidade. O que leva a discutir sobre a estrutura epistêmica, cultural, estrutural e social da universidade.

Nos direcionando para o último objetivo específico: conhecer as políticas públicas e as redes de apoio que dão suporte as questões de gênero, dentro da instituição de ensino, a partir do olhar destas mulheres. As *hermanas* da pesquisa ao tempo que reconhecem a existência de muitos programas acadêmicos e auxílios estudantis na universidade, percebem a falta de um olhar direcionado às adversidades referentes ao gênero nas construções políticas, resoluções e editais. Não se sentindo amparadas pela a instituição.

Nas discussões e reflexões deste último objetivo, constatou-se a necessidade e a urgência da implementação das questões relativas ao gênero nas estruturas da universidade, que vão desde as políticas até às estruturas físicas. Devendo considerar os contextos que este público está situado que são muitos e que se tornam agravantes, como vimos na pesquisa. É a partir desta efetivação de implementação de políticas de gênero que podemos alcançar a equidade entre alunos e alunas na universidade, a justiça social e propor uma vivência acadêmica, de formação, mais integra para as mulheres que estão no espaço universitário, sobretudo no CFP/UFCG que foi o lócus da pesquisa.

Tivemos também propostas feitas pelas *hermanas*, que foram: a implementação de discussões sobre esta temática no espaço acadêmico e a implementação de uma creche-escola no campus, sobretudo no período noturno, devido aos atravessamentos encontrados sobre as estudantes mães não terem com quem deixar suas/seus filhas/os no horário noturno e as estudantes trabalhadoras remuneradas que não podem participar de projetos nos períodos matutinos e diurnos. Entre outros achados da pesquisa.

O que me leva a acreditar que esta pesquisa não acaba aqui e não quero que esse seja o fim. Quero que seja o começo. O início de uma mudança para as minhas *hermanas* que estão na instituição e para aquelas que irão chegar. Que seus corpos possam se encontrar na universidade. Que elas se sintam pertencentes a esse ambiente. Que elas possam escrever lindamente a partir da enunciação do seu lugar, sem causar estranhamentos ou oposições. Quero que este trabalho seja o ponto de partida.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANDIFES. **V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018**. Brasília: ANDIFES/FONAPRECE, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=88796>. Acesso em: 11/08/2023.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos (Orgs). **Gênero na psicologia: articulações e discussões**. Salvador/BA, 2013. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/genero_na_psicologia.pdf. Acesso em: 04/04/2022.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 08/10/2022.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n.1, p. 704-719, set./dez., 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Persona, 1997.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza (Org.). Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BORGES, Lize. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador/BA, v. 1, n. 1, p. 01-23, maio, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>. Acesso em: 22/08/2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: República Federativa do Brasil. Brasília. Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07/06/2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: República Federativa do Brasil. Brasília. Senado Federal, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 07/06/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 01/08/2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez., 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/diferencas-culturais-cotidiano-escolar-e-praticas-pedagogicas>. Acesso em: 25/06/2023

CARVALHO, Nathália Gomes Oliveira de. **Vozes silenciadas**: percepções sobre o acesso à justiça em cartas das presas. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24856>. Acesso em: 01/11/2022.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciência humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução de Bianca Santana. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v.5, n.1, p. 06-17, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 30/06/2023.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**, Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 07-16, 2004. Disponível em: https://mulheresnoperder.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR_ART_42_A_INTERDECCIONALIDADE_NA_DISCRIMINACAO_DE_RACA_E_GENERO.pdf. Acesso em: 05/08/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens**: interseccionalidade, políticas de identidades e violência contra as mulheres não-brancas. Tradução de Carol Correia. 1991. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contras-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw-e2%80%8a-%e2%80%8aparte-1-4/>. Acesso em: 02/04/2022.

D'ADESKY, Jaques. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2001.

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Singularidade**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/singularidade/>. Acesso em: 26/08/2023.

DICIONÁRIO PRIBERAM. **Des**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/des>. Acesso em: 26/08/2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosano. (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 59-73. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 11/10/2022.

FERNANDES, Priscila da Silva. **Família monoparental feminina**: desafios de ser mãe solo. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus Araraquara – São Paulo, Araraquara, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234377>. Acesso em: 22/08/2023.

FERREIRA, Karoline da Rocha; FURTADO, Maria Aparecida Silva. Vivência de mães universitárias do ISB/UFAM. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 32, n. 33, p. 59-76, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 18/09/2023.

FERREIRA, Michel Alves; PARINGER, Talita Ketylin Costa Cabral; CASAGRANDE, Lindamir Salete. O que você já deixou de fazer por ser mulher? Relato de uma experiência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 10, n. 35, p. 04-24, jan./jun., 2017.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e. 0102, p. 02-24, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>. Acesso em: 30/06/2023.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosano. (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 59-73. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 11/10/2022.

FROTSCHER, Méri. “Uma cinzenta falta de esperança paira sobre todos nós”: uma análise de cartas de mulheres e homens com intensão de emigrar da Alemanha para o Brasil (1946-1960). **Revista de História**, n. 177, p. 01-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/138467>. Acesso em: 01/11/2022.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. São Paulo: Editora Alínea, 2001.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 223-243, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) Flávia Rios, Márcia Lima. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, n. 38, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 08/10/2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Outras formas de trabalho 2023. **IBGE**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-13, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102020>. Acesso em: 11/08/2023.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 21-53.

LAURIOLA, Julia Lucia Helena. As percepções da comunidade acadêmica sobre os meios de transporte para frequentar a Universidade de Brasília. **Revista Textos Graduados**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 56-82, janeiro, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.unb.br/index.php/tg/article/view/29271>. Acesso em: 29/08/2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 30/06/2023.

MALATIAN, Teresa. Escrita de si e narrativa histórica. **Acervo digital UNESP**, 2012.

Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46186?mode=simple>.

Acesso em: 06/11/2022.

MESQUITA, Andréa Pacheco de. *et al.* “Quem pariu Mateus que balance”: a reprodução do patriarcado e a solidão das mulheres/mães universitárias nos cuidados com os/as filhos/as. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019, Brasília. **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília, v. 16, n. 1, 2019, p. 01-12. Disponível em:

<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/722>. Acesso em:

21/08/2023.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago., 2009.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgykz6qr/?format=pdf>.

Acesso em: 13/08/2023.

OLIVEIRA, Kiusam. Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: reencantando corpos negros. In: **Perspectivas na educação em narrativas, memórias e educação popular**: psicopedagogia, racismo e cultura. SILVA, Maria Eliene Magalhães da (Org.). Fortaleza: Impreco, 2020, p. 13-23.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução de Juliana Araújo Lopes.

CODESRIA Gender Series, Dakar, v. 1, p. 01-10, 2004. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6579436/mod_resource/content/1/10.c%20Conceptualizando%20el%20g%C3%A9nero.pdf. Acesso em: 05/08/2023.

PITOMBEIRA, Bruna Damara Gonçalves. “**Longe de casa, há mais de uma semana...**”: o estresse entre discentes que moram longe da família. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Livro eletrônico. PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar (Org.). 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAUPP, Marilena Dandolini. Creches nas Universidades Federais: questões, dilema e perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 197-217, abril, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTANA, Carolina Queiroz; SANTANA, Noemia Barreto Queiroz. “Minha mãe e eu”: Mulheres, Professoras e trocas educacionais em tempos de distanciamento social. Belo Horizonte: **SCIAS Educação, Comunicação e Tecnologia**, v.2, n.2, p. 270-286, jul./dez. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Livro eletrônico. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Ana Paula Rosa da; AGAPITO, Juliano. Mães-estudantes: a luta pelo direito à educação. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, Joinville, v. 2, n. 4, p. 125-151, jul./dez., 2021.

SOARES, Brenda Vanessa Pereira; DIAS, Marly de Jesus Sá. Creche nas universidades: um debate necessário para o ingresso e permanência de estudantes-mães na graduação. In: XVI Encontro de pesquisadoras/es em Serviço Social, 2018, Vitória/ES. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória/ES, 2018, p. 01-19.

SOARES, Daiane Pereira *et al.* Desafios e perspectivas da institucionalização da temática maternidade a partir da extensão. **Caderno Impacto em Extensão**, Campina Grande, v. 3, n. 1, p. 01-06, 2023. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/534>. Acesso em: 21/08/2023.

TOMBOLATO, Maria Cláudia Roberta. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2005.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil A.S, 2009.

TRÓPIA, Patrícia Vieira; SOUZA, Davisson Charles Cangussu de. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 1, e. 20210033, p. 01-29, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Estatuto**: resolução nº 05/2002. Campina Grande: UFCG, 2002. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/estatuto.html>. Acesso em: 08/09/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Regulamento do Ensino de Graduação**: resolução nº 27/2007. Campina Grande: UFCG, 2007. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/legislacao/986-regulamento-de-ensino-de-graduacao.html>. Acesso em: 08/09/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Reitoria UFCG**: boletim de serviço nº 24/2023. 24 ed. Campina Grande: UFCG, 2023. Disponível em:

https://portal.ufcg.edu.br/phocadownload/userupload/Boletim_de_servico/boletim%20de%20Servio%20-%202023%2024.pdf. Acesso em: 08/09/2023.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 145-168.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e trabalhador-estudante na Educação Superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, Campinas: Sorocaba/SP, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul., 2013.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE
CURSO DE PEDAGOGIA**

Você está sendo convidada a participar como voluntária no estudo “HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA”, coordenado pela Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral: analisar como as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) influenciam na formação acadêmica destas mulheres e, como objetivos específicos: a) identificar quais são as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida destas mulheres; b) investigar quais foram/são os desafios de conciliar as muitas de si para a formação acadêmica e; c) conhecer as políticas públicas e as redes de apoio que dão suporte as questões de gênero, dentro da instituição de ensino, a partir do olhar destas mulheres.

Esta pesquisa se faz necessária pelo fato de que ainda está enraizado, conceitos atrasados sobre o ser mulher e que junto dessas raízes encontramos outros mecanismos de poder que também devem ser considerados, tendo em vista que são mecanismos que afetam significativamente nós mulheres.

Caso decida aceitar o convite, você será submetida ao(s) seguinte(s) procedimentos: 1. A escrita de uma carta acerca das suas memórias e experiências enquanto mulher e universitária,

levando em consideração a sua subjetividade e, 2. Preenchimento de um formulário via Google Forms.

Os riscos envolvidos com sua participação são: de constrangimento, pela pesquisa ter interesse acerca das memórias e experiências sobre a vida da voluntária; desconforto, devido ao tempo investido na produção de dados e/ou; preocupação, com a de quebra de sigilo/confidencialidade.

As pesquisadoras utilizarão as seguintes estratégias para a diminuição destes riscos: 01. Garantia do anonimato, as voluntárias da pesquisa serão nomeadas por nomes de escritoras feministas latinas, as quais fundamentam teoricamente a pesquisa; 02. Assegurar o posicionamento ético e o rigor metódico nas análises, buscando fugir de interferências e/ou julgamentos; 03. Estar em prontidão com quaisquer dúvidas e questionamentos das voluntárias e; 04. Fornecer o retorno da pesquisa para as voluntárias, mostrando suas contribuições com a pesquisa e evidenciando o cumprimento com a garantia do anonimato e do posicionamento ético certificado pelas pesquisadoras.

Os benefícios da pesquisa serão: auxiliar e contribuir com a prática da pesquisa com mulheres na Universidade, visando à melhoria da qualidade da educação mediante a inclusão de discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero na educação.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum(a) voluntário(a).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido(a), caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a orientadora Kássia Mota de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo:

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Kássia Mota de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Endereço Profissional: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n, bairro Casas Populares, Cajazeiras – PB

Telefone: (85) 98689-4236

E-mail: kassia.mota@professor.ufcg.edu.br

DADOS DO CFP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

E-mail: cepcfpufcgcz@gmail.com **Tel:** (83) 3532-2075.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO DAS PESQUISADORAS



TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo-assinados, Orientador e Orientando(s) respectivamente, da pesquisa intitulada “HOJE EU ME PARI ESCREVIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA.” assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outres sim, nossa responsabilidade indelével e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta. Apresentaremos sempre que solicitado pelo CEP/ CFP/FCG (Comitê de Ética em Pesquisas/ Centro de Formações de Professores) ou CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Comissões envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CEP/CFP/FCG, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Cajazeiras, 16 / 01 /2023

Documento assinado eletronicamente
MAGDA BRITA DE VASCONCELOS
Data: 2023.01.16 10:22:14 (GMT-03:00)
https://sistemas.cofecp.org.br/assinatura

Orientadora(s)

Documento assinado eletronicamente
FRANISY PEREIRA SARAIVA
Data: 2023.01.16 10:22:14 (GMT-03:00)
https://sistemas.cofecp.org.br/assinatura

Orientadora(s)

APÊNDICE C – TERMO DE ANUÊNCIA

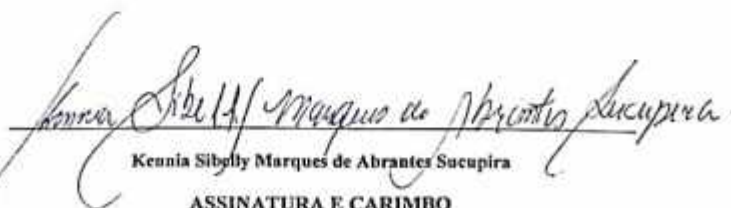


UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Kennia Sibelly Marques de Abrantes Sucupira, diretora do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG), autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: HOJE EU ME PARI: ESCRIVIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA, nesta instituição, que será realizada no período 2023.1 após a aprovação do Comitê de Ética, tendo como pesquisador(a) responsável(a) o(a) Prof(a). Dr(a) Kássia Mota de Sousa e orientando(a) Daiane Pereira Soares.

Cajazeiras, 24 / 05 / 2023


Kennia Sibelly Marques de Abrantes Sucupira
ASSINATURA E CARIMBO

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 01

Formulário da Tese de Conclusão de Curso

Esse formulário é destinado para as alunas graduandas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP), campus Cajazeiras - PB, que se interessam em se voluntariar na seguinte pesquisa de Conclusão de Curso:

"HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA"

Atenciosamente: Daiane Pereira Soares, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UFCG/CFP).

*Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *

2. Número de telefone (whasApp) *

3. E-mail *

4. Qual o seu curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Enfermagem
- Medicina
- Ciências Biológicas
- Geografia
- Pedagogia
- História
- Letras
- Química
- Física
- Matemática

5. Período:

6. Qual o turno? *

Marcar apenas uma oval.

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral

7. Eu, expresso interesse em participar da pesquisa intitulada "Hoje eu me pari: escrituras como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica" *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Obrigada!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 02

Formulário da Tese de Conclusão de Curso

Esse formulário é destinado para as alunas graduandas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP), campus Cajazeiras - PB, que se voluntariaram na seguinte pesquisa de Conclusão de Curso:

'HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA'

Tem como objetivo traçar o perfil das voluntárias da pesquisa de conclusão de curso, a fim de percebê-las na sua integralidade.

Desde já, agradeço pela participação!!

Atenciosamente: Daiane Pereira Soares, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UFCG/CFP).

** Indica uma pergunta obrigatória.*

1. Nome Completo *

2. Idade *

3. Número de telefone (WhatsApp)

4. E-mail *

5. Qual o seu curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Enfermagem
- Medicina
- Ciências Biológicas
- Geografia
- Pedagogia
- História
- Letras
- Química
- Física
- Matemática

6. Período *

7. Qual o turno? *

Marcar apenas uma oval.

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral

Sobre você

8. Você se considera *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Indígena

9. Marque as opções que se encaixam na sua realidade. *

(Pode marcar mais de uma)

Marque todas que se aplicam.

- Trabalhadora
- Estudante
- Mãe
- Cuidadora (ex.: responsável pelos os cuidados do pai e/ou mãe, do avô ou da avó, etc.)
- Mora longe da universidade
- Outro: _____

10. Você estudou em: *

Aqui você pode marcar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Escolas públicas
- Escolas particulares

Sobre a graduação

11. Sobre sua ida a Universidade: *

Marcar apenas uma oval por linha

	Sim	Não
Você depende do transporte universitário?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você paga por esse transporte?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você tem medo de ir sozinha para a Universidade?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Em algum momento você se sentiu sobrecarregada para fazer alguma atividade e/ou estudo da graduação devido as muitas demandas? (ex.: cuidar da casa, filhos/as, trabalho, morar longe da universidade, etc.). *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

13. Em algum momento você desistiu de algum programa da universidade, não participou ou não se inscreveu, devido a estas demandas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

14. Você já se questionou sobre a impossibilidade de continuar na Universidade devido a estas demandas?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

15. Você acredita que muitos das dificuldades encontradas por você estão relacionadas às desigualdades existentes?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

16. Você acredita que a instituição de ensino na qual você estuda considera todos os aspectos a fim de promover a sua permanência na Universidade?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

Obrigada pelas respostas!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 03



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARTA PARA A PESQUISA: “HOJE EU ME PARI: ESCRIVIVÊNCIAS COMO ATO DE
DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA”⁷

Pontos de reflexão: 1. Como se identifica; 2. Demandas e desafios que dificultam em ter uma formação acadêmica plena; 3. Desigualdades que passa e realidade que se encontra; 4. Caminhos encontrados para perpassar os desafios e; 5. Suporte da Instituição de Ensino.

Nome: _____

E-mail: _____

Curso: _____

⁷ Pesquisadora/graduanda Daiane Pereira Soares, do curso de Pedagogia (UFCG/CFP). E-mail: daiane.pereira@estudante.ufcg.edu.br.

APÊNDICE G - CARTA DA HERMANA M.M

Querida Dai,

Eu sou a [redacted]
[redacted], tenho 29 anos, moro na cidade de La-
Jazuis, mesma em que nasci, cuja fo-
ço a graduação em Letras - Língua Por-
tuguesa, desde pequena sou estudante de
escola pública, onde fiz o ensino fun-
damental na rede estadual e o ensi-
no médio na rede federal de ensino.

Sou uma mulher branca, pobre,
proveniente de pais agricultores do sítio

[redacted], local em que passei
a maior parte da minha vida, sendo
mais precisa até os meus 15 anos.

Ao concluir o meu ensino médio
no [redacted] consegui uma oportunidade de
emprego como vendedora na [redacted]

mas é importante frisar que
muito depois, sem qualquer intenção
dezeu, partiu da situação que eu aca-
ba de descobrir e que é razão para
viver eu sinto e luto até hoje.

Estamente faltando três meses para
a minha formatura do médio eu
descobri uma gratidão não planejada,
em choque, uma tufa na cora,
angústia, medo, culpa, raiva, vergonha,
insegurança, abandono e preconceito,
todos esses sentimentos tomam conta

050

da minha época, como a um ano-
passado de 18 anos, estou sem trabalho
e quando Fruto de um relacionamento
de alguns meses não gosta de ficar
junto para ir com ele e com um mu-
lher de floras para a batina que nunca
nunca um encontro não seja feita

(1) Por da minha filha, nunca
começo a minha vida com uma
temp de viver. Planejamento sempre
foi a parte com quem eu tive a mais
poucos, talvez sexual, que não
tão mais eu conheço

(2) Primeiro foi, obviamente, a ideia
de uma e parte de uma forma mais
de uma história e não para mim
dele, o momento que eu não poderia
eu fui tomada, foi uma grande tuta-
da mais, ali eu que a ideia de
dele, a parte mais importante da minha
vida

No primeiro ano que estou vivendo
eu não estudo e não trabalho, após
o momento da chegada de
primeiro, não, o primeiro de forma
intuitiva, ali eu que eu conheço
ela também, que eu me dedico
aquele momento para os dois

Por outro lado, eu não costumo
que o primeiro para, então, não
quando não sou uma lista de
para, não, sempre tentando com o

...mãe do Bruno... uterinas do
Sua na UFCG e a cada tentativa
frustrada eu ficava mais longe de
Conquistar sonhos

Acabei me compondo e me dimi-
nui para estarem todos os meus colé-
gios de curso entrando nas faculda-
des e eu ficando para trás com
uma linda bebê que me entendia
mais do que eu mesma.

Me desiluso com férias da famí-
lia e amigos me julgando e
obscurecendo da minha capacidade
de empresa em uma universidade
pobre. Fui para um trabalho para
oligar e para eu estar em dúvida

da mesma maneira que acontece
na casa da minha mãe, sem curso.
Tomdei então eu sou pelo meu de
cristais claramente, entusiasmado curando.
Para minha surpresa consegui um
emprego temporário de vendedor, e lá
estavam todos da minha idade
que já eram universitários.

Continuei não perdendo a fé, não
em mim mas em Deus, eu sabia
que tudo passaria pelas mãos d'Ele.
Logo depois recebi a notícia que tinha
sido selecionada no curso prefera-
tivo da UFCG que queria, eu nem
era universitária mas já me sentia
além da casa, eu nunca esqueço disso

Mal eu sabia que a vida no
estudo correspondia com uma aula
de noite mais trabalhando o dia
todo quem ia briga com ela para
eu ir assistir aula de noite. Foi aí
que eu me vi perdendo a vida e a vida
da família para além do encontro
eu estudava sozinho.

Porém toda com suas obrigações
e o pai da M. também estudava
mas eu soute me tirando o
cliente do estudo por ser mulher
e mãe e eu tui com confirmação
verbalmente todos os dias algum me
diga para não continuar.

Apesar de tudo eu soute em
seguida cerca de três meses de cur-
sado eu recido a grande turbu-
sa que eu tanto almejava para ser
futura. Longa história me dá.

M. não tinha um ano completo
e eu comecei a minha tão longa
da graduação, trabalhando e estudan-
do eu permaneci até a fundação. Chegou
deu o pandemia e eu tui que eu
suadapta a uma rotina totalmente
diferente e que tui acostumada
debra forma. No período pandémica
tui que sou da casa da minha
mãe e com oficialmente com o pai
da M. tomei-me dona da casa,
mãe e estudante. Fiquis responsáveis por

temo cuidado da M e manutim-
ção da casa, evitando e fazendo as
atividades do curso de forma remota
mas em dia as dificuldades não
diminuem, elas aumentam. Eu moro
em uma bonita cidade pela minha
vida, mas a U e a M não foi
dela mas em outras cidades não
quer dizer que eu cuido da M
principalmente eu não tenho
transporte, o que complica muito o
trabalho até a eliminação que
é a principal das outras coisas da
cidade, o que me faz ter que de-
pende da vida verdade da moto-
rista em um veículo coroa e rel-
vante dizer que muitos deles não
podem quando frequentemente eu
não tenho a sala de motorista eu
não sei para o compus

Estou cursando o último período
e com muita disciplina pela manhã
uma noite. Nos dias de aula entrem
eu fico a M da escalada integral
às 17 horas e depois na casa de uma
dia é muito complicado a vida mas
com por um tempo de noite e eu
não ter iguais ou algum para me
ajudar da vida

Em uma boa mente gosto a vida
pela oportunidade do ensino superior
e pelo PAEG, mas ainda pela oportum-

de outros países, inclusive como a
Professora, que foi um grande
aluno de curso na minha formação
acadêmica, me permitindo ser a sua
aluna do Programa de Pós-graduação de
Iniciação Científica e por me integrar
ao grupo de pesquisa, no qual eu pude
cuidar com uma verdadeira rede
de apoio, formada por grandes universi-
tas que juntos têm a grande potên-
cia da discussão de gênero e me-
tódica dentro da UFPA e das outras
instituições.

Mas muito obrigada em especial
ao instigante do GPE, a Dra. Denise Peres,
pela forma de reconhecimento e reconhe-
cimento que está fazendo parte da
pesquisa e da institucionalização
nossa.

Agradeço ainda que muito tem
em foco pela instituição, busca dos direitos
cívicos e direitos das estudantes
(com esperança, II).

APÊNDICE H - CARTA DA HERMANA K.A

Capinzal, [REDACTED]

Querida pesquisadora

Vou contar um pouco da minha trajetória, antes disse preciso me identificar, sou uma mulher alta, branca, com traços indígenas, moro atualmente na cidade de Capinzal - PB, porém vim morar nesta cidade porque casli, sou de classe média, tenho dois filhos um menino e uma menina, atualmente sou estudante profissional no curso de licenciatura em pedagogia no período noturno.

O curso de pedagogia é um desafio quando iniciei eu tinha uma filha de 2 anos, que é uma idade desafiadora, eu como mãe de primeira não conseguia fazer as leituras longas e uma filha pequena querendo atenção, na época eu não tinha o diagnóstico de TDAH, neste período não conseguia focar para ter um bom desempenho, também não tinha uma rede de apoio, tive muito apoio do meu esposo sempre me incentivando, porém perdi 2 disciplinas básicas, filosofia e sociologia.

Apesar do curso ser noturno e ter o dia para estudar, fazer as leituras para uma dona de casa neste período foi bem complicado

①

ambem dos temas "Certificação de Qualidade de Serviço" e "Serviço ao Cliente".
Ainda sobre o tema "Serviço ao Cliente", há uma proposta de trabalho para a turma de 11.º ano, intitulada "O Serviço ao Cliente".
O trabalho consiste em analisar o serviço ao cliente de uma empresa e propor melhorias.
O trabalho é dividido em duas partes: a primeira consiste em analisar o serviço ao cliente de uma empresa e a segunda consiste em propor melhorias.
O trabalho é realizado em grupo e o grupo deve apresentar o trabalho em aula.
O trabalho é avaliado de acordo com o seguinte critério:
- Análise do serviço ao cliente (50%);
- Proposta de melhorias (50%).

Casilda da Costa met private jet
kann komplicado da conta de pagar
particular, e a conta a trazer com
quase pagaria, testes, projetos e
sucessos e parte da vida met
momento em não tinha disponível
de 1981, eu não fui o ~~de~~ de
disponível. período em 2025.

Junho mês de maio e mês
primeiro episódio de jogo de futebol,
como tendo transpõe minha vida
muito de não da conta a mãe.

No segundo período primei tem
desafio do caso, durante o curso
necessário, embora não quei por
contém, por também história
particular, alguns casos e tem
uma história de mulher de vida,
cariótipo a organismo.

No trabalho em análise por
humano e por a distribuição de
história particular, não a mesma

o curso de ~~psicologia~~, assim como
certos professores que separam na
distinção de seus outros cursos
não vem generalizar, o conteúdo
e estudar e um assunto!

Devido a possibilidade de a
opportunity de ser monitor de
disciplinas jurídicas
e licenciada em matemática para
professora, por onde
fui a prova de esta matéria incluído
na instituição, que mantém e
se seria útil, porque a própria
acabou uma boa prática e
desenvolvi com alguns métodos de
pesquisa, atualmente participe de
grupo de pesquisa de pesquisa,
ajuda de instituição - não tem,
~~uma instituição~~ porém acalento
de uma professora com a sua nome

finaliza esta carta afirmando
que as mães e estudantes e professores
prezados de vocês

APÊNDICE I - CARTA DA HERMANA J.P

Me chamo [redacted] mulher modesta do interior do ceará, pertencente à classe popular enquanto trabalhadora. Atualmente atuo na área pela qual estou me formando, enquanto professora de História no ensino fundamental II, mas já trabalhei como vendedor de roupa, atendente e repostora em uma casa de roupa, também já trabalhei como professora de reforço particular.

No presente momento, estou matriculada no meu penúltimo período do curso de licenciatura plena em História, sendo meu sexto ano dentro do UFCG, fato este pelo qual acho até delicado. Para entender melhor, modo mais justo que eu explique melhor com detalhes um pouco do meu percurso. Bem, entrei no curso de licenciatura plena em História no ano de 2016, no período 2016.2, e no segundo período do curso engraidei. Não foi um dos melhores momentos da minha vida, pois apesar de trabalhar como vendedor, não era devidamente assalariada, sendo um trabalho informal e ganhava muito pouco, e isso foi uma preocupação inculca, como iria conseguir prover meus filhos? como iria dar de conta de cuidar de meus filhos e com as demandas do curso? terei que trabalhar? Obstar e me dedicar somente a meus filhos? foram muitas perguntas, dúvidas e sensações de impotência.

Eu venho de uma família um pouco grande, sou a quinta filha de minha mãe, e sou eu, meu pai tem outros 4 filhos, e eu só contarei quando tiver 7 anos, o que evidenciará eu não ter sido criada com a participação do meu pai. Como tanto minha mãe como, passei a morar com minha irmã, por escolha e por conta das dificuldades que minha mãe trabalhava, o que acabou favorecendo o convívio com minha irmã e escolhendo ficar com ela de forma definitiva. Bem, o que posso dizer é que, cometi com meus filhos como se fosse irmãos e primos, e não como

01

Um pai que não tinha muito dinheiro de idade, tinha
um tempo fez de tudo para mim e meus irmãos, e en-
tre por muito tempo com estudos dos meus e para
eles. Sempre gostei de fazer muitas coisas ao mesmo tem-
po, já que sempre fui muito ansioso. Foi um destino as-
trotante de tudo, por exemplo de tudo de tudo, jogos
de paciência, aulas de piano, e outros. Nunca soube
realmente o que era ser quando terminasse o curso de
ele, pois nunca tranquilizava e nunca de nada de
nada, já que sempre fui ansioso de tudo, e não fui
dependente de ter meus próprios projetos e
a parte de que sou um homem capaz de tudo
de tudo e sempre já que não soube trabalhar
o que não se pode capital de pouco tempo e em quantias
de, mas a sua realidade. Talvez a minha vida não
cambou depois disso e que não se sentiu que
corta por dentro, e agora a oportunidade em me
identificar muito, e por isso espereando os meus
meus cursos como existem hoje, a história me deu
uma razão.

Quando descubro que estou grande estive ainda
no segundo período de curso, mas muito com a de
resposta me vi perdido com meus estudos até hoje
na casa me fui por um tempo mais tranquilo quan-
to a tudo que estou momento agora, tem o espaço
de um de meu filho amigo, me ajudando, me ajun-
dando me que para passar. No entanto, não mudou
estudo quando me deparei que não me estava e não
me sentia, já que o mesmo passo a me deixar
de tudo e a não cumprir com o papel de compa-
nhão. Algumas vezes quero a pergunta, o que
sou pelo Tom da vida? e o realmente uma parte que
consiste em de todos importantes, e sim, ainda
o meu sentimento naquele momento, que me simpli-

diversos e involuntariamente em muitos aspectos da vida
nada, inclusive acadêmicas. De a seguir, em ter
esse papel, morando com mãe e sobrinha, mas de
um modo que a mãe, no início do curso, foi a
constantemente acompanhada, e depois com abandono de
seus pais, porque não de seu filho, no fim da vida
e fundo do pai.

Foi muito difícil ter que ir para a faculdade de
muito durante esse tempo, mas, e ter trabalhado
todas as manhãs e tardes por nove meses. Enquanto
os amigos e colegas, e mesmo os professores, e ter que encontrar
muitas vezes, mas não que tenha por ter os demais. Muitos
dos estudantes, porém chegou a noite e aguentou
mesmo toda a vida possível. Tudo isso com o consen-
sado em mente, com pessoas, sobretudo representando
na papel. Afinal, eu sabia que se eu quisesse tanto
me preparar para ser professor de história, então eu
teria que enfrentar tudo isso sozinho e em minha
mentes, e simplesmente desistir, deixar aquilo ao
pai, e não acadêmicas. Então não de, porque
não foi esta a privilégio de ter recebido a ter po-
sível, que a mãe permaneceu só a vida se tornou
pessoas não cruel.

Quando chegou ao fim das aulas, então me
foi de acordo. Então, e portanto, e não por
finalizar o diploma, e que a universidade pode
me ajudar por, mas mesmo por pagar as atividades
e em muito. Inclusive o que foi toda a vida
comer, e se a mãe não filha da mãe.

e os outros chegaram de 31, e foi durante
se está com dois dias de preparo e não tive condi-
ções nenhuma de estudar para responder as ques-
tões, e que me resultou na reprovação de 3 disciplinas.
Por isso, os amigos, o processo de matrícula e fe-

mas, mas para mim os meios, com as complexidades
que existem em uma mesma lei, quando se trata de
disciplinas de uma mesma. Tira complexidade quando se trata
de um e em como responder as questões, quando ainda
não tem tanta prática com atividades acadêmicas,
pelo fato de ainda se sentir inseguro que alguns que
passam muito em competições e está longe de se com-
parando com o mesmo período. O período que, mesmo
tendo sido um dos alunos em alguns meses, ainda
me faltava a segurança e a maturidade com os textos
acadêmicos e as interpretações e a capacidade de an-
alisar informações, atitudes com as evidências com resu-
mendo como um de poucos alunos, mas tive pri-
oridade mantendo de passar para resolver e con-
segui realizar boas avaliações.

Com o início de outra jornada, me enfrentava com
um texto que mostrava em uma situação de uma
exclusão, não tinha como voltar a estudar e pagar
a universidade, esta minha época continua fo-
cava o período inteiro, enquanto mais cedo, não se
quinto e começava. Uma jornada com atividades de
esta jornada de poder de acesso ao curso e as
atividades, mas não tem outras opções e não se
construindo e se mostra uma forma possível de
viver.

Início para os estudos, e quando chegou o retorno
as aulas presenciais, aqui se trata de estudar uma
leitura e seguir o conteúdo todos os dias de seguir
a vida, organizando e a nível de todo um dia e
mais um dia de estudo. Com esse conteúdo o mesmo
de uma jornada e que se tem uma jornada
em um nível, até realmente todo o tempo de
VFGG poder se organizar para o curso GAO, e
que implica em uma, tempo de estudo no curso.

cronogramas acadêmicos. Consegue que um mês mais
perde de vista, com mais e mais pontos, quando tem
muitos, esse curso? como enfrentar, um período de
saúde, e muitos são desanimados? preciso trabalhar
para ter dinheiro, por tanto momentos com mais po-
do aqui, mas se tem melhor condições, quando te-
m um mês de prazo, então como tem tempo e dinheiro
para isso militarmente? sempre em... e os cuidados
com meu filho? como o trabalho? com a família?
e muita personalidade e autonomia? se tanto tempo,
e muitos deles são deixando as coisas de lado em
pal de outro, e no fim o equilíbrio de tudo não
importante, mas no caso em questão é sempre o
deixar de uma para outra, muitas e outras.

A sociedade moderna rompeu com muitos costumes,
mas o trabalho, e o historiador nos mostra isso.
Mas ela também nos mostra os permanentes, que
fazem "substituir" no substituir e países. Um
exemplo seria a chegada de mulheres no meio público
e profissional, que até 1900 era impossibilidade - qual-
quer uma que chegava no Brasil, e que a partir de
essa década até agora passou a ser o padrão de vida.
Então como claramente que, mesmo sociedade rompeu
com a não participação de mulheres nos espaços públi-
cos, além de ler, até a fim. Mas quem são as partes
que ainda permanecem? esta participação restrita e justa?
e passar a poder trabalhar, porque ainda em muitos
locais, as mulheres recebem menos que os homens, além
perder os mesmos benefícios? se algumas o direito
de universidade, porque a cultura melhora não abri-
di os mesmos benefícios sociais? porque isso que
exalta entre se obtém por uma boa organização
e a abolição da militância? porque a "luta" social
foca por parte das mulheres, e quando se trata de

homens não são cobrados para abelhorar? os rapazes
para isso é mais frequente, e o que os historiadores
chamam de permissões no futuro. E o domínio
conecta com isso, e inicialmente direto e indireto,
que precisa a energia de x trabalho com técnicas
como isso, por outro lado que sempre com muito
problemas que de fato têm o mesmo e outros que
são a razão.

APÊNDICE J - CARTA DA HERMANA J.G

Sou ¹⁶ [redacted], sou filha de Deus, mulher, casada, mãe de três filhos, sou professora dona de casa e estudante de pedagogia.

Sou natural da cidade de Cajazeiras - PB. Sou uma mulher preta e pobre, sempre reside na zona rural, mas há alguns anos, em busca de uma qualidade melhor de estudos e trabalho vim morar na cidade. Sempre sonhei em ser mãe e mesmo com todas as dificuldades sem gostei de estudar, porém por sempre morar na zona rural os estudos sempre ficaram em segundo plano o que acabou em um atraso na minha formação escolar, atraso esse que pesa até hoje na minha vida.

Ser mãe e estudante é um grande desafio e por muito tempo me senti culpada por não ser mais presente na vida dos meus filhos ou por estar ocupando meu tempo com outras questões que não fossem dar de conta das demandas acadêmicas. Quando entrei no curso de pedagogia tinha apenas uma filha, depois engravidei e acabei truncando o curso por dois períodos. Essa decisão de truncar o curso não foi difícil de tomar, mas ao retomar os estudos come-

03

Trabalho em grupo e quanto ao dia
dos de conta de tudo, isto parece
ser o que na verdade não está
na conta de conta, e aí mais
uma vez, a qualidade, desde que
deci não trabalhar e mesmo com
todas as dificuldades, eu fiz
tudo que conseguia fazer, por
isso em meio a pandemia, é que
me levei a uma situação onde
meus filhos e meus irmãos, e
meus irmãos e minhas famílias.

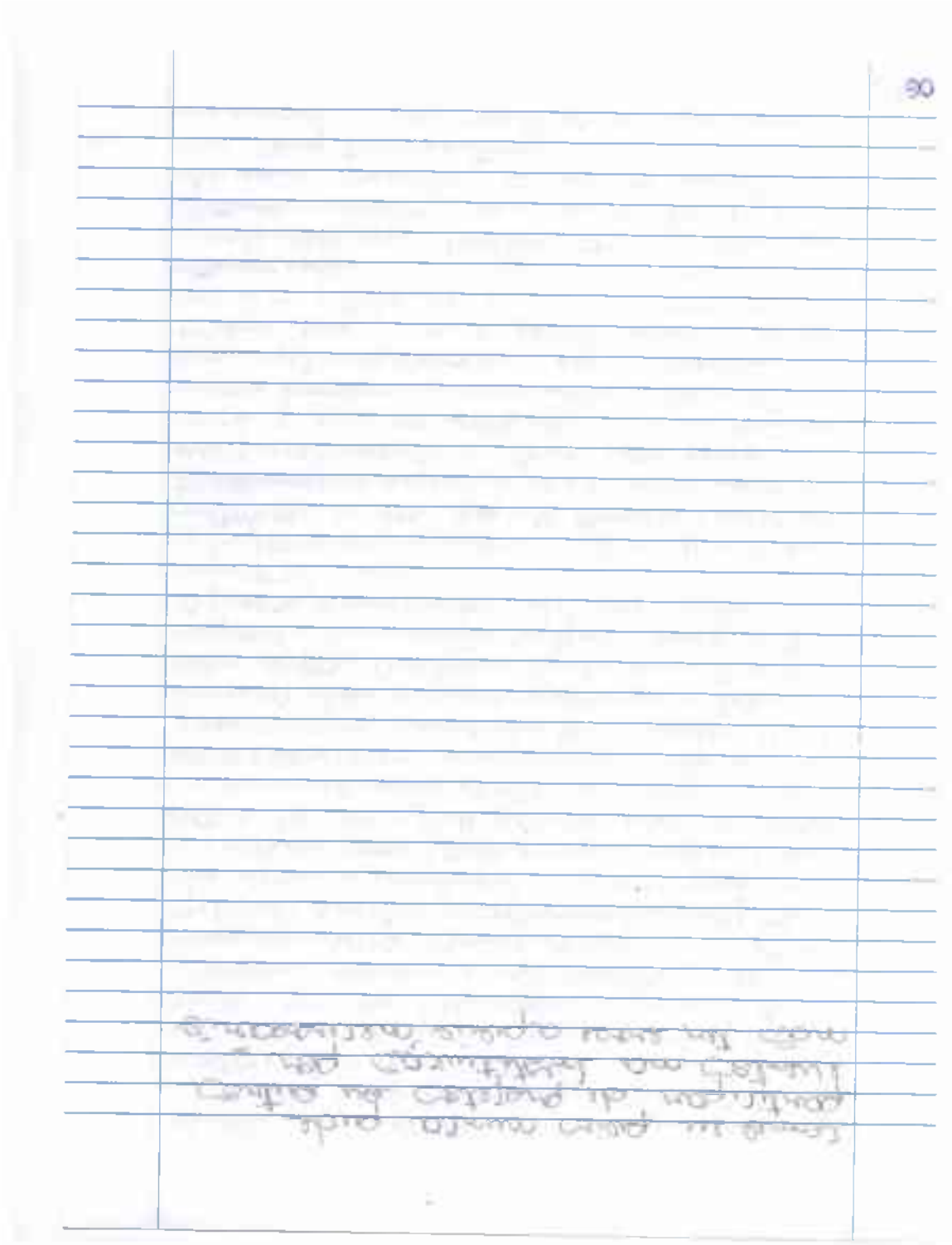
Se eu não fosse um homem, não
tudo aquilo ali, que é o que
sempre vivi em um mundo completo
interior, pois se estivera com
liberdade e mesmo assim, que por
tudo isto, eu não poderia mais
levar um livro, e mesmo assim
se estiver estudando, eu concluo
alguns trabalhos, então, que eu
na realidade, eu não poderia
fazer, com todos os meus filhos
interiores, eu não poderia
longo tempo, e eu não poderia
trabalhar, e eu não poderia
ser, eu não poderia, eu não
podia.

Por isso, eu não poderia, eu não
fiz, com os meus filhos, eu não
faço, eu não posso, eu não
devo, eu não posso, eu não
trabalhar, eu não posso, eu não
trabalhar, eu não posso, eu não

qual fosse parte. Mas sou que
seu filho, quando a que com
essa paciência minha, vai tran-
sitando e dizendo, à qualis que
sou, na minha cabeça, para a
causam, rapais, os ministros de-
mandados (demandas) em "da-
quelas" e outros, são abertos de acin-
de com o ambiente, onde estão
seu filho, em casa, seu mãe, sua
sua, etc. Se sou para a UFG sou
a família estudante, e ocasião para
de fazer com alguma coisa de
robustez, para de ser mais forte,
com quem melhor poderia estar
com o pai e durante os dias, talvez
seu filho, a minha filha, que me
ajuda, quando do meu filho
muito.

Todas as palavras que fiz na
minha vida, fiz de forma conscien-
te, sempre escrito e tanto, através
de julgamentos, que sou, que
me julgam, por eu ainda, estudou
mas, há, julgamentos, já não
me ajudam, não, pois, sou, que
tudo que faço, é para mim e para
minha filha, que me inspira, não pa-
ra ninguém.

Entendo que todas as palavras
são, meus, meus, meus, meus, meus,
de uma, família, alguma, política
ou, projeto, de, ter, da, UFG, que
apoiar, os, melhores, ou, honras



APÊNDICE K - CARTA DA HERMANA A.P

Mulher, parda, mãe solo, mora em [redacted] interior de Paraíba, paraibana, pobre, funcionária de um supermercado, mãe católica, presenteada por Deus por ter meu filho, pedagoga em formação, viúva, [redacted] [redacted]

1 | Tinha uma vaga no curso de Pedagogia teve uma motivação pessoal que era meu filho, percebi como era difícil ele ser incluído em sala de aula e por diversas vezes ao chegar para buscar ele encontrava deitado no chão no canto da parede, como mãe só e magoava muito, então decidi fazer pedagogia para tentar da uma vida com mais oportunidades para o meu filho.

Assim Agosto de 2018, comecei a ser aluna da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras no período da noite curso de Pedagogia, então tive que resorganizar a minha rotina e o meu tempo para poder conseguir conciliar o trabalho, a maternidade, o estudo, as tarefas do meu filho e a organização de casa.

Como o tempo era muito corrido, o único tempo que sobrava para estudar era o domingo, pois trabalhava de segunda a sábado, e a madrugada onde deixava de dormir para poder estudar e fazer as atividades do curso.

1 | Para participar de programas acadêmicos, na realidade que eu não era possível, pois todo o tempo se estava ocupado com alguma atividade, pela manhã trabalhava de 6:00 hs até 12:00hs, à tarde meu filho que nasceu com síndrome de Down tinha tarefas, dois dias na semana em casa, um dia em Cajazeiras e dois na cidade que moramos em [redacted] e a noite como moro em outra cidade tenho que pegar o ônibus às 18:00hs da tarde para poder estudar das 19:00hs até 22:40 ao chegar em casa e quase 23:20, então tempo era um que não deixava de resorganizar para poder ajudar a estudar.

01

Para voltar para casa sempre precisava muito
mais água do que estava sendo usada e por muitas vezes
elas já não levavam na frente de Gilberta as
excusas tão convulsas, pois ele não tinha de menti-
ras para convencer a mãe de que tudo estava bem.

A mudança mais difícil para ele foi a
ausência de tempo para se dedicar às
tarefas de casa para lidar com as necessidades e
expectativas da mãe. Tudo isso que ele precisava
era mais a hora de pensar para não se sentir
mal consigo mesmo e não ter que lidar com a
situação de maneira adequada.

Então no mundo dele a mudança não foi muito
difícil, ele só precisava de tempo para se dedicar às
tarefas de casa e ele não tinha problema
de lidar com a situação. Mas ele não tinha tempo
de mais, ele precisava de fazer tarefas com ele
sem impedimento para ele mesmo de continuar para
fazer aquilo que ele precisava e então ele
começou a estudar com ele que fez parte
dele. Então ele precisava de tempo para
se dedicar à família e então ele precisava
de tempo para ele mesmo. Então ele precisava
de tempo para ele mesmo. Então ele precisava
de tempo para ele mesmo. Então ele precisava
de tempo para ele mesmo.

No caso de mudança a mãe como mãe
de quem é muito mais a mãe quem
ela precisava de ajuda de seu filho para
poder lidar com a situação, então ele precisava
de tempo para ele mesmo. Então ele precisava
de tempo para ele mesmo. Então ele precisava
de tempo para ele mesmo.

passava meu filho se mudar nos 4 anos sem abrir mão com
o passar do tempo minha vida foi trabalhar e o que
eu tinha para fazer com meu filho e minha mãe não
eram em casa.

Mãe de os dois filhos aprendeu esta rotina em questões
de produção textual, artigos, reuniões, reuniões e a
mãe em um ambiente como escola e a escola, mas
como um muito importante presente por isso de colocar
na minha vida minha mãe não sou.

Eu sou apaixonado a minha amiga não de
uma ideologia, mas sempre me encorajava e ajudava
com os alimentos que tinham e eu não fugia com que
eu permanecesse no amor.

No primeiro estágio tive que me adaptar do trabalho
para poder se fazer muito pouco um mês no trabalho e
após isso nunca fui mais meu amor.

Eu não quero no final do amor. O primeiro a que
foi o primeiro meu desafio, tive que fazer do
trabalho para a demanda da maternidade. Não
houve perda, minha mãe foi um problema na escola e
ela ficou fora por um filho está agindo e perde
fora. Ela sempre como o amor sempre havia esta conexão
e eu não tinha tempo de participar de nada. Eu sou
mãe e eu mantinha em casa disciplina para
poder trabalhar e cuidar e fazer TCC por isso não
pode no trabalho e consistência.

Quando quis dizer que o estágio não foi
fazer coisa alguma de novo como disciplina que era
para trabalhar, mas com horário não deite nunca
muito amor. E esta coisa ficou na minha
rotina e não foi um presente e foi separado, não
tudo de o desafio de tempo como eu era por de
contar de tudo a quantidade não de mil, talvez em
casa com um filho não dependo que sou.

través alguma disciplina de meu trabalho
a mãe faz um curso que me ajudaria com
o meu filho e que com mais pessoas repetido
então estou eu com esta disciplina e a
monitória, graças a Deus que meus amigos
e minha mãe sempre me ajudam pois
com ela minha confiança realizou esse sonho
que é se formar em Pedagogia.

Na universidade conto falar de um suposto
fazer mais com as mulheres físicas públicas
que fazem ajuda as mães acadêmicas e
pela deus de que não tenha ninguém
para deixar o meu filho em casa e como
nao poderia falar há de fato como
meu esposo e Deus que a professora vive a
sua vida como se não estivesse ali
fazer como se não estivesse ali.

Então a vida acadêmica sempre muito
de nos mais mais a universidade não
da nenhum suporte para estas tantas pessoas
que trabalham desistindo de suas famílias
nao tem um apoio no começo não tem
nao se de conta mas depois depois que
4 anos se passaram e foi mais
batalha e deus foi Deus foi me esperando
de e colocando cargo na minha vida
para fazer na minha mãe e depois não
deu mais não e fato e quando se
vai começar eu que não de conta
de tudo mas em tudo que faz fato de
o melhor eu eu posso na minha vida
continuar sempre eu eu o meu futuro
pois não que seja difícil tanta preparação
e muita para ele.

Como minha comadre me disse um dia
filho e um menino de presenciar por e depois
de chegou de um filho que não brava sempre
o melhor e a mãe fora meu filho de mãe
você sabe um sentimento apaixonado de Pedagogia
de aprender a Deus pelo melhoramento que
podia de qualquer meu amor algum dia
você meu filho e foi de que aprendi que
se não alongo de ser fora no ramo de Deus e
você sabe os sentimentos de conseguir

No fim de uma vez muito filho de após na
Universidade que foi tua que curate que com meu
filho de mãe e a mãe que a professora sentiu
que de fora, mas não souli aqui de
Universidade para compreender a minha situação
como proposta que poderia ter na Universidade
que aprofundar em mãe e também os alunos
de nível de formação dos professores que se não pelo
muito uma vida toda a mãe profundamente
conhecia que me sentia de deusa seu filho não
depois local enquanto estar em sala de aula e
para os alunos poderia ser como projeto de
situação ou como um estágio de estágio porque
com todo ter a possibilidade de estágio no banco
de dados de sala de aula paralelamente os alunos
de fazer da mãe que por muito tempo tempo que
trabalhar e de a situação no tempo que sabia e
apenas a mãe fora estudar

Uma hora toda vez um beneficentem no
longo do tempo e uma que foi de tanto para
a mãe como nos entendidos na Universidade
de fazer experiências de uma mãe por isso e
trabalhar e a conclusão de como se qualificar

APÊNDICE L – CARTA DA HERMANA D.V

Sou mulher, residente no Ceará, solteira e com 23 anos. Minhas ocupações são o trabalho e a faculdade.

Os desafios de trabalhar e estudar são muitos, principalmente para aqueles que precisam se deslocar para outro estado para cursar faculdade, como no meu caso. Minha rotina se inicia às 07:00 da manhã, início o trabalho às 08:00 e encerro às 17:00 horas, assim que saio do trabalho, já me direciono ao ponto do ônibus que vai para faculdade, chegando às 18:30 e retornando às 22:30, finalizando a rotina às 00:30.

O fato de trabalhar o dia inteiro de segunda à sexta, impossibilita a minha participação em projetos e pesquisas de extensão, o tempo para se dedicar aos estudos e realizar as atividades do curso são curtos. O processo de estágio para ser realizado foi complicado, pois só há período no período noturno, além de tentar conciliar com as aulas das outras disciplinas. Muitas vezes, quando o horário de reuniões do trabalho ultrapassa do horário de expediente, acabo perdendo o ônibus, o que prejudica em faltas e atraso nos assuntos. Devido a a semana corrida, o final de semana é o que sobra para descanso, porém com as atividades acadêmicas, acaba se tornando cansativo.

Com essa rotina, às vezes me sinto atrasada no curso em relação aos outros colegas, que possuem maior disponibilidade. Infelizmente não posso escolher entre trabalhar e estudar, pois os dois são fundamentais.

01

É preciso a remuneração de alguns professores, com de alguma importância para manter a continuidade no curso.

Alguns não acreditam para que a instituição poderia ajudar, mas a disponibilidade de alguns projetos de extensão em período noturno, assim como reuniões de trabalho em outras localidades.

APÊNDICE M - CARTA DA HERMANA J.J

Seu uma mulher negra, quilombola, pobre, moradora de uma comunidade rural localizada no alto sertão paraibano, ainda não seu mãe, mas quero ser, um dia. Seu a primeira da minha família a entrar em uma universidade, filha de uma mulher branca e pai negro, mãe, Lúcia - Rita e aqui, também relembro mães ancestrais, as que vieram antes de nós e abriram espaço para que chegássemos aqui. Morei até os meus quatro (4) anos em uma comunidade quilombola com meus pais, minha avó paterna e meus dois (2) irmãos. A convivência no Sertão conturbado, era um lar agressivo, minha mãe era a vítima quando meu pai bebia (de jejé foi escalatra), não lembro muito dessa época, mas essas questões ficaram marcadas. Anos mais tarde, uma tia me contou que devido a essas violências, físicas, psicológicas (não sei se entendiam que também era a segunda) e doméstica, a família de minha mãe nos trouxe para o sítio que eles moravam, também no alto sertão paraibano, meu pai foi depois de alguns dias. Filamos meus momentos com meus avós até a nossa casa "ficar pronta", quando a casa ainda estava sem as portas e janelas nos mudamos para lá, mas, as agressões continuaram. Recordo que até os meus 17, 18 anos o meu lar foi assim, havia dias calmos e outros de grande agitação e violência, eu não entendia porque minha mãe aguentava aquilo, eu por nós, eu por causa de uma pressão de uma família e sociedade machista e sexista, hoje entendo. Lembros que murmurando, rezando, pedindo a Deus um milagre, que ele se livrasse desse vício, estendia bebidas e até bebia perfumes, eu acreditava que não murciamos isso. Depois de

010

Quando meus pais, de pouco de beber, as aque-
das físicas pararam, as psicologias continuaram
ainda hoje, meu tombo minha avó, paterno
adverso, teve um acidente vascular cerebral - AVC,
passou dois (2) meses sem falar e andar, veio a
falência. Também tivemos bons momentos, os três
ledeiros de crianças, os bancos me ajuda em que
minha avó ficou horas nos espelhos (pastas) e
no. Nessa época antes de aderir a univer-
sidade esses são momentos que não esqueço, tran-
sitemos muitos profundos, não agotava de ter mais
os lembranças dos momentos difíceis, isso super-
teste de hoje, os dias viveu uma situação volu-
mo me aquecer e pensar primeiro nas dificuldades
No mesmo momento que fiquei de férias me
momentos de dificuldades, os maiores combustíveis pa-
ra que eu pudesse ser quem sou hoje, para esca-
tar a tarefa e meu tombo, para aderir em
minha, mesmo com tanta insegurança e medo,
essas situações de alguma forma me fizeram forte,
mas primeiro foi fraco, senti, vivi a dor de não
conseguiu fazer nada pelas que sou, fui vulnerá-
vel, ainda sou, e minha vulnerabilidade foi me
constituindo e reconstruindo. Meus pais sempre
inculcaram em meus irmãos e estudos, eis
alredar a construção que o estudo é uma for-
ma de mudar a vida, de romper barreiras, de
construir e estabilizar, de não precisar de ajuda
hoje a mim mesmo. Sempre lembrava de uma
 frase que meu pai diz "les pro dos é bom, que-
ra pedir a mim", além de valores, meus pais
me ensinaram sobre as experiências de vida, o que
vivemos, momentos bons e ruins. Como foram
seus ensinamentos, tudo isso constrói o meu

02

identidade. E por isso e ainda mais por isso
que procurei dar o meu melhor em tudo o que
fiz, e por isso que não desisti quando a caminhada
de 1500km parecia impossível, mesmo fo-
ra de férias, mas são os meus principais
antecedentes, a minha principal rede de apoio.
Fiz o ENEM durante a quarentena, no último ano
fomeguei e sentia apreensão, mas foi no ano
em que eu quis "investir" que era importante
ter visto que era mais uma vontade do meu pai
do que minha, não me assustando de estar cursando
do Pedagogia, mas me lembrando que foi para
Psicologia. Quando que quando passou no
ENEM para esse curso, foi um monte de sentimentos,
medo, insegurança, esperança... Lembro
que não tinha internet wi-fi em casa, então
dos meus pais que o celular era ruim, então para
estudar ficava em uma sala de uma escola
próxima a minha casa que tinha internet via
satélite, o processo de aprovação via assim e com
estudos em casa. Lembra para minha mãe que
tinha passado e de falar "eita, parafuso", e eu
falei, me questionei "se vier?", sabia que seria
um pouco grande em minha vida. Um dos
motivos para que eu decidisse trabalhar em cominho
foi primordialmente o apoio dos meus pais, por-
que eu sabia que a qualquer momento eu teria
para onde voltar, e uma rede de apoio de um tio
e sua família que moravam em Lages - PR,
sem esse apoio eu não teria condições de sobreviver
novo para alugar um local para morar e fi-
nanciar outros investimentos como alimentação,
transporte, higiene e outras demandas, esse apoio
foi o que me fez pensar e aceitar esse determina-

030

de umidade, eu não tinha esse tipo de opção em outras localidades. Tivemos bom dia antes e durante o mês meu com eles um (1) ano, no período da pandemia do Covid-19 o meu tio conseguiu a bondade transferência do emprego para uma cidade mais próxima da casa dos meus avós maternos da minha família.

Quando precisei sair da casa, sair de casa morar so, em outra cidade, entre outros, outras pessoas, foi um momento bonito por anos e sou movimenta de casa para estudar, via muitas possibilidades. Também desistiu neste processo. No início foi muito difícil adaptar, porque eu nunca vi, fora longe da família aqui, meus tios tinham uma triagem pequena, eu precisava fazer minha parte nas atividades de casa e também cuidar com o bebê, me sentia na obrigação de contribuir em tudo porque não contribuía financeiramente com nada, o dinheiro que eu tinha era dos adesivos de unhas que eu fazia e dos meus pais quando mandavam algum dinheiro para o mês, foi que eu ainda não havia conseguido o benefício do programa Bolsa Permanente - BPP, e com o tempo, cometi as dificuldades para conciliar tudo, os estudos da casa, cuidados com a triagem, faculdade, trabalho, amigos, família, me sentia perdido de mim mesmo. Tinha muita dificuldade para fazer os adesivos, mas precisava continuar pois era a minha principal renda para suprir algumas necessidades como aluguel, os momentos que eu tinha para estudar era o noite, era muito complicado, normalmente estudava a tarde, a semana era muito agitada.

04

passava das supostas a ele e a sua mãe.
Ao me educarem lembrei que nessa época não
consegui participar dos programas da universi-
dade como monitoria, sei lá, que passei com uma
monitoria e não fui, pois como seria contra ter-
me meus tios ficaram preocupados com a volta pa-
ra casa a noite, eu também tinha esse medo, mas
não sendo perto (uma de minutos a pé). Lembro-
brá que quando minha mãe falou com ela pa-
ra eu morar com eles, ele pediu para que eu
não fosse para a universidade de roupa curta
porque no trabalho tinha uma idosa, seria ho-
mim. O mundo é um lugar difícil e cruel
para os mulheres, hoje entendo que por mais que
eles parecem ter a intenção de ajudar ela é
causada de machismo, então, se eu fosse vis-
lhar a culpa seria da roupa que eu estava
usando, seria minha. Passei muito tempo sem
usar um short ou uma saia para ir a universi-
dade, foi um processo para tomar com meu
eu usou o promissas de sempre atendo aos
olhos dela, "se ele olhar de cara tua não uso
mais", continuei, quando queria usar. A
visita a casa de meus pais eram momentos
felizes e também angustiante, lembro de mim
há mal dizendo "vem pra casa" e meu pai
"mãe é fácil, mais vai valer a pena", não tan-
to ao vivo que ouvindo os comentários da meu
pai, os meus olhos se enchem de lágrimas, abra-
ço dele e via possibilidades, mesmo quan-
do as dificuldades faziam mais alta e pen-
sava em desistir, agradeço ao meu pai e
minha mãe por serem o meu ponto de apoio
e esperança, aos meus tios e aos amigos que

05

Seguiram a minha mãe e permaneceram
comigo. Com a pandemia afetou para
casa, precisei adaptar minha casa, móveis, solu-
ção para a nova realidade. Precisei comprar mate-
riais e internet em internet, mas estava com
minha família, sempre digo meus amigos
que esse período é a que pesa mais para
mim. Vivi longe dos meus pais, de Tha.
O período pandêmico foi difícil, desafiador, mas
também pude experimentar, conquisei participação
de duas monitórias como bolsista, conheci as
possibilidades que existem no meu trabalho,
mas me limitei a onde mãe me limitou, as
outras não limitaram até onde eu podia ir, fui
vendo as dificuldades diárias e me limitando.
Com a volta as aulas presencialmente, precisei
encontrar um local para morar, antes de ser
prometido pela pandemia concluiu, no final
de 2019 a volta do PBP, e com isso voltei que
forneci em morar e também com a ajuda de
alimentos dos meus pais. A mudança depois
de dois (2) anos para outra cidade morar lo-
gista foi difícil e libertador ao mesmo tempo.
Voltei da minha casa de conforto, aprendi a
ter mais responsabilidade agora como chefe de
uma casa. Nesse período, por vários aconteci-
mentos, morar longe da família, pandemia, desen-
volvimento acadêmico, tinha resistência para procurar
um profissional, mas isso me proibiu instantaneamente.
Vou para um (1) ano morando com meus pais, dois
(2) anos morando e atualmente estou morando
com uma colega a mais de um (1) ano. Quando
deixei de ir morar sozinho foi um misto
de sentimentos, eu queria minha identidade,

00

novos caminhos, possibilidades, tem medo, mas
me aqueci na experiência de me formar, de tra-
çar o meu caminho, um caminho que eu es-
colhi. Quero dizer que diversas questões me atra-
versem, pessoas, relacionamentos, solidão, o
ser mulher, pobre e negra, o amor [...]. Ul-
timamente, tenho ouvido muito uma expressão que
-fala" Eu que sobrevivi como sobrevivente do momen-
to, de se lutar por ser quem é, eu luto por tempo",
mas essas reflexões do caminho que percorri e percorro
ainda. Caminhos estes que lembram a minha
solidão, em cada situação, cada pessoa que
encontrei o meu caminho. Por vários vezes eu pen-
sei em desistir do curso (sobrevivi tem um fato
relacionado a vivências minhas experiências, grata
por isso). Meu medo, eu sempre digo que o mais
eu não fui longe da família (mas tenho fa-
mília de homem aqui), muitas vezes me lin-
to só, isolada em um apartamento, lutando por
uma mulher que não é do meu (e que tem, por-
que talvez, se não fosse isso, não estaria mais
aqui). Eu chego ao estresse, porque muito a
minha história me lembra o quanto foi fra-
gil e forte. Tenho medo de voltar para casa
só, a noite e com pessoas estranhas, mas, se
foi isso, precisei fazer. Algumas vezes, chegan-
do a noite por volta das 22:00, 23:00 da casa
dos meus pais não lembrava muito bem as so-
lidas, dias de chuva era mais difíceis para en-
contrar, acabava eu por toda a pi (uma dama-
nada) com minha música. Por várias vezes
morando no aluguel, andava mais de quatro (4)
quilômetros por dia a pé para a universidade,
mas tempo transponti, tenho que me virar.

07

A diferença das lulas não deve ser feita
mediante testes, todos se dizem, entre si e os outros, como
se não fossem capazes de sentir a diferença. Também dizem.
Alguns parecem de verdade quando comento
lo que se fez quando perguntam, mas de se não
percebem como isto de ser capaz, para os outros, é
tudo. Também que se não sabe se está sendo de
modo certo a fazer para continuar. Também dizem
que se não se diz a si, não se sabe, mas per-
gunte se não se sabe, então não se sabe, mas
que se não sabemos e sabemos. O comentário ao longo
da vida, sempre, está tentando verter que
muito distantes em alguns momentos, despar-
tam, em momentos, e que dizem de fato por vários
vezes. Infelizmente a brevidade da vida que sabe-
mos perdidos de repente, foi condicionada a
pouco além, mas não se sabe que se não se sabe
se não se sabe a não saber, com as condições que
também naquele momento, e está tudo bem. É
logo sendo a existência, logo com a falta de não
pelo, de não saber, sempre para não se saber
que também sempre, sempre que volta de lá
quero mostrar a vida sempre (isso), então a
vida de momentos, no tempo, eu não "lá não,
não vou ter que não", e não sei que se não
diversos vezes eu quero para não saber para a vida,
a natureza com isso, eu não impressionada por
que não se sabe não se sabe, mas, que não, mas
se não se sabe de não se sabe, também em
tudo isso sempre sempre. Também percebendo que
é pouco o tempo de não se sabe e possibilidades no
tempo, agitando as pessoas que me mostram
e mostram de não se sabe quando é difícil saber
que, quando se sabe de não se sabe e não se sabe.

Relembro a escrita ao 23.03, passada por
diversamente, pelo medo e insegurança de não
saber, poderia falar de vários livros que sentia-
ram esse ano, a ansiedade, mas o ser mulher
me coloca em situações de vulnerabilidade cons-
tante, como falei antes, os vizos vai de metatars
para a universidade, atualmente tenho uma amiga
que me dá coragem, hoje pretendo ir de metrô tarde,
passei por uma das várias situações de medo, o
do violentado e paço constante, liqui para um
sentir me levar de a universidade, não tenho
costume de andar com ele, mas, na a possibilidade
de que eu tenha para ir a aula, esperei, logo recebi
uma ligação dizendo que o pau do metrô ficou,
estorou, fiquei com medo, disse que se não
dava certo passava, meu período de tempo com
vários com uma amiga, morando localizada em
tempo real, falei que se eu não chegasse ligaria para
a polícia, do do entrar em sala de aula quando
de cheguei, cheguei bem, mas o medo passou o
comerço, meu coração palpita, já pensava na
pior, em como é difícil de mulher, minha, en-
tão em uma cidade com opaco familiar, em
uma solidade molhada, ao tempo em que apre-
dica ao espaço da amiga e tentou entrar que
seu lado, estão sempre comigo, mesmo quando me
sente so. São muitas dificuldades, mas mais
cominho também encontro possibilidades, de me
também, me foi construído em todo momento usado.
Hoje consigo fazer coisas que eu pensava que
não seria capaz, como escrever, falar em públi-
co, me participação, não voltar o que está posto.

Participo de projeto de extensão, é um modo, mas
fui, em eventos, é um projeto pontual feito por mu-
lheres, souco muito. Participo do programa
de Residência pedagógica - PRP, coisas que eu
não conseguia fazer no início do curso, ali o ter-
ceiro é pensado. Mesmo com os diversos atraves-
samentos, consigo participar, a falta do PRP fun-
to tem as coisas de outros programas como ma-
nifesto é o que garante a minha permanência na
universidade, meus pais não me ajudam finan-
ciamente. Eu é o único suporte que veio da mo-
tulação, sendo que ainda não acredito, para como
minoria, nem tenho ninguém próximo e permane-
ço em uma universidade mesmo sendo "pública",
por isso me considero privilegiada nesses aspectos.
Acredito que devo ser incluído em mais coisas
que possibilitem o acesso e permanência de
estudantes, o participarem de programas, e tam-
bém, acredito para os tempos pós-universidade,
fazem discussões sobre esse tema na univer-
sidade, não é besteira falar de nossas vivências,
das lutas que fazemos, das questões que tor-
turi a minha identidade. Não eu eu que sou
forte, mas também me permito ser fraca, chorar,
desanimar, sou a protagonista do meu história,
deixei onde queria ficar, mesmo com amigos e estudos,
eu não abandono e me construo enquanto mulher,
mãe, universitária, professora, filha, escritora, sou
muitas, venho me descobrindo continuamente.
Enquanto me escrevo passo as situações em minha
vida e por isso venho um "coração, passo
por isso", "amigam". Foi como escrita de

fraderna, paciente e misericórdia. Concluiu o escrito
dixendo em verso de mim, do meu histoia,
eizo em tal constiuição constante, tal se, nem sim-
pre panta, mas lidando com os desafios e organiza-
do as possibilidades que surgem no caminho, fo-
rando o meu melhor em cada momento.

APÊNDICE N - CARTA DA HERMANA V.R

Olá! Me chamo [REDACTED], tenho 23 anos e estou cursando o 9º período do curso de Pedagogia da UFCG. Sou uma mulher preta, de família humilde e também sou mãe. Dos meus irmãos fui a primeira a entrar em uma universidade, o que nos remete às dificuldades que enfrentamos enquanto classe social pobre e de poucas oportunidades.

Em função da necessidade de melhorias para minha existência e auxílio a minha família, comecei a trabalhar muito cedo e não foi um trabalho forçado, afinal, nós pobres não temos a opção da escada, e assim fiz. Compreendi muito cedo que a nossa classe social é sucateada e esquecida. Como sou residente aqui da cidade de [REDACTED] portanto consequentemente trabalho aqui. Atualmente estou como Diretora de Planejamento e Projetos da Secretaria da Mulher e Diversidade Humana aqui do município, antes disso eu já atuava como professora de fundamental 1.

O meu filho chama-se [REDACTED] tem 3 anos e 5 meses de idade. É uma criança introvertida e que significa tudo para a minha vida. Ele é a razão principal pelo qual eu busco dar o meu melhor todos os dias. Ele nem sabe ainda mas já me salvou inúmeras vezes, quando eu achava não ter vida.

É literalmente a minha razão de viver. É que força um filho pode nos proporcionar né? É incrível, mas às vezes também é cruel.

010

É fácil por que a maioria sempre usa a mão esquerda para escrever, portanto, os olhos ficam mais confortáveis.

Obter uma formação acadêmica para a maioria dos alunos é muito difícil, afinal muitos estudantes têm dificuldades que os fazem perder tempo e a consequência é um tempo adicional. Para os alunos mais inteligentes, estudar é mais fácil, mas sempre há dificuldades para alguns ou outros, devido às condições de acesso aos materiais necessários. O meu filho se sente a maioria parte do meu tempo, de minha atenção. Tudo o que faço é em prol dele.

Depois do nascimento de [nome] a rotina mudou um pouco mais, até mesmo com a chegada de meu filho mais velho, o tempo comido com as atividades, desde então aqui, tem relação com horários de estudo, geralmente me concentro melhor a noite, então sempre que ele dorme tento ser produtiva ao máximo (mesmo sabendo que no dia seguinte eu estarei mais cansada do que nunca, mas não deixo nada de lado, até outras horas). Então depois disso eu consigo me dedicar mais às atividades acadêmicas, com certeza de uma maneira que eu não teria conseguido antes. É muito difícil e eu sinto muito por mim mesma. Não posso um pouco menos com certeza, então as coisas de rotina são muito importantes.

A universidade disponibiliza muitos programas e projetos, mas não posso fazer de quase nada atualmente pela instituição de tecnologia de demandas por estudos aqui. Em momentos de [nome] [nome]

na parte posterior, um espaço retido para os filhos deop; não há uma rede de apoio por parte da instituição que possa assegurar a unidade com os outros colegas, igualmente os pais tentam se dedicar aos estudos. O pai, por sua vez, tem muita influência sobre a participação dos estudantes em programas, projetos de projetos.

Com tantos desafios existentes, não sempre é fácil, uma falta na educação de não atender os meus estudos. Desde o início da maternidade eu tive a minha rede de apoio masculina. Tenho meu esposo, minha irmã, minha mãe. Minha mãe de responsabilidade por eu não ter me preocupado. Porém, mesmo tendo uma rede de apoio, ainda há momentos em que eu tive que estar sozinha, na ausência de um pai e na falta de maternidade falou mais alto me privando alguns de aprender.

Relatando a problemática da falta de suporte da rede, instituída eu sinto isso como uma dívida e uma falha em termos de tempo de tempo. É como se não fosse suficiente, como se não fosse não fosse um apoio para a queda de rede, rendimento. É um ponto muito forte pelas mães que não permanecem aqui, por medo que venha trazer os dias ruins para a transmissão pelas mães estudantes que não estão a mesma angústia quanto

03

Ultimamente, deixo aqui os meus
amigos. É apenas um momento pela
defesa do RCC, a final, mas é o momento
que me estimula. Fico aqui a pensar,
poderei ter mais tempo para me
dedicar às necessidades do meu
país.

APÊNDICE O – CARTA DA HERMANA L.L

Me chamo [REDACTED], tenho 24 anos,
sou trabalhadora do comércio e estudante
de licenciatura. Sou branca, de origem
humilde e que vejo na Educação além de
um sonho, a esperança de melhores condições
de vida.

O exercício da escrita sempre me assustou, escrever agora, neste momento, me provoca sensações estranhas, medo de não conseguir expressar minhas ideias de forma clara, medo de errar na ortografia. É isso é muito reflexo da minha vida, sempre tive medo de me expressar, de aparecer, de me posicionar, mas é algo engraçado, porque eu nunca deixei o medo me paralisar, e em uma conversa com meus eu disse "Senhor eu deveria ter nascido homem, porque eu nasci mulher" é quando falei isso foi com um pensamento do tipo " caramba, a vida para as mulheres trazem muitos desafios" principalmente quando você faz parte de ^{outro} grupos minoritários e que sofre diariamente com os desequilíbrios

Antes de prosseguir com meu desabafo, quero fazer um adendo... Estou escrevendo nestas folhas, porque agora me encontro no trabalho, não tenho muito tempo para escrever antes porque são muitas as demandas, trabalho manhã e tarde...

Estreando atrás de uma lousa na semana
para fazer os trabalhos. Muitas vezes me
sinto inútil por não dar de conta de
todas as minhas demandas, mas mesmo
assim preciso continuar.

Agora sim... Depois de feitas algumas
considerações, irei falar um pouco sobre minha
trajetória acadêmica, na forma de médico
em Setembro de 2016, e no início de 2017
comecei a trabalhar no comércio, como fazem
aprendiz, passei em vários cursos no período
da manhã e da noite, mas como estava
trabalhando, esperei abrir para Psicologia
à noite. Então em outubro de 2017, mais de
um ano sem estudar e aquilo me deixava
inquieta, ansiosa, presa lá atrás dos meus
deveres. Primeiro dia na universidade,
primeiro contato com os colegas que se
tornaram amigos, primeiro contato com
aquele universo da universidade. Eu
estava feliz, porém cansada... Depois de
um longo dia de trabalho, eu só queria
deixar da fadiga e ir dormir, mas me
conheço e sabendo da minha temerária

começar hoje, o curso, eu não conseguia. Eu
estou exausta. E podem surgir algumas pergun-
tas sobre porque não largue o emprego e
a resposta é uma só "necessidade".

Eu queria muito participar de eventos, de
monitores e de diversos outros programas,
mas eu precisava dos empregos, no dia
tanto não ir para os eventos, ter a maior-
ia ainda e eu não, mas se eu tivesse
do trabalho eu teria tempo, mas não
dinhare.

A partir do conhecimento que fui adquirindo
~~entendendo~~ sobre a universidade e sobre os
projetos, eu me encantei e coloquei na cabe-
ça que eu queria participar, mas como se
os programas não são pensados para
pessoas como eu, que trabalho o dia todo
e tem vários dias, porque eu queria fazer
parte, queria aprender, mas era impossível.

É foi diante do impossível, que novamente
fui forte e pedi a seus que me ajudasse, e
assim eu fui segundo, sem participar de nada.
Até que no período de ensino remoto, eu
vi a minha chance então eu não brinco.

encaxearia as coisas no meu tempo livre ou
até mesmo escondido no trabalho, isso
foi o caso da entrevista do RP, que fiz
escondido dentro do banheiro do meu
trabalho, sendo a hora ser desobediência, mas
eu fiz, novamente eu pensei ser forte.
Infelizmente não consegui o RP, eu não
tinha currículo, eu não tinha parte para
de noite, e a... novamente cheguei por
diro.

Até que vieram as instruções de monitoria,
como eu tinha me matriculado em três
disciplinas, eu vi a minha chance... nota-
mente, porém ~~em~~ surgiu um impasse, a
única disciplina que eu poderia fazer a
noite, era no mesmo dia que eu tinha
outra, mas eu precisava tentar... tentar, pois,
mas logo em seguida fui desobediência. Me
dixeram que eu não podia fazer por da
monitoria, porque eu estava matriculado
em uma disciplina no mesmo dia, fiquei
arrasada - disse que eu poderia tentar a
disciplina para tentar participar -
mas não permitiram.

importante era a integralização dos componentes curriculares, fiquei sem etar, de novo eu tinha perdido outra oportunidade. Porém em um certo dia, recebi uma ligação dizendo que eu fui aceita novamente na monitoria, como bolsista, mas eu não atuei de maneira assídua, e assim foi.

No PIBID foi da mesma forma, passei como bolsista e realizava as ações no meu horário de almoço e no tempo de trabalho - casa, a minha sorte foi contar com a compreensão da coordenadora do programa.

Em relação ao projeto de pesquisa, eu enviei um e-mail e expus, a professora me orientou, porém eu não tinha condições que era trabalhadora, por isso e por não ter um peso, depois de um tempo, tive coragem e falei, ter sido aceita, em palavras, pra mim foi algo surpreendente, e que me deixou muito feliz, o bom foi que as ações eram feitas aos domingos e à noite, pensando na minha condição de trabalhadora de comércio.

obras redes de apoio, sempre teve a ajuda
a família, que seguraram a minha mão
e me ajudaram na realização de tudo que
eu me propunha a fazer.

Sobre a universidade, os projetos e propostas
até mesmo as políticas, não são pensados
fora das limitações de muitos estudantes.

É para finalizar... só uma observação,
seu terminando de escrever a carta no
intervalo de uma hora e de folio.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HOJE EU ME PARI: ESCRIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Pesquisador: KASSIA MOTA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71051923.6.0000.5575

Instituição Proponente: UFCG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.234.459

Apresentação do Projeto:

Ser mulher ainda está relacionado a uma sistemáticasexista/machista/patriarcal/colonial na qual nos colocam em um patamar de grandes vulnerabilidades e de grandes discriminações. Pensar o ser mulher, especificamente no Brasil, implica questionar uma estrutura eurocêntrica que normatiza, silencia, naturaliza e padroniza sua epistemologia e sua cultura em todas as esferas sociais. Em vista disso, por exemplo, as mulheres, comparadas aos homens, dedicam mais horas dos seus dias nas tarefas de cuidados, sejam eles domésticos ou nos cuidados de pessoas, reduzindo assim, o seu tempo de dedicação em relação as outras instâncias de suas vidas (IBGE, 2021). Mediante esses fatos, que a pesquisa em tela se originou a partir da seguinte problemática: como as identidades que atravessam a vida das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, podem influenciar na formação acadêmica destas mulheres? Objetivando evidenciar como as violências, sobretudo as de gênero, podem afetar a trajetória acadêmica destas alunas. Como aportes teóricos, o

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cepcfufcgcz@gmail.com

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 8.234.459

estudo se ancoranas perspectivas do feminismo decolonial e interseccional, dialogando com Anzaldúa(2000), Davis (2018), Evaristo (2020), Gonzalez (2020), Hooks (2019), Oywùní(2004), Ribeiro (2017), Vergés (2020), entre outras autoras. Metodologicamente serárealizada análises de cartas das voluntárias da pesquisa nas quais irão se expressarsobre os desafios de ser mulher e ser estudante e quais os caminhos que elas encontrampara perpassar por esses desafios, como também, o preenchimento de um formuláriocom o objetivo de traçar o perfil das universitárias. O diálogo e a escrita dessasmulheres, indicará a importância da discussão de gênero nos espaços educacionais e doamparo institucional, a partir de políticas públicas efetivas, para o acesso epermanência das mulheres na Universidade.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Adentrar na realidade das alunas do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, para identificar as identidades que as atravessam, a fim de analisar como estas podem influenciar na formação acadêmica dessas mulheres.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) investigar quais são as identidades que atravessam a vida destas mulheres;
- b) identificar quais foram/são os desafios de conciliar as muitas de si para o ingresso na Universidade, para a formação acadêmica e para a permanência na Universidade e;
- c) conhecer as políticas públicas e as redes de apoio e/ou a falta delas, dentro da instituição de ensino, que visam dar suporte (ou não) a estas mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os possíveis riscos com a realização da pesquisa são: de constrangimento, pela pesquisa ter interesse acerca das memórias e experiências sobre a vida das voluntárias; desconforto, devido ao tempo investido na produção de dados e/ou; preocupação, com a quebra de

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: capcpulcgcz@gmail.com

Página 02 de 05

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 6.234.459

sigilo/confidencialidade. Considerando estes riscos, proponho como estratégias, para a diminuição destes, os seguintes pontos: 01. Garantia do anonimato, as voluntárias da pesquisa serão nomeadas por nomes de escritoras feministas latinas, as quais fundamentam teoricamente a pesquisa; 02. Assegurar o posicionamento ético e o rigor metódico nas análises, buscando fugir de interferências e/ou julgamentos; 03. Estar em prontidão com quaisquer dúvidas e questionamentos das voluntárias e; 04. Fornecer o retorno da pesquisa para as voluntárias, mostrando suas contribuições com a pesquisa e evidenciando o cumprimento com a garantia do anonimato e do posicionamento ético certificado pela pesquisadora.

Os benefícios da pesquisa serão: auxiliar e contribuir com a prática da pesquisa com mulheres na Universidade, visando à melhoria da qualidade da educação mediante a inclusão de discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero na educação

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O presente projeto de pesquisa apresentou:

Carta de anuência;

Cronograma;

Orçamento;

Folha de rosto;

Instrumento de Coleta de dados;

TCLE;

Termo de compromisso de divulgação dos resultados e

termo de compromisso da pesquisadora.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa HOJE EU ME PARI: ESCRIVIVÊNCIAS COMO ATO DE DESCOBERTAS E RESISTÊNCIAS ACERCA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA, número 71051923.6.0000.5575 e sob

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cscp@ufcgz@gmail.com

Página 03 de 05

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 6.234/459

responsabilidade de KASSIA MOTA DE SOUSA atende aos preceitos éticos recomendados para trabalhos que envolvem seres humanos e, portanto, somos favoráveis à sua APROVAÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que o relatório do presente projeto de pesquisa seja enviado a este CEP em um prazo máximo de seis meses a contar da sua data de aprovação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2106186.pdf	30/06/2023 11:44:45		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Daiane_Pereira_Soares.docx	30/06/2023 11:42:20	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DO_PROJETO_Daiane_Pereira_Soares.docx	30/06/2023 11:37:13	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE21Junho.pdf	21/06/2023 09:04:10	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_DAIANE_PEREIRA_SOARES.pdf	29/05/2023 17:23:41	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_DAIANE_PEREIRA_SOARES.pdf	29/05/2023 17:22:02	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DA_PESQUISADORA.pdf	29/03/2023 15:54:41	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_COMPROMISSO_DE_DIVULGACAO_DOS_RESULTADOS.pdf	29/03/2023 15:49:05	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_DA_PESQUISA.pdf	29/03/2023 15:46:13	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	INSTRUMENTODECOLETADE DADOS 1.docx	29/03/2023 15:42:50	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	INSTRUMENTODECOLETADE DADOS 2.docx	29/03/2023 15:42:36	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	INSTRUMENTODECOLETADE DADOS 3.docx	29/03/2023 15:41:48	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cepcufcgcx@gmail.com

Página 04 de 05

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 6.234.459

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 11 de Agosto de 2023

Assinado por:

**Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cspcufcgcz@gmail.com

Página 05 de 05